

Cristiano Gonçalves Araújo

O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua  
dispersão gramatical em português brasileiro:  
uma descrição sistêmico-funcional orientada  
para os estudos lingüísticos da tradução

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Cristiano Gonçalves Araújo

# O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma abordagem teórico-descritiva calcada na teoria sistêmico-funcional de linguagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lingüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

***Agradecimentos:***

À universidade pública de qualidade, meus agradecimentos;

À minha orientadora, pessoa que admiro pela capacidade intelectual e por estar sempre disposta a ajudar, o meu muito obrigado. Você é um exemplo que eu quero seguir;

À CAPES, os meus agradecimentos pelo apoio financeiro;

À minha esposa, agradeço pela paciência e pelo apoio emocional;

Aos meus pais agradeço pelo cuidado e dedicação;

Aos meus amigos e colegas de pesquisa, obrigado por compartilharem comigo suas experiências e expectativas;

A Deus, o meu agradecimento por tornar tudo isto possível.

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	5
LISTA DE TABELAS E QUADROS .....	6
RESUMO e ABSTRACT .....	7
1. INTRODUÇÃO .....	8
2. REVISÃO DA LITERATURA .....	19
2.1. Os Estudos da Tradução e a descrição de sistemas lingüísticos: pontos de contato....	20
2.2. As dimensões de análise da linguagem .....	26
2.3. As abordagens sistêmicas da tradução .....	33
2.4. Localizando a pesquisa nas dimensões de análise da linguagem e nas .....	37
abordagens sistêmicas da tradução	
2.5. O sistema semântico de PROJEÇÃO .....	39
3. METODOLOGIA .....	55
3.1. Considerações iniciais .....	56
3.2. Aspectos metodológicos da pesquisa .....	58
3.2.1. A seleção e compilação do corpus .....	58
3.2.2. Acesso ao Lácio-Ref como corpus complementar de auxílio à análise .....	66
3.2.3. O sistema considerado .....	68
3.2.4. A anotação do corpus .....	72
3.2.5. As ferramentas computacionais de auxílio à análise .....	75
3.3. Procedimentos de análise .....	77
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	78
4.1. Considerações iniciais .....	79
4.2. O sistema semântico de PROJEÇÃO: nível de projeção; .....	80
modo de projeção; e função discursiva	
4.3. A projeção de idéias e sua dispersão gramatical .....	84
4.3.1. Processos mentais.....	84
4.3.2. Adjuntos modais .....	87
4.3.3. Processos mentais nominalizados .....	91
4.3.4. Circunstâncias de ângulo e assunto .....	93
4.3.5. Projeção de idéias: sistematização .....	95
4.4. A projeção de locuções e sua dispersão gramatical .....	96
4.4.1. Processos verbais .....	96
4.4.2. Adjuntos modais .....	101
4.4.3. Processos verbais nominalizados .....	102
4.4.4. Circunstâncias de ângulo e assunto .....	103
4.4.5. Projeção de locuções: sistematização .....	105
4.5. Projeção no modo de citação e no modo de relato.....	106
4.6. Função discursiva das orações projetadas .....	114
4.7. Projeção, tradução e agnação: algumas considerações .....	118
5. CONCLUSÕES .....	121
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	125
ANEXO I – Lista de termos traduzidos .....	131

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Domínios de análise a serem considerados ao se estudar a tradução segundo Steiner (2001b) .....	38
FIGURA 2 – Dispersão do sistema de PROJEÇÃO em ambientes lexicogramaticais .....	43
FIGURA 3 – Organização paradigmática dos sistemas relacionados à projeção, elaborada a partir das considerações apresentadas por Halliday e Matthiessen .....	47
FIGURA 4 – Representação gráfica da relação de troca presente na projeção verbal e ausente na projeção mental, elaborada a partir de Halliday e Matthiessen (1999:110).....	50
FIGURA 5 – Dispersão funcional do sistema semântico de PROJEÇÃO.....	53
FIGURA 6 – Opções do sistema semântico de PROJEÇÃO segundo Halliday e Matthiessen (1999; 2004).....	54
FIGURA 7 – Diagrama de tipologia textual, sistematizado por Matthiessen e Teruya a partir do trabalho de JeanUre.....	60
FIGURA 8 – Opções do sistema semântico de PROJEÇÃO, segundo Halliday e Matthiessen (1999; 2004).....	70
FIGURA 9 – Interface gráfica dos aplicativos <i>Concord</i> , do programa WordSmith tools, e <i>Concordanciador</i> , do Lacio-Ref.....	76
FIGURA 10 – A dispersão da projeção no sistema dos adjuntos modais de modo e de comentário .....	88
FIGURA 11 – Sistematização da dispersão gramatical da projeção de idéias .....	95
FIGURA 12 – Sistematização da dispersão gramatical da projeção de locuções .....	106
FIGURA 13 – Realização de relato e citação nos estratos da linguagem .....	114
FIGURA 14 – Diagrama-resumo de processos mentais, elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (1999:144) .....	115

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tipos textuais do corpus segundo a convergência dos processos sócio-semióticos com o modo e o tipo de relação, e descrição do número de <i>tokens</i> considerados.....	63
--	----

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Exemplos de realização gramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO.....	44
QUADRO 2 – Exemplos da dispersão da projeção segundo a ordem do complexo oracional, da oração, e do grupo nominal.....	46
QUADRO 3 – Anotação das relações de interdependência entre as orações.....	73
QUADRO 4 – Exemplos de projeção de idéias e de fatos na ordem do complexo oracional.....	85
QUADRO 5 – Exemplos de projeção de idéias no domínio dos adjuntos modais .....	90
QUADRO 6 – Nível de validade atribuído à informação em exemplos de projeção de idéias nos ambientes de realização de adjuntos modais e de processos cognitivos agnatos.....	91
QUADRO 7 – Exemplos de projeção de locuções na ordem do complexo oracional e na ordem da oração .....	97
QUADRO 8 – Nível de validação e nível de expectativa indicados por processos verbais .....	100
QUADRO 9 – Função discursiva e processos verbais .....	116
QUADRO 10 – Padrões de realização de propostas e proposições de locuções e idéias nos modos de relato e citação .....	117
QUADRO 11 – Projetando locuções com o verbo dizer: potencial e restrições na confluência dos sistemas de modo de projeção e função discursiva .....	120

## RESUMO

O presente estudo assume a lingüística sistêmico-funcional como parte integrante de um modelo de abordagem à tradução, e busca contribuir para este modelo a partir de um enfoque específico, qual seja, o da descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO e de sua dispersão gramatical em português brasileiro. Baseando-se no trabalho de Halliday e Matthiessen (2004), e em outros trabalhos fundamentados na teoria sistêmica, este estudo aborda a descrição da projeção de locuções e idéias, tanto em relação aos modos de relato e citação quanto em relação à função discursiva (se proposta ou proposição) das orações projetadas. Para se proceder à descrição proposta neste trabalho, foi montado um corpus composto por textos em português brasileiro pertencentes a diferentes domínios de registros, somando-se cerca de 30.000 *tokens*. Este corpus foi anotado e os dados foram coletados com o auxílio do programa *WordSmith Tools*. A partir dos dados obtidos foram descritos padrões de ocorrência que possibilitaram caracterizar a configuração do sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro. Os resultados obtidos com esta análise podem informar outros estudos discursivos e contrastivos que, adotando os subsídios teóricos da teoria sistêmico-funcional de linguagem, tenham por interesse a tradução e a produção multilíngüe de textos.

**Palavras-chave:** Estudos da tradução; Lingüística sistêmico-funcional; Tipologia lingüística.

## ABSTRACT

This study conceives of systemic-functional linguistics as an integrating part of a model to approach the study of translation and aims at contributing to this model through a description of the semantic system of PROJECTION and its dispersal in Brazilian Portuguese grammar. Drawing on the work of Halliday & Matthiessen (2004) as well as on other works developed within the systemic functional theory, this study develops a description of the projection of ideas and locutions, both in relation to the quote and report modes and in relation to the speech function (whether proposal or proposition) of the projected clauses. In order to pursue the description proposed in this study, a corpus composed by texts in Brazilian Portuguese belonging to different registerial domains was compiled, amounting about 30.000 tokens. This corpus was annotated and data retrieved with the aid of *WordSmith Tools* software. Based on the collected data this study described patterns of occurrences that allowed for the characterization of the configurational patterns of the semantic system of PROJECTION in Brazilian Portuguese. The results obtained by means of this analysis can inform other studies that adopt the systemic functional framework in order to approach translation and multilingual text production.

**Key words:** Translation studies; Systemic-functional linguistics; Language typology.

# INTRODUÇÃO

## 1. INTRODUÇÃO

Embora consolidado como campo de estudo autônomo, os Estudos da Tradução apresentam, em comparação a outros campos disciplinares, uma característica que lhe é bem peculiar: é uma das poucas áreas do saber que apresenta um objeto de estudo delineado, mas que não dispõe de um aparato teórico ou metodológico próprio (cf. FIG. A1.1 – *Map of the disciplines interfacing with Translation Studies* - em HATIM e MUNDAY, 2004: 6), o que explica a dispersão do estudo da tradução em diferentes abordagens e escopos teóricos, cada qual com interesses e métodos específicos. Mesmo nos casos em que, aparentemente, tem-se o que se entende por teoria da tradução ou mesmo métodos de abordagem à tradução, verifica-se, em uma análise mais detida destas teorias e métodos, o fato de serem estas simbióticas de outros campos do saber, sendo remodeladas a fim de tratar de um objeto de estudo que, assumidamente, é próprio dos Estudos da Tradução. Além disso, observa-se na literatura que inclusive o objeto de estudo não apresenta uma definição consensual (cf. GUTT, 2004), o que implica em maiores dificuldades ao se buscar um diálogo entre as diferentes abordagens e métodos (cf. SNELL-HORNBY, 1988). Apesar disso, parece haver um ponto de consenso entre os teóricos da área, independentemente da abordagem a que se afiliam, a saber, o de que a tradução (enquanto texto) é produto de um processo de produção de significados distinto dos demais. Possivelmente, é por esta razão que muitos estudiosos da área buscam definir as especificidades da tradução, por meio da análise de seu processo de produção, de seu produto como texto, e de sua função na cultura.

Em termos gerais, a tradução é entendida como processo de produção de significados distinto dos demais porque ela é concebida a partir de certas restrições, dentre

as quais, a do material de um artefato semiótico (seja ele um texto em outra língua – nos casos de tradução interlingüística; um texto em uma mesma língua – nos casos de tradução intralingüística; ou qualquer outro símbolo (*e.g.* pintura) - nos casos de tradução intersemiótica). Outro ponto característico do estudo da tradução, e que, em maior ou menor medida transparece em trabalhos de teóricos da área, é o fato de, por ser concebida a partir de uma relação com outro significado, ser ela estabelecida a partir de relações de equivalência. Vejamos, por exemplo, que a partir de uma abordagem lingüística, Catford (1980: 22) define a tradução como “substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente noutra língua (LM)”, o que evidencia, em primeira instância, a restrição no processo de produção da tradução e, por conseguinte, a necessidade de se estabelecer relações de equivalência com base em algum parâmetro, a partir do qual se possa dizer se houve esta substituição e de que forma.

É a partir do estabelecimento de relações de equivalência que comumente se define um texto como sendo uma tradução de um outro (cf. CATFORD, 1965), e é a partir destas relações que geralmente se julgam valor e efeito do texto na cultura de chegada. Contudo, verifica-se na literatura sobre a tradução que nem o conceito de equivalência é consensual, nem os parâmetros a partir dos quais ela é estabelecida. Desta forma, uma pergunta a se fazer é “equivalência em relação a quê?”. Outro ponto, também observável na literatura, é que grande parte dos modelos de análises de tradução (*e.g.* LEUVEN-ZWART, 1989; 1990; HOUSE, 2001; e outros) parecem dar maior ênfase ao que não se é tido por equivalente (em uma perspectiva de comparação entre texto-fonte e texto-alvo), o que resulta em uma outra pergunta, já um pouco mais especulativa: “por que não enfatizar o que se é tido por equivalente?”, o que, dentre outras implicações, parece ser mais significativo

para uma possível modelagem computacional para fins de produção lingüística (seja ela bilíngüe ou multilíngüe).

Para se responder à primeira pergunta é necessário um retorno à teoria, o que implica em filiar-se a uma forma de se olhar para a tradução, que pode basear-se em um nível maior ou menor de empiricidade (i.e. sustentação por dados). Além disso, é necessário ressaltar que, conforme apontam Matthiessen e Nesbitt (1996), a teoria é o que potencializa as análises. Neste sentido, quanto mais robusta for a teoria, maior é a quantidade de fenômenos que podem ser explicitados e explicados. Desta forma, posicionar-se dentro de uma teoria robusta parece ser a melhor forma de se buscar responder às questões relacionadas à tradução.

Como já foi observado, a tradução é entendida como um processo de produção de significados; com efeito, ela é um fenômeno de linguagem. Consoante a isto, estudar a tradução é, de fato, estudar as formas em que a linguagem produz significados, razão pela qual as abordagens à tradução se baseiam comumente em modelos teóricos que, embora não desenvolvidos para o estudo específico da tradução, servem a ela justamente pelo fato de abordarem a produção de significados. Neste sentido, e retomando-se as reflexões apresentadas por Matthiessen e Nesbitt (1996), uma teoria robusta de linguagem pode fornecer subsídios que potencializem, dentre outros fatores, o entendimento de o que é a tradução, de quais parâmetros podem ser considerados ao se tratar de equivalências, e mesmo para se avaliar o texto na cultura de chegada, a partir de evidências discursivas.

Nos Estudos da Tradução diversas teorias têm sido utilizadas para explicar a tradução, ou abordar alguns de seus aspectos. Contudo, a tradução é em última instância um fenômeno de linguagem e, dessa forma, precisa de uma teoria de linguagem robusta que potencialize o seu entendimento. Catford (1965), ao descrever sua teoria lingüística da

tradução, pauta-se sobretudo no trabalho de Halliday et al (1964), que esboça as linhas gerais do que posteriormente, com o acréscimo da orientação metafuncional, veio a se configurar como teoria sistêmico-funcional da linguagem. Cabe mencionar que esta teoria mostrou-se profícua ao tratar do estudo da tradução, razão pela qual é adotada (mesmo que por vezes parcialmente) por muitos teóricos da área como subsídio para suas análises, formulações teóricas e também na elaboração de materiais didáticos, configurando o que é identificado como abordagens sistêmicas da tradução (cf. VASCONCELLOS e PAGANO, 2005).

A teoria sistêmico-funcional da linguagem é uma teoria de linguagem abrangente que, assumindo diferentes dimensões de análise que se correlacionam entre si, é empregada em análises discursivas e em descrições lingüísticas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Dentre estas dimensões menciona-se a organização metafuncional da linguagem, a estratificação em níveis, a organização em ordens, a instanciação de registros, e a orientação paradigmática segundo a qual a linguagem se configura a partir de uma rede de sistemas. Estas diferentes dimensões têm sido retomadas em análises e integram modelos que tratam da tradução, os quais, adotando orientações mais discursivas ou mais descritivas, utilizam o aparato descritivo da teoria sistêmica e, por conseguinte, sua base epistemológica, para potencializar o estudo de textos em relação tradutória.

Um ponto em comum entre as orientações descritivas e discursivas, que tomam por base a teoria sistêmico-funcional da linguagem como parte integrante de um modelo de análise da tradução, é que ambas envolvem a descrição dos significados realizados; a primeira, geralmente com fins contrastivos, e a segunda, visando comumente analisar efeitos de sentido na cultura de chegada. Desta forma, verifica-se que a descrição é base para o estudo da tradução.

A descrição pode servir ao estudo da tradução de diferentes formas; contudo, antes de se adentrar neste ponto, é preciso entender as diferentes facetas associadas ao termo *descrever*, quando empregado ao se tratar da tradução. Observemos, primeiramente, que na tradução<sup>1</sup> têm-se dois (ou mais) sistemas lingüísticos, instanciados como textos representativos de um dado registro. Neste sentido, pode-se dizer que há três níveis descritivos: o da instância, o do registro e o do sistema (ou rede de sistemas) que constitui o potencial de significado da língua. O nível da instância é comumente aceito como aquele a partir do qual se estabelecem relações de equivalência. Isto porque, como afirma Catford (1965), a tradução se dá a partir da relação entre instâncias (i.e. texto-fonte e texto-alvo), e não entre sistemas lingüísticos<sup>2</sup>. Com efeito, descrevem-se instâncias de textos-fonte e textos-alvo a partir das quais se estabelecem relações de equivalência (ou não-equivalência). Contudo, esta é, de certa forma, uma abordagem limitada ao se explicar a tradução, porque não leva em consideração o nível do registro. A consideração da configuração funcional (i.e. do registro) de textos-fonte e alvo, presente em grande parte dos trabalhos de teóricos dos Estudos da Tradução, mesmo que, por vezes, de forma não sistemática, potencializa a descrição das características que definem a produção textual identificada por tradução frente a outros tipos de produção textual. Para se considerar o nível do registro é preciso, entretanto, contar não somente com descrições do texto-fonte e alvo, como também de produções monolíngües constituintes dos registros na cultura de partida e na cultura de chegada. Por fim, há um terceiro nível descritivo que serve de base para o estabelecimento de relações de equivalência e à descrição das características que

---

<sup>1</sup> Em uma perspectiva interlingüística.

<sup>2</sup> Embora Catford (1965) reconheça em seu trabalho que a descrição dos sistemas lingüísticos informa a descrição e comparação de instâncias.

delineiam a tradução frente a outros tipos de produção textual, nomeadamente, o nível do sistema.

A palavra “sistema” possui duas acepções na teoria sistêmico-funcional da linguagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Ela é utilizada para se referir ao potencial de significado da língua e também para identificar as opções que configuram um paradigma lingüístico (e.g. o sistema de polaridade, cujas opções são *positivo* e *negativo*). Contudo, estas acepções são complementares, uma vez que o potencial de significado da língua constitui-se a partir do conjunto de todas as opções paradigmáticas que compõem as redes de sistemas (fonológico, gramatical e semântico) da linguagem. Neste sentido, descrever o potencial de significados da língua é, de fato, descrever a configuração destas redes de sistemas.

Conforme apontam Matthiessen e Nesbitt (1996), a descrição de sistemas lingüísticos se presta a diferentes fins (e.g. ensino, inteligência artificial, tradução, etc.), dentre os quais, servir de parâmetro para outras descrições. Ainda, segundo estes autores, a descrição jamais se desvincula da teoria (mesmo que esta seja tratada implicitamente), razão pela qual a teoria é constantemente retomada nos trabalhos descritivos, os quais, por sua vez, evidenciam o potencial da teoria pelo nível de detalhamento da análise.

Ao se remeter aos Estudos da Tradução, a descrição de sistemas lingüísticos serve de parâmetro para a descrição das relações de equivalência, para a identificação de possíveis restrições sistêmicas, e também ao mapeamento da configuração de registros e das características que definem a tradução frente a outros tipos de produção textual. Isto não implica numa primazia da descrição de sistemas nos Estudos da Tradução, mas aponta para o fato de que a descrição de como se configuram os sistemas é uma etapa necessária para se explicar o porquê das relações de equivalência e para se identificar características

da produção textual no continuum monolíngüe – multilíngüe, pois é em relação ao sistema (e ao registro) que se explica por que certos significados são produzidos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, cap. 1).

A descrição de sistemas lingüísticos é, pois, necessária para estudos que busquem teorizar e explicar a tradução a partir de uma teoria lingüística (HALLIDAY et al, 1964; HALLIDAY, 2001). No escopo da teoria sistêmico funcional, estas descrições já existem com diferentes graus de abrangência para línguas como o inglês, o francês, o chinês, o japonês e o alemão (MATTHIESSEN, 1999); contudo, embora no Brasil haja descrições funcionalistas do português (cf. NEVES, 2000), ainda são incipientes os trabalhos voltados para a descrição dos sistemas que compõem o potencial de significado desta língua a partir de uma orientação sistêmica e funcional. Nesta orientação, existem trabalhos sobre o sistema de TEMA do português (cf. BARBARA e GOUVEIA, 2001; VENTURA e LIMA-LOPES, 2002), estudos que se baseiam na teoria sistêmico-funcional para a descrição de padrões em textos em relação tradutória (e.g. RODRIGUES e PAGANO, 2005; ASSIS e MAGALHÃES, 2004; CRUZ e PAGANO, 2003) e alguns outros trabalhos que têm por orientação a lingüística sistêmico-funcional como instrumental de análise. Contudo, ainda são incipientes estudos sistemáticos cuja orientação seja a descrição dos sistemas que compõem o potencial de significado do português brasileiro, e que possam, assim, contribuir para o estudo do texto traduzido, e para o próprio desenvolvimento da teoria em referência à língua portuguesa.

Consoante à relevância da descrição de sistemas para o estudo da tradução nas vertentes que assumem a teoria sistêmico-funcional como parte integrante de um modelo de abordagem a este uso da linguagem, e à carência de estudos descritivos do português calcados no escopo desta teoria, que possam servir de base a outros estudos descritivos,

contrastivos e discursivos, o presente trabalho busca contribuir com esta descrição a partir de um enfoque específico, nomeadamente, com a descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro. O enfoque neste sistema se deve ao fato de que ele é representativo em domínios de registro para o qual há um grande número de traduções diretas e inversas, ao fato de ser retomado em diferentes pesquisas desenvolvidas no escopo do projeto CORDIAL (Corpus Discursivos para Análises Lingüísticas e Literárias), ao qual esta pesquisa se vincula, e ao fato de ser este um sistema disperso na lexicogramática, e neste sentido, sua realização carecer de uma sistematização.

Desta forma, constitui objetivo desta pesquisa descrever o sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro, assim como sua dispersão gramatical nesta língua, no escopo da teoria sistêmico-funcional da linguagem. Baseando-se no trabalho de Halliday e Matthiessen (2004), assim como em outros trabalhos fundamentados na teoria sistêmica, o presente estudo trata da projeção de idéias e locuções, em seus modos de relato e citação, e em suas funções discursivas referentes à proposição de *informação* ou proposta de *bens e serviços*. Cabe ressaltar que não se trata aqui de uma tradução da descrição já existente para a língua inglesa, e nem poderia ser. Conforme aponta Halliday (1996:33) a teoria sistêmica é uma teoria lingüística geral aplicável a descrições lingüísticas particulares<sup>3</sup> e não uma teoria de universais aplicável a descrições lingüísticas gerais. Neste sentido, este trabalho apresenta uma descrição *sui generis* que, ancorada na teoria sistêmica, é centrada no português brasileiro.

---

<sup>3</sup> E de fato, vem sendo utilizada em descrições de diferentes sistemas lingüísticos, como o francês, o chinês e o japonês (cf. Systemic Meaning Modelling Group, no sítio <http://minerva.ling.mq.edu.au/>).

Para se proceder a esta descrição, foi compilado um corpus composto por textos em português brasileiro pertencentes a diferentes domínios de registro, totalizando cerca de 30.000 *tokens*, o qual foi anotado manualmente a fim de permitir que linhas de concordância pudessem ser levantadas, com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, versão 4. As linhas de concordância, por sua vez, serviram de base para o levantamento de padrões e, subseqüente, análise dos mesmos, o que permitiu que fosse traçado um perfil da gramática que realiza as opções do sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro.

A fim de se apresentar a pesquisa realizada, o presente trabalho foi organizado em capítulos. O primeiro capítulo é composto por esta Introdução, a qual apresenta, de forma geral, a inserção teórica da pesquisa, sua motivação, assim como anuncia seus objetivos e métodos. O segundo capítulo, por sua vez, apresenta uma revisão da literatura, retomando mais detidamente: i) os pontos de contato entre a descrição de sistemas e os Estudos da Tradução; ii) as dimensões de análise da linguagem; iii) as abordagens sistêmicas da tradução; iv) a inserção da pesquisa nas dimensões de análise da linguagem e nas abordagens sistêmicas; v) e, por fim, faz uma apresentação geral do sistema semântico de PROJEÇÃO. Já o terceiro capítulo apresenta a metodologia empregada na compilação e anotação do corpus, e descreve os meios eletrônicos que serviram à coleta de dados, assim como os procedimentos de análise empregados. O quarto capítulo apresenta a análise e discussão dos padrões encontrados no corpus, os quais permitiram traçar um perfil da gramática que realiza o sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro. Cabe ressaltar que, conforme apontam Matthiessen e Nesbitt (1996), a descrição nunca se desvincula da teoria. Neste sentido, este capítulo consubstancia a descrição com um constante retorno à teoria. Por fim, apresenta-se o capítulo com as conclusões do trabalho,

onde também são apresentadas reflexões sobre as limitações da pesquisa e direcionamentos para estudos futuros.

## **CAPÍTULO 2**

### **REVISÃO DA LITERATURA**

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### *2.1. Os Estudos da Tradução e a descrição de sistemas lingüísticos: pontos de contato*

Como foi rapidamente discutido na Introdução deste trabalho, o desenvolvimento do campo disciplinar dos Estudos da Tradução caracteriza-se por uma necessidade de se conceber a tradução como objeto de estudo autônomo, o que resulta na asserção tácita de que a tradução é um processo de produção de significados distinto dos demais (cf. STEINER, 2001a; 2001b). Teóricos como Frawley (1984), ao tratar a tradução como terceiro código, Mona Baker (1992), ao abordar os universais da tradução, e House (2001), ao distinguir a tradução encoberta (“covert”) da manifesta (“overt”), são alguns nomes que sobressaem no campo disciplinar e que vinculam seus trabalhos à necessidade de se teorizar e explicitar as especificidades da tradução. Além disso, evidencia-se neste campo disciplinar o reconhecimento da tradução como fenômeno complexo, o que explica a dificuldade de se propor uma teoria geral da tradução (MALMKJAER, 2005). Dessa forma, a tradução é abordada parcialmente dentro de diferentes escopos teóricos, e o diálogo que existe entre as diferentes abordagens assume geralmente um caráter de crítica e não de complementaridade (cf. SNELL-HORNBY, 1988).

No mapeamento do campo disciplinar feito por Holmes (1988), a tradução como fenômeno é representada em três grandes áreas: a descritiva, a teórica e a aplicada. Ao tratar do ramo descritivo, Holmes (1988) aponta que é possível adotar-se uma orientação voltada para a descrição do processo, da função ou do produto da tradução. Os resultados destas descrições informam as abordagens teóricas, que se caracterizam pela produção de teorias parciais que enfocam aspectos específicos da tradução, e também provêm dados utilizados nas abordagens aplicadas, visando a didática (cf. HATIM e MASON, 1990;

HATIM e MUNDAY, 2004; FAWCETT, 1997) e o estabelecimento de políticas tradutórias (cf. DESLILE; WOODSWORTH, 1998). Verifica-se, assim, que os estudos descritivos são a base sobre a qual as práticas e teorias que tratam da tradução se assentam.

Os estudos descritivos orientados para o processo objetivam a caracterização do processamento cognitivo, das estratégias e dos procedimentos organizacionais nos quais o tradutor está envolvido durante o processo tradutório (cf. ALVES, 2003; HURTADO-ALBIR, 2005). Já os estudos descritivos orientados para a função têm como expoente o trabalho dos funcionalistas alemães (cf. VERMEER, 2000), e se interessam pelos propósitos do texto traduzido na cultura de chegada, incorporando a descrição do contexto como parte determinante do ato tradutório. Por fim, os estudos descritivos orientados ao produto objetivam descrever a configuração lingüística de textos traduzidos, seja para avaliar a qualidade de traduções (cf. HOUSE, 2001), para levantar padrões de realizações lingüísticas em diferentes sistemas lingüísticos (cf. MUNDAY, 1998), para estabelecer relações de equivalência (cf. CATFORD, 1965; LEUVEN-ZWART, 1989; 1990), ou para apontar características próprias ao texto traduzido (cf. BAKER, 1992).

A contextualização teórica dos estudos descritivos da tradução, segundo Malmkjaer (2005), pode se dar de três formas possíveis. Uma das opções é contextualizar a tradução dentro de uma teoria específica, pertencente a um outro campo disciplinar. Neste caso, a tradução é envolta na esfera de uma teoria (por exemplo, lingüística) que se beneficia institucionalmente, visto que é comumente aceito que o impacto de uma teoria é medido pela abrangência de fenômenos que ela consegue explicar. Outra opção é contextualizar a tradução como um sub-ramo de um campo disciplinar, e propor teorias que se baseiem no referencial teórico deste campo para explicar a tradução. Um exemplo deste tipo de contextualização é o trabalho de Catford (1965), que posiciona a tradução como um sub-

ramo da lingüística comparada (“comparative linguistics”). A terceira opção, embora se baseando em conhecimentos de outras áreas, é contextualizar a tradução como objeto específico dos Estudos da Tradução, e assumir que este campo disciplinar possui um estatuto teórico e conceitual próprio. Esta terceira forma de contextualização é uma perspectiva ainda dominante entre os pesquisadores que abordam a tradução (MALMKJAER,2005); contudo, ela é questionada por Gutt (2004:33), importante teórico da tradução que, ao contextualizar a tradução no paradigma inferencial da linguagem, justifica-se:

O fato de ser possível explicar todos estes diferentes fenômenos [os atos de comunicação] sem utilizar o termo ‘tradução’ é muito significativo em si mesmo. Isto demonstra que nós estamos tratando de fenômenos que têm existência autônoma de qualquer conceito de ‘tradução’ (...) o que nos permite separar a investigação dos fenômenos genuínos de comunicação das questões terminológicas sobre o que deve ser chamado ‘tradução’. Em vista do fato de não haver um conceito de tradução consensual, mesmo após anos de debates e controvérsias, a relevância desta separação não deve ser subestimada (p. 33).<sup>4</sup>

Como pode ser observado na literatura (MAMLKJAER, 2005), o debate sobre onde e como contextualizar a tradução ainda não está resolvido, possivelmente por causa das diferentes concepções do que seja a tradução. Nas abordagens lingüísticas que têm por base a lingüística sistêmico-funcional<sup>5</sup>, a tradução é alocada ou como sub-ramo da lingüística comparada (CATFORD, 1965) ou, em trabalhos mais recentes (STEINER, 2001a; 2001b ; TEICH, 2001), em uma perspectiva não contemplada pelo mapeamento de Malmkjaer (2005), haja vista que parte destes trabalhos, embora se vinculem aos Estudos da Tradução,

---

<sup>4</sup> Minha tradução para: “The very fact that it is possible to account for all these different phenomena [acts of communication] without using the term “translation” is quite significant in itself. It shows that we are dealing with phenomena that have an existence quite apart from any concept of “translation” (...) [which] enables us to separate the investigation of the actual communicative phenomena from the terminological issue of what should be called “translation”. In view of the fact that, after centuries of debate and controversy, to this day there is no agreed concept of translation, the importance of this step can hardly be overestimated.”

<sup>5</sup> Matthiessen (2007), ao abordar a tradução em seção plenária no 34º ISFC, utiliza o termo *estudos sistêmico-funcionais da tradução* (*systemic-functional translation studies*) para se referir aos trabalhos que adotam a LSF como base para o estudo do texto traduzido.

assumem a lingüística sistêmico-funcional como parte integrante do modelo de análise. Cabe mencionar, ainda, que esta mudança de orientação que se iniciou nos anos 90 condiz com uma revisão de paradigma, que desloca a pergunta de *o que é tradução*, para *como e por que* tem lugar a tradução (STEINER, 2002).

Este trabalho de pesquisa se vincula ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução seguindo a proposta de Steiner (2001a; 2001b; 2002), sustentada pela teoria sistêmico-funcional, de se contemplar o estudo do texto traduzido. Assume-se, assim, a lingüística sistêmico-funcional como parte integrante de um modelo lingüístico da tradução, o qual busca compreender como os textos traduzidos funcionam, e o que compartilham com outros fenômenos interlingüísticos (STEINER, 2002). Segundo esta orientação, a consideração de como os textos traduzidos funcionam (i.e. significam)<sup>6</sup> deve ser anterior à consideração de quais efeitos os textos traduzidos produzem (STEINER, 2002; HALLIDAY, 2001).

Considerar os efeitos dos textos traduzidos é parte de uma prática discursiva comum na área dos Estudos da Tradução (STEINER, 2002) e, segundo Halliday (2001), refere-se a uma forma de se teorizar a tradução a partir de uma perspectiva específica, qual seja, a do tradutor. Outra possível forma de se teorizar a tradução, segundo Halliday (2001), é a do lingüista, que se orienta para o como os textos traduzidos significam. Neste sentido, a perspectiva aqui adotada é prioritariamente a do lingüista (HALLIDAY, 2001).

Halliday (2001) apresenta de forma objetiva a diferença entre o teorizar sobre a tradução a partir da perspectiva do lingüista e teorizar a partir da perspectiva do tradutor, e

---

<sup>6</sup> Na teoria sistêmico-funcional, o significado é entendido como a realização de uma função em um contexto (KRESS, 1976). Assim, verificar como os textos funcionam em um contexto, é verificar como eles significam.

estabelece uma relação entre estas duas abordagens no aporte da teoria sistêmico-funcional, descrevendo as dimensões mais prováveis para o estabelecimento de equivalência e para a atribuição de valor a textos em relação tradutória.

Segundo Halliday (2001), há duas orientações ao se analisar um texto lingüisticamente. A primeira é explicar o porquê um texto significa o que significa e, a segunda, é explicar o porquê ele é valorado como mais ou menos efetivo em um dado contexto. Conforme descreve o autor (2001), a primeira orientação é condição para a segunda, visto que é necessário descrever o significado para se explicar o valor dos textos.

Ao relacionar estas reflexões à elaboração de uma teoria da tradução, Halliday (2001) aponta que há duas formas de se abordar a questão. A primeira, geralmente adotada pelos tradutores é a de se identificar um texto como sendo uma tradução de um outro, e atribuir a ele um valor. Assim, descreve-se o significado de um texto a partir de sua relação com outro, e julga-se a efetividade da relação. A segunda forma de abordagem é a do lingüista, que busca identificar o porquê um texto é uma tradução de um outro, e o porquê ele é ou não efetivo. Conforme Halliday (2001), a primeira perspectiva é direcionada à instância, visto que o objetivo é estabelecer relações de equivalência entre textos. Já a segunda perspectiva é sistêmica, pois para entender o porquê da relação de equivalência, é necessário descrever o porquê os textos significam o que significam, o que de acordo com Halliday e Matthiessen (2004) é possível quando se remetem os textos aos sistemas lingüísticos que compõem o seu potencial de significado e aos registros a que pertencem. Assim, a teorização da tradução a partir da perspectiva do lingüista envolve a comparação de como sistemas lingüísticos de diferentes línguas são instanciados como representativos de dado registro, i.e. de uma configuração funcional específica (cf. MATTHIESSEN,

1993), para se chegar a uma descrição do que é a tradução, e não do que ela deveria ser (HALLIDAY, 2001).

Halliday et al (1964) apontam que há dois princípios fundamentais ao se abordar a comparação de sistemas lingüísticos. O primeiro é descrever os sistemas antes de se comparar. O segundo é comparar alguns sistemas, e não o conjunto de todos os sistemas que compõem o potencial de significado da língua. Estes autores ressaltam ainda que, embora seja possível entender o funcionamento dos sistemas da língua sem descrevê-los, corre-se sempre o risco de se fazer interpretações sem sustentação pelos dados, quando a comparação não se baseia em uma descrição.

Diante disto, e conforme já apresentado na Introdução deste trabalho, o presente estudo visa contribuir com a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro a partir de um enfoque específico, qual seja, o sistema semântico de PROJEÇÃO. A opção por descrever este sistema e sua dispersão lexicogramatical, conforme descrito no capítulo 1, é motivada por três razões. A primeira é que aspectos deste sistema têm sido abordados em diferentes pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto CORDIAL, as quais, enfocando a tradução (cf. CRUZ e PAGANO, 2003; JESUS e PAGANO, 2004; ALVES e PAGANO, 2006) e o estudo do registro acadêmico (cf. OLIVEIRA e PAGANO, 2005), baseiam-se em grande medida na descrição de Halliday (1985; 1994) e Halliday e Matthiessen (2004), elaborada a partir da língua inglesa, na análise de instâncias em português brasileiro. Um problema deste tipo de abordagem é que não é muito clara a separação entre a descrição gramatical *per se* e a análise textual, visto que ambas parecem convergir em diversos pontos das pesquisas. Neste sentido, este estudo, que tem por objeto o sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical, pode contribuir para as pesquisas desenvolvidas no âmbito deste projeto, e também para outras pesquisas que têm por interesse aspectos da

projeção, uma vez que o enfoque da PROJEÇÃO *per se*, em suas realizações lexicogramaticais no português brasileiro, pode fornecer subsídios para análises textuais que se valem deste sistema semântico.

A segunda razão para se focar o sistema semântico de PROJEÇÃO é que este sistema é instanciado em uma vasta gama de domínios de registro (e.g. científico, jornalístico e literário) para os quais há um grande número de traduções diretas e inversas. Desta forma, a descrição do sistema de PROJEÇÃO pode contribuir para a descrição da configuração funcional destes registros, em contextos de produção textual no continuum monolíngüe - multilíngüe.

A terceira razão que justifica a opção por descrever o sistema semântico de PROJEÇÃO é que este sistema reverbera em diferentes pontos da lexicogramática, podendo ser realizado em mais de um ambiente lexicogramatical. Ora, se as relações de equivalência no plano de conteúdo da linguagem são, em última instância, estabelecidas a partir do estrato semântico (HALLIDAY, 2001), a descrição das opções lexicogramaticais que compõem o paradigma que realiza esta semântica é importante para o próprio entendimento do parâmetro a partir do qual textos são tidos como estando em relação tradutória.

## ***2.2. As dimensões de análise da linguagem***

Halliday e Matthiessen (2004) assinalam que o estudo de um aspecto da linguagem deve ser entendido sempre em referência à linguagem como um todo. Por isso, estes autores ressaltam que é necessário o reconhecimento de onde se situa o estudo em relação ao todo

da linguagem, a qual, segundo os autores, organiza-se a partir de cinco dimensões<sup>7</sup>: 1) a dimensão da estratificação, organizada pelo princípio de realização; 2) a dimensão da estrutura (i.e. sintagmática), organizada pelo princípio de escala de ordem; 3) a dimensão das metafunções, organizada pelo princípio metafuncional; 4) a dimensão da instância, organizada pelo princípio de instanciação; e 5) a dimensão do sistema (i.e. paradigmática), organizada pelo princípio de especificidade (“delicacy”)<sup>8</sup>. A seguir estas dimensões serão descritas e, posteriormente, correlacionadas às abordagens sistêmicas da tradução.

Na teoria sistêmico-funcional, entende-se que a linguagem é um sistema semiótico estratificado em diferentes níveis que estabelecem entre si uma relação de metaredundância por meio do princípio de realização (“realization”). Halliday e Matthiessen (2004) expendem estes níveis relacionando-os ao plano de conteúdo da linguagem – estratos semântico e lexicogramatical –, e ao plano de expressão – estratos fonológico/grafológico e fonético –, e descrevem a relação entre eles a partir do princípio de realização. Tem-se assim que no plano de conteúdo, o estrato semântico é realizado pela lexicogramática. Não obstante, ao ser expresso, o conteúdo é realizado no estrato fonológico/grafológico e, na fala, ainda verifica-se que o estrato fonético realiza o fonológico. A estes estratos pode ser acrescentado o nível do contexto, que apesar de estar em um estrato acima da linguagem, só tem existência devido a ela (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999). Assim, é possível orientar o estudo da linguagem para qualquer um dos níveis de estratificação, mas deve-se ter em consideração o fato de que estes níveis são metaredundantes entre si.

---

<sup>7</sup> HERKE-COUCHMAN (2006) acrescenta à lista a dimensão semogenética, não abordada neste trabalho.

<sup>8</sup> Grande parte das traduções de termos técnicos da LSF apresentadas em português neste trabalho foram retiradas da Lista de Termos Traduzidos, elaborada pelo grupo de discussão GSF. No caso de termos que não constavam da lista, pautou-se por verificar traduções que, embora não presentes nela, já haviam sido utilizadas em outros trabalhos (ver lista de termos traduzidos em tabela anexa a este trabalho).

Uma outra dimensão de abordagem à linguagem é a estrutural (i.e. sintagmática), organizada pelo princípio da escala de ordem (“rank scale”). Na teoria sistêmico-funcional, a ordem é um princípio hierárquico que organiza os significados realizados na estrutura composicional da linguagem. Este princípio pode ser uma estrutura multivariada (“multivariate”), na qual cada elemento possui uma função distinta em relação ao conjunto, ou univariada (“univariate”), na qual a estrutura apresenta uma iteração (“iteration”) do mesmo tipo de relação funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Na gramática, a estrutura multivariada é realizada na ordem da oração, que é constituída por grupos ou frases que apresentam uma função distinta e que, por sua vez, são realizados por palavras e morfemas. Já a estrutura univariada é realizada na ordem dos complexos oracionais. Neste tipo de relação, as orações, que são constituídas pelos mesmos elementos funcionais, modificam-se mutuamente conforme são relacionadas nos complexos. Um estudo da linguagem que enfoque a estrutura composicional pode, pois, limitar-se a uma ordem específica, mas deve ter em conta a relação que uma ordem estabelece com as demais.

Uma terceira dimensão de abordagem à linguagem é a dimensão das metafunções. A composição metafuncional da linguagem é básica para a noção funcional da teoria sistêmica, e, segundo Halliday e Matthiessen (2004), ela é intrínseca à linguagem. Isto é, não se trata de funções externas aos sistemas da língua, mas de funções que se configuram em sua própria arquitetura, e que emergiram das necessidades impostas pela inserção do indivíduo nas sociedades. Halliday (1979) aponta que estas metafunções são constituídas no sistema semântico da linguagem natural, e que se organizam em três componentes metafuncionais distintos: o ideacional, o interpessoal e o textual. Estas metafunções constituem o potencial de significado funcional da linguagem e são a base para funções mais gerais a que a língua se presta a servir.

A Metafunção Ideacional concerne à expressão do ‘conteúdo’, isto é, da experiência do falante com o mundo real, incluindo o mundo interno à sua consciência. Ao servir esta função, a linguagem estrutura a experiência e determina a forma de percepção da realidade (Halliday, 1970). A Metafunção Interpessoal refere-se ao desempenho de papéis e relações sociais. É por meio desta função que as pessoas atuam sobre o mundo, demandando e oferecendo produtos, serviços e informações, assim como avaliando e expressando seu posicionamento em relação ao de outras pessoas. Já a Metafunção Textual trata da organização do texto como mensagem. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), esta é uma função instrumental que organiza o fluxo de informação (“flow of information”) e as relações coesivas no texto.

Estas três metafunções atuam simultaneamente na constituição do significado, que é realizado pela gramática de forma não arbitrária. Conforme afirmam Halliday e Matthiessen (2004:24):

a gramática tem que interagir com o que se passa fora da linguagem, ou seja, com os acontecimentos e situações do mundo, e com os processos sociais em que nós nos envolvemos. Mas ao mesmo tempo ela tem que organizar o processo de construção da experiência e o desempenho dos processos sociais, para que estes possam ser fraseados<sup>9</sup>.<sup>10</sup>

Para entender como a gramática desempenha estas funções, pode-se dividir sua tarefa em duas etapas. Primeiro, a experiência e as relações interpessoais são configuradas como significado, no estrato semântico. Em seguida, elas são realizadas pelo estrato lexicogramatical, segundo os sistemas que o compõem.

---

<sup>9</sup> A proposta de tradução para a palavra *wording* que consta na Lista de Termos Traduzidos, elaborada pelo grupo de discussão GSF em português, é “fraseado”.

<sup>10</sup> Minha tradução para: “the grammar has to interface with what goes on outside language: with the happenings and conditions of the world, and with the social processes we engage in. But at the same time it has to organize the construal of experience, and the enactment of social processes, so that they can be transformed into wording.”

Os sistemas que realizam a Metafunção Textual, organizando assim o fluxo de informação, podem ser estruturais ou não-estruturais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Ao organizar o fluxo da informação em termos estruturais, a gramática se vale de dois sistemas correlacionados: o de TEMA e o de INFORMAÇÃO. O sistema de TEMA é realizado estruturalmente na oração por meio das funções de Tema + Rema, e se presta a posicionar a informação e orientar sua proeminência no fluxo do texto. Por sua vez, o sistema de INFORMAÇÃO é organizado estruturalmente na unidade de informação (“information unit”) por meio das funções de Dado + Novo. Este sistema é paralelo à oração e às unidades que a constituem, mas pode se estender por mais de uma oração ou ser realizado nas unidades de ordem que a constituem. Segundo Halliday e Matthiessen (2004:67), *informação* no sentido técnico da gramática “é a tensão entre o que já é conhecido ou previsível e o que é novo ou imprevisível”<sup>11</sup>. Assim, este sistema se presta a orientar o fluxo do texto como uma seqüência de unidades de informação. O outro sistema inerente à Metafunção Textual, mas que se realiza no estrato semântico do texto, sendo assim não-estrutural, é o sistema de COESÃO. Este sistema se presta ao estabelecimento de elos semântico-coesivos no fluxo do texto, caracterizando-o como unidade de significado (HALLIDAY e HASAN, 1976).

Já a Metafunção Interpessoal é realizada pelos sistemas de MODO e MODALIDADE. O sistema de MODO se configura a partir da relação entre Sujeito e Finito, que indica a função da mensagem (i.e. demandar ou oferecer produtos, serviços e informações) e a quem deve ser atribuída a responsabilidade modal de seu conteúdo. Por sua vez, o sistema de MODALIDADE indica, por meio de seus subsistemas de

---

<sup>11</sup> Minha tradução para: “it is the tension between what is already known or predictable and what is new or unpredictable”.

MODALIZAÇÃO e MODULAÇÃO, as atitudes do falante em relação à mensagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Por fim, a Metafunção Ideacional é composta por dois componentes – o Experiencial e o Lógico –, os quais são realizados pelos sistemas que os configuram. O componente Experiencial é realizado pelo sistema de TRANSITIVIDADE, que concerne à forma com que Processos, Participantes e Circunstâncias se configuram na oração, formando uma Figura da experiência (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999), e pelo sistema de ERGATIVIDADE, que se refere à identificação de agenciamento nos Processos. O componente Lógico, por sua vez, representa a realidade recursivamente (HALLIDAY, 1979), por meio dos sistemas de TAXE e TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA. Estes sistemas organizam as Figuras da Experiência em complexos oracionais ou, em outros termos, a seqüência de eventos (“sequence of events”) no desenvolvimento do texto.

Um estudo que considere a organização metafuncional da linguagem pode focar qualquer um dos sistemas mencionados. Contudo, é importante considerar que estes sistemas, que são realizados na estrutura composicional da linguagem, não são concorrentes entre si, mas concomitantes na realização de suas funções (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Conforme apresentado, foram explicitadas a dimensão de estratificação, a dimensão de escala de ordem e a dimensão das metafunções, as quais compartilham a característica de serem mais facilmente identificáveis na estrutura composicional da linguagem. Já a dimensão da instância e a dimensão de sistema estão em um nível de abstração maior (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e, apesar de se constituírem na configuração da estrutura composicional da linguagem, são concebidas a partir de padrões de ocorrências (HALLIDAY, 1991).

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o sistema que constitui o potencial de significados da língua se relaciona ao texto pelo princípio de instanciação. De acordo com este princípio, o sistema da língua é instanciado como texto, em uma relação de mútua dependência, isto é, a configuração do texto depende do sistema, assim como o sistema se configura a partir de textos, i.e. instâncias. Assim, não se deve pensar que sistema e texto são dois tipos de fenômeno distintos; ao contrário, deve-se buscar entendê-los como dois extremos de um continuum (HALLIDAY, 2005). Entre estes extremos há padrões intermediários, que podem ser descritos a partir da perspectiva do sistema, como registro, ou a partir da perspectiva do texto, como tipo textual (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). O registro é uma variação funcional da linguagem, e se configura a partir dos padrões de instanciação (i.e. probabilidades de ocorrência) no sistema associados a um dado contexto de situação (HALLIDAY, 1978). O tipo textual é o registro visto da perspectiva da instância, ou seja, é um conjunto de textos que compartilham padrões definidos segundo critérios sistêmicos e funcionais.

A última dimensão apontada por Halliday e Matthiessen (2004) para se abordar a linguagem é a dimensão dos sistemas (no sentido de *system networks*). Segundo Halliday (1976), a gramática de uma língua é representada por uma vasta gama de sistemas que se organizam a partir de relações hierárquicas e simultâneas. Os sistemas se constituem na organização paradigmática da linguagem pelo princípio de especificidade (“delicacy”), e podem ser entendidos como um conjunto de opções que se relacionam a partir de uma condição de entrada. Assim, dada a condição de entrada ‘oração’, por exemplo, há várias escolhas simultâneas a serem feitas nos sistemas de TEMA, INFORMAÇÃO, MODO, TRANSITIVIDADE e ERGATIVIDADE, e as escolhas feitas nestes sistemas servem como condição de entrada para as opções seguintes. Nesta perspectiva, um texto é um

produto de escolhas contínuas em uma rede de sistemas gramaticais e semânticos, que é realizado na estrutura da linguagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Para todo sistema gramatical há um sistema semântico correspondente (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), pois conforme observado, os estratos lexicogramatical e semântico se organizam pelo princípio de realização. Assim, verifica-se que o sistema gramatical de TRANSITIVIDADE, por exemplo, realiza o sistema semântico de FIGURAÇÃO, assim como o sistema gramatical de MODO realiza o sistema semântico FUNÇÃO DISCURSIVA. Contudo, nem todos os sistemas semânticos apresentam apenas um sistema gramatical correspondente que o realize, pois se encontram dispersos na lexicogramática. Dentre estes sistemas, encontra-se o sistema semântico de PROJEÇÃO, que será apresentado mais detidamente no subitem 2.4 deste trabalho.

Antes, porém, cabe explorar como estas diferentes dimensões da linguagem vêm sendo tratadas nas abordagens sistêmicas da tradução.

### ***2.3. As abordagens sistêmicas da tradução***

As cinco dimensões apresentadas acima constituem diferentes entradas para o estudo da linguagem, e servem de parâmetro para a identificação do aspecto estudado em relação ao todo da língua (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). É com base nestes parâmetros que a tradução, enquanto forma de uso da linguagem, é contextualizada na teoria sistêmico-funcional (MATTHIESSEN, 2001; TEICH, 2001; HALLIDAY, 2001; STEINER, 2001a; 2001b).

Grande parte dos teóricos que tratam da relação entre a lingüística sistêmico-funcional e a tradução enfocam a dimensão da estratificação, a dimensão da escala de

ordem e a dimensão das metafunções, as quais são mais facilmente identificáveis na estrutura composicional da linguagem. Tanto em trabalhos teóricos como o de Munday (2002), que propõe um modelo descritivo de traduções calcado nas metafunções, o de Catford (1965), que teoriza sobre as relações de equivalência fundamentando-se na escala de ordem, ou o de House (2001), que descreve um modelo de avaliação de textos traduzidos com base na estratificação e nas metafunções, quanto em trabalhos descritivos, como o de Pagano (2005), que descreve e compara, a partir da dimensão metafuncional, a organização temática de três textos em relação tradutória, verifica-se um predomínio destas três dimensões analíticas.

Há ainda uma outra dimensão analítica frequentemente retomada em livros orientados à formação de tradutores: a instanciação. Os trabalhos de Hatim e Mason (1990) e Fawcett (1997) são exemplos de abordagens aos Estudos da Tradução que se valem parcialmente da teoria sistêmica, para ressaltar a importância de se considerar a variação entre instanciações em diferentes línguas, motivadas por diferentes configurações de registro (MATTHIESSEN, 1993). Contudo, estes trabalhos não se dedicam a descrever a variação de usos lingüísticos, e explicam a variação a partir da diferenciação no *contexto de situação* (cf. HALLIDAY, 1978).

Outra característica comum que pode ser observada na literatura que trata das abordagens sistêmicas da tradução é a orientação de se buscar no texto traduzido um item que possa ser equivalente e, assim, comparado a um item do texto fonte. É por meio do estabelecimento de equivalências que se assume que um texto encontra-se em relação tradutória com outro (CATFORD, 1965; HOUSE, 2001; LEUVEN-ZWART, 1989; 1990). Assim, a tradução só é entendida como tal nas abordagens aos Estudos da Tradução quando são estabelecidas relações de equivalência entre textos, comumente a partir da instância.

Ao tratar da questão da equivalência em tradução, Halliday (2001) retoma uma discussão corrente na área – a do valor da tradução –, e a contextualiza dentro da teoria sistêmica. Possivelmente motivado pela orientação de grande parte dos estudos sistêmico-funcionais da tradução, Halliday (2001) aponta que há três dimensões que aparentemente são as mais relevantes ao se abordar a equivalência em tradução: a estratificação, a escala de ordem e as metafunções.

Considerando a estratificação da linguagem, Halliday (2001) afirma que a relação de equivalência entre textos em relação tradutória pode ser estabelecida a partir de qualquer um dos níveis de estratificação, mas ressalta que geralmente atribui-se maior valor à equivalência em nível contextual e semântico. Contudo, cabe ressaltar que como a relação entre estes estratos e os demais é de realização, tem-se que o estabelecimento de equivalência no nível semântico deve envolver uma análise de sua realização lexicogramatical.

Já o estabelecimento de relações de equivalência segundo a escala de ordem pode ser situado a partir da letra, do fonema, do morfema, da palavra, do grupo ou frase, da oração ou do complexo oracional. Verifica-se, entretanto, que quanto maior for a unidade de tradução (por exemplo, o complexo oracional), maior é o valor atribuído aos textos em relação tradutória. Contudo, Halliday (2001) ressalta que há casos em que a tradução em uma ordem inferior (por exemplo, na ordem da palavra) pode atender melhor aos propósitos da tradução e, por isso, ser preferível. Outro aspecto a ser observado é que este tipo de equivalência se caracteriza pela sua orientação sintagmática, uma vez que se pauta pela realização do sistema lingüístico na estrutura composicional da linguagem.

Por fim, ao considerar a dimensão metafuncional da linguagem, Halliday (2001) assinala que se assume que os textos estão em relação tradutória quando é possível

estabelecer equivalência de ‘conteúdo’ a partir da Metafunção Ideacional. Dessa forma, o autor (2001) afirma que pode ser atribuído um maior valor aos textos traduzidos que apresentem equivalência interpessoal e ou textual, desde que a equivalência ideacional também seja estabelecida.

Para além destas três dimensões, Matthiessen (2001), em sua contextualização da tradução na teoria sistêmica, explora ainda a dimensão do sistema e a dimensão da instância. Segundo este autor (2001), todas as línguas compartilham sistemas em comum, quando considerados em um nível de *especificidade* amplo (por exemplo, todas as línguas possuem um sistema de TAXE). O que pode variar significativamente entre as línguas são as opções de realização dos sistemas, i.e. suas condições de entrada, assim como a forma com que eles são configurados na estrutura composicional da linguagem (MATTHIESSEN, 2001).

Matthiessen (2001) enfatiza a importância de se considerar o potencial sistêmico das línguas, tanto na elaboração de sistemas multilíngües de produção textual, quanto para o entendimento da tradução a partir de relações de agnação, ou seja, de textos possíveis. Segundo este autor (2001), o conceito de agnação refere-se ao que poderia ser dito, com sentido análogo ao que efetivamente o foi, a partir do potencial do sistema. Nesta perspectiva, pode-se entender o texto-fonte e o texto-alvo como uma das possíveis instanciações do sistema, o que representa uma mudança significativa de visão se considerada em relação à visão que privilegia o estabelecimento de relações de equivalência e valor a partir da instância. Além disso, considerando-se a agnação entre os textos, pode-se buscar entender o porquê, havendo equivalentes sistêmicos entre as línguas, outras opções são instanciadas, possivelmente motivadas por diferentes configurações de registro (TEICH, 2001).

O que se verifica, principalmente nos trabalhos de Matthiessen (2001), Teich (2001) e Steiner (2001a; 2001b), é que a dimensão do sistema e a dimensão da instância e, neste caso, especificamente os padrões de configuração de registro, são importantes para o entendimento do como e porquê um texto significa o que significa, o que, na discussão apresentada no subitem 2.1 acima, é uma forma de se buscar um deslocamento do que é uma tradução, para o como e o porquê é uma tradução, aproximando-se assim da perspectiva do lingüista (HALLIDAY, 2001). Contudo, estudos desta natureza devem estar concatenados a descrições de sistemas lingüísticos e de configurações de registro, visto que para comparar é preciso antes descrever (HALLIDAY et al, 1964).

#### ***2.4. Localizando a pesquisa nas dimensões de análise da linguagem e nas abordagens sistêmicas da tradução***

Como apontam Halliday e Matthiessen (2004), é importante localizar o estudo de um aspecto da linguagem no todo da linguagem. No caso deste estudo, tem-se que: 1) na dimensão da estratificação, trata-se de um estudo localizado nos níveis lexicogramatical e semântico; 2) na dimensão da escala de ordem, o estudo enfoca a ordem do complexo oracional, da oração e do grupo nominal; 3) na dimensão das metafunções, o estudo trata mais detidamente dos componentes lógico e experiencial da Metafunção Ideacional, e também trata de alguns recursos da Metafunção Interpessoal; 4) na dimensão da instância, o estudo busca uma aproximação ao extremo do potencial sistêmico; e 5) na dimensão dos sistemas, o estudo busca descrever o sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro.

Com esta descrição, objetiva-se contribuir para os estudos teóricos e aplicados de tradução que seguem a linha de pesquisa de Teich (2001) e Steiner (2001a; 2001b; 2002), os quais considerando a lingüística sistêmico-funcional como parte integrante de um modelo lingüístico da tradução, ressaltam a importância da comparação de sistemas e a comparação de diferentes configurações de registro, na busca de um maior entendimento do porquê um texto é uma tradução e de que forma ele é uma tradução. A título de ilustração, são apresentados de forma esquemática na FIG.1 abaixo os pontos que Steiner (2001b) considera relevantes em sua proposta de abordagem à tradução, a qual busca colocar em bases teóricas mais fundadas as considerações acerca das propriedades que caracterizam textos traduzidos.

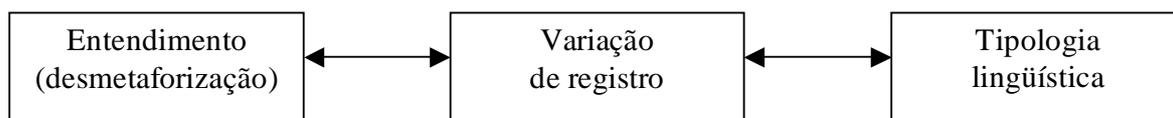


FIG.1 – Domínios de análise a serem considerados ao se estudar a tradução segundo Steiner (2001b)

Como se pode observar no primeiro quadro da FIG. 1, Steiner (2001b) assume um aspecto do processo de tradução, qual seja, o entendimento do texto-fonte, como um domínio a ser considerado ao se descrever as propriedades de textos traduzidos. Contudo, como este autor trabalha a partir de uma abordagem sócio-semiótica, o que ele descreve por ‘entendimento’ não condiz com a acepção do termo em uma perspectiva mentalista. Para ele, o entendimento condiz com o processo de desmetaforização gramatical (“grammatical demetaforization”) de parte do texto-fonte, durante o processo de tradução, que pode ser evidenciado ao se comparar as instâncias de textos-fonte e alvo. Um outro aspecto considerado por Steiner (2001b) é a variação de registros entre línguas. Neste caso, é preciso ter descrições de registro que permitam comparar se o texto-alvo mantém traços da

configuração funcional do texto-fonte, ou de outra forma, aproxima-se mais de sua correspondente variante funcional monolíngüe. O terceiro e último domínio apontado por Steiner é o da tipologia lingüística. Neste caso, o objetivo é comparar como sistemas gramaticais e semânticos, orientados paradigmaticamente, são realizados em diferentes línguas, o que permite, dentre outros pontos, que sejam mapeadas possíveis restrições sistêmicas, que haja descrições de registros, e que se estabeleçam parâmetros a partir dos quais possam ser estabelecidas relações de equivalência. Ainda, cabe mencionar que, como a própria seta entre os quadros indica, a proposta de Steiner (2001b) é a de que estes domínios se complementem na análise de textos em relação de tradução.

No caso desta pesquisa, a inserção mais imediata se dá no domínio da tipologia lingüística, pois o objetivo é a descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro, cujos princípios são apresentados no subitem 2.5 a seguir.

### ***2.5. O sistema semântico de PROJEÇÃO***

A abordagem sistêmico-funcional entende que uma das funções da linguagem é representar os eventos de mundo enquanto significado. Dessa forma, representam-se por meio da linguagem eventos diversos, inclusive eventos da fala e eventos que se passam na consciência do indivíduo. Para realizar estes eventos de mundo enquanto significado no estrato semântico, a linguagem desenvolveu recursos lexicogramaticais específicos ao longo de sua evolução semogenética, de forma que atualmente, pelo menos em línguas como o inglês e o português, é possível distinguir uma configuração funcional específica para se representar um evento material como um suicídio, e outra para se representar o que uma pessoa fala. Por exemplo:

### Exemplo 1:

1.1 ||| Getúlio Vargas suicidou-se em 24 de agosto de 1954 no palácio do Catete. |||

1.2 ||| O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse hoje | que a economia melhorou durante o seu governo. |||<sup>12</sup>

O exemplo 1.1 se constitui como uma Figura da experiência (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999), a qual é composta por um Participante, um Processo, e duas Circunstâncias de Localização, uma temporal e outra espacial. Essa Figura constitui-se enquanto um evento do mundo, que é significado na linguagem por meio de uma configuração funcional específica. Por sua vez, a Figura pode ser expandida com o acréscimo de outras Figuras, e de fato, o é, no desenvolvimento logogenético do texto, criando uma seqüência que realiza<sup>13</sup>, no caso, um texto biográfico sobre a vida de Getúlio Vargas.

Ainda, sobre a Figura representada no exemplo 1.1, poder-se-ia dizer que ela constitui um evento de mundo experienciado, ou seja, um fenômeno da experiência interpretado pelo indivíduo e constituído como significado. Enquanto fenômeno, ela é interpretada mentalmente; contudo, a natureza deste fenômeno é material, realizada como realidade de primeira-ordem, ou seja, uma realidade que representa uma existência material no meio físico. Contudo isto não quer dizer que esta existência independe da linguagem, apesar de em um primeiro momento do desenvolvimento dos indivíduos, e do próprio sistema lingüístico, ser possível pensar em uma existência física independente da linguagem, a qual posteriormente, passa a emular a própria “realidade” física como significado, fazendo com que não exista nada no meio físico que não seja interpretado lingüisticamente enquanto fenômeno experienciado. Dessa forma, é certo que uma vez

---

<sup>12</sup> Estes exemplos foram retirados do corpus da pesquisa.

<sup>13</sup> Segundo Halliday e Matthiessen (2004:587), um texto não é *constituído* por orações (ou Figuras, haja vista que há uma correspondência parcial entre estes termos), mas *realizado* por elas.

interpretada lingüísticamente, esta Figura insere-se no estrato semiótico. É um evento do mundo físico realizado na linguagem e pela linguagem.

No exemplo 1.2, por sua vez, tem-se uma Figura composta por um Participante e um Processo, em um plano da realidade material, projetando uma outra Figura, que se manifesta no plano semiótico, pois é constituída a partir de um significado já interpretado e expresso lingüísticamente. Trata-se de uma Figura sobre um evento semiótico, não sobre um evento do meio físico imediato, sendo por isso uma realidade de segunda-ordem. Ao tratar da diferenciação entre a realidade de primeira e segunda-ordem, Halliday e Matthiessen (1999:106) apontam que:

Ao longo do processo de construção semântica da experiência humana, há uma diferenciação entre duas ordens de realidade: entre a realidade diária de nossa existência material, por um lado, e por outro, a realidade de segunda-ordem que é trazida à existência somente pelo sistema da linguagem. Este é um contraste entre fenômenos semióticos, que tratam de significados e expressões, e fenômenos de primeira-ordem, que constituem nosso meio material.<sup>14</sup>

Retomando-se os exemplos apresentados acima, verifica-se que a Figura representada no exemplo 1.1 é, conforme apontado, um evento semiótico, porque constitui-se enquanto significado. Contudo, é um evento semiótico concebido a partir de um evento de primeira-ordem, i.e. material. No entanto, a Figura projetada no exemplo 1.2, é um evento semiótico concebido a partir de um evento de segunda-ordem, já interpretado lingüísticamente como significado. E é justamente este fato que caracteriza o sistema de PROJEÇÃO, nomeadamente, a capacidade de projetar eventos semióticos, ou, em outras palavras, a capacidade de projetar uma Figura da experiência (ou seqüência de Figuras) de

---

<sup>14</sup> Minha tradução para: “Throughout the semantic construal of human experience, there is a differentiation between two orders of reality: between the everyday reality of our material existence on the one hand and on the other hand the second-order reality that is brought into existence only by the system of language. This is a contrast between semiotic phenomena, those of meanings and wordings, and the first-order phenomena that constitute our material environment.” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:106)

um outro plano de realidade, qual seja, o plano semiótico (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:108).

O sistema de PROJEÇÃO é um sistema do estrato semântico da linguagem, mas ao contrário de outros sistemas semânticos, como o sistema FUNÇÃO DISCURSIVA, realizado na lexicogramática pelo sistema de MODO, a PROJEÇÃO é um sistema disperso, ou seja, constitui um domínio semântico interpretado em mais de um lugar na gramática (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:594). Cabe lembrar que, conforme apresentado no subitem 2.2, os estratos semântico e lexicogramatical são o plano de conteúdo da linguagem, e se organizam pelo princípio de realização. Desta forma, o estrato semântico se realiza na lexicogramática, assim como a lexicogramática realiza o estrato semântico da linguagem. Isto não quer dizer que haja sempre uma correspondência entre um sistema gramatical e um sistema semântico (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Também, não implica em tornar “real” uma experiência semântica na gramática, pois o significado de *realizar* refere-se apenas à condição de relação entre estratos, sem a qual não há produção de significados. Consoante ao fato de que o sistema de PROJEÇÃO é disperso na gramática, cabe identificar os possíveis ambientes de sua realização lexicogramatical. Esquemáticamente, e a título de ilustração inicial, a FIG. 2 a seguir busca ilustrar a dispersão gramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro, com base em dados do corpus desta pesquisa.

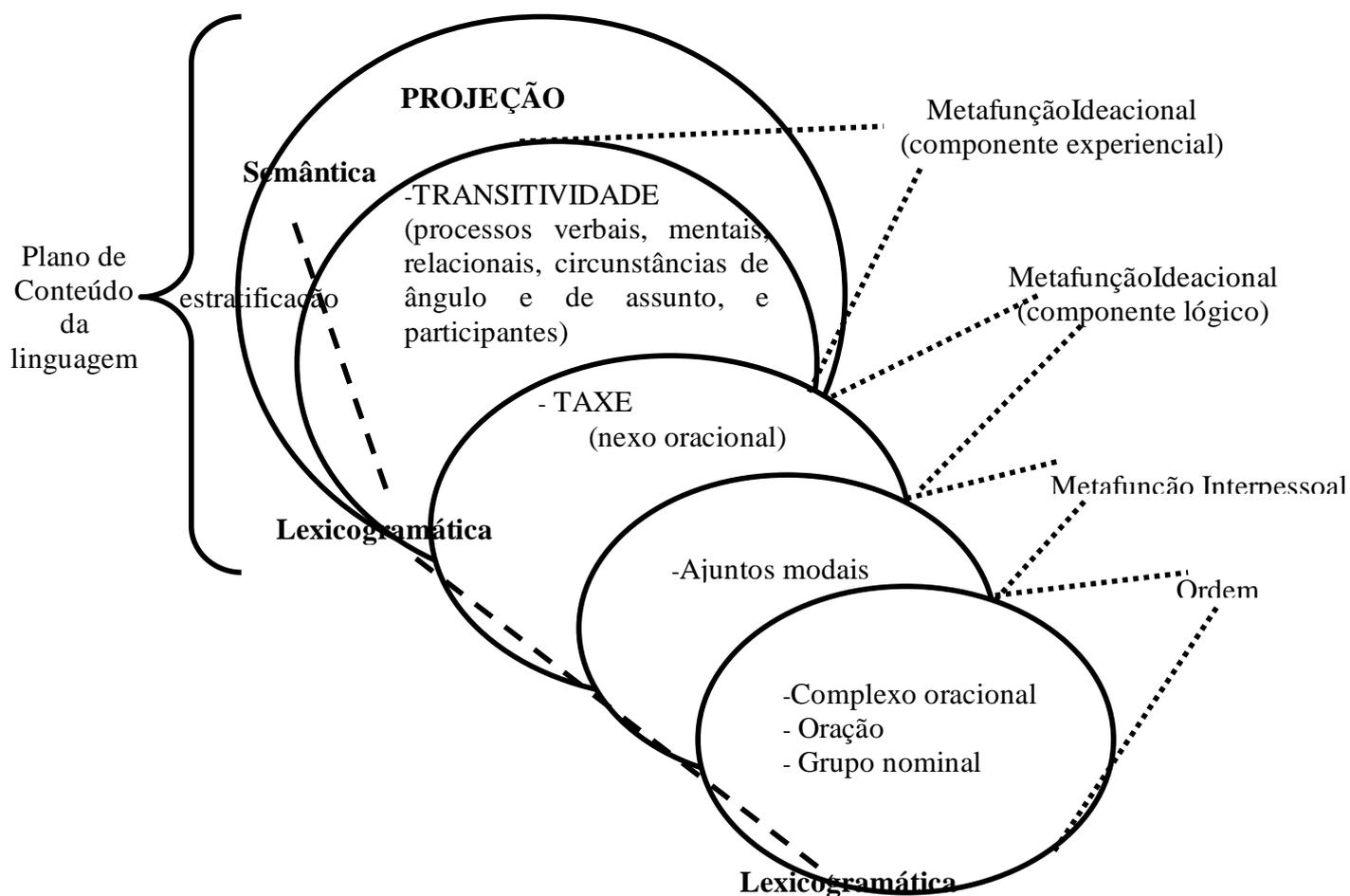


FIG. 2 – Dispersão do sistema de PROJEÇÃO em ambientes lexicogramaticais

Um dos pontos que podem ser observados a partir da FIG. 2 é que a PROJEÇÃO se realiza nos ambientes lexicogramaticais da Metafunção Ideacional (por meio de Processos, Circunstâncias e Participantes), e da Metafunção Interpessoal (por meio de Adjuntos Modais). Exemplos retirados do corpus analisado ilustram estes ambientes (ver QUADRO 1), e mostram que apesar das realizações gramaticais serem diferentes, quando vistas de cima, isto é, do ponto de vista semântico, são formas agnatas de se realizar o sistema semântico de PROJEÇÃO.

QUADRO 1  
Exemplos de realização gramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO

<b>Realização lexicogramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Processo verbal	Lula <b>disse</b> ainda   que seu governo combinou avanços econômicos com desenvolvimento social.
Processo mental	Eu <b>acho</b>   que o Brasil está no ponto   para fortalecer a sua união com a União Européia.
Processo relacional	Esse estudo <b>aponta</b> as células-tronco embrionárias humanas como fonte de material para estudo dos mecanismos de reprogramação.
Circunstância de assunto	No evento, ele falou <b>sobre</b> educação, segurança e saúde pública.
Circunstância de ângulo (fonte)	<b>De acordo com</b> um porta-voz ministerial, o embaixador britânico em Teerã, Geoffrey Adams, reuniu-se com membros do Ministério iraniano de Relações Exteriores,   que teria dado a garantia a respeito da segurança do grupo de marinheiros.         <b>Nas palavras de Sposati</b> (1999, p. 10), as políticas sociais revelam o empenho de uma sociedade [[em afirmar um patamar de civilidade]].
Circunstância de ângulo (ponto de vista)	<b>Para ele</b> , "um organismo é incapaz [[de retornar, mesmo que parcialmente, a um estágio anterior [[já vivido por seus antepassados]] ]]" .
Processo nominalizado projetante	É muito comum a <b>crença</b> [[de que a África é um todo homogêneo]], (...).
Ø Participante Projetado (Fato)	É verdade [[ <b>que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel</b> ]],    (...)
Adjunto modal	e <b>provavelmente</b> se alimentava de pequenos anfíbios, (...).    Ele não confirmou,    mas <b>supostamente</b> estava numa reunião da Cinep.    ”

O conceito de agnação é importante para se entender a dispersão gramatical da PROJEÇÃO, e não deve se confundir com o termo “sinônimo” da gramática tradicional. Conforme apontam Halliday e Matthiessen (2004:597), a agnação é uma relação que implica tanto em similaridades quanto em diferenças; entendendo-se por ‘similar’ que os padrões considerados encontram-se dentro de um mesmo paradigma, sendo, por isso, de alguma forma semelhantes, e por ‘diferente’, que os padrões são opções concorrentes dentro deste paradigma, ou seja, não são ocorrências de um mesmo tipo. No caso dos

exemplos do QUADRO 1 apresentado acima, verifica-se que todos eles projetam uma realidade de segunda-ordem; por isso, configuram-se enquanto opções de um mesmo paradigma, qual seja, o do sistema semântico de PROJEÇÃO. Contudo, conforme apontado, são opções concorrentes, uma vez que se realizam a partir de diferentes ambientes lexicogramaticais.

A dispersão gramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO também reverbera na escala de ordem. No caso do português brasileiro, verifica-se que ocorrem projeções na estrutura univariada dos complexos oracionais, onde uma oração projeta as demais, e também na composição multivariada de orações e grupos nominais. Cabe ressaltar que a realização em diferentes ordens, característica da PROJEÇÃO, deve-se ao remapeamento do domínio semântico em certos ambientes lexicogramaticais, e constitui um processo de metaforização gramatical (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, em especial o cap. 10). Este processo, por sua vez, refere-se a formas diferentes de se produzir um ‘mesmo’ significado (HALLIDAY, 1998), ressaltando-se que ‘mesmo’ deve ser entendido como agnato, ou seja, implica em semelhanças e diferenças. O QUADRO 2 disposto a seguir apresenta algumas possíveis formas de projeção, segundo a escala de ordem do complexo oracional, da oração e do grupo nominal.

## QUADRO 2

Exemplos da dispersão da projeção segundo a ordem do complexo oracional, da oração, e do grupo nominal

Ordem	Elemento projetante	Exemplos	
↘ complexo oracional	Processo Mental	Ele acredita que	embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais..
↘ oração	Circunstância de ângulo (ponto de vista)	Para ele,	embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais..
↘ oração	Adjunto Modal	Supostamente,	embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais.
↘ grupo nominal	Participante nominalizado projetante	A crença	de que embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais (...) 
↘ grupo nominal	A projeção é um Participante Projetado (Fato)	É possível	[[que embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais]]. 

Quando a PROJEÇÃO é considerada a partir do componente lógico da Metafunção Ideacional, ela é entendida como sistema LÓGICO-SEMÂNTICO (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). ‘Lógico’ porque constitui uma forma de organizar a experiência, relacionando FIGURAS em seqüências. ‘Semântico’ porque as Figuras são realizações interpretadas semioticamente a partir do sistema gramatical da TRANSITIVIDADE.

Sendo uma forma de relacionar Figuras em seqüências, este sistema lógico-semântico tem na ordem dos complexos oracionais o ambiente lexicogramatical ideal<sup>15</sup> para a sua realização. Por isso, no capítulo 7 de *An Introduction to Functional Grammar*, HALLIDAY e MATTHIESSEN (2004) descrevem de forma abrangente as opções e algumas realizações deste sistema lógico-semântico na língua inglesa, com enfoque especial nas formas em que as orações se relacionam em complexos.

<sup>15</sup> Ideal, mas não único, haja vista o processo de metaforização gramatical. Ver QUADRO 2 com exemplos de casos de projeção em diferentes ordens.

Halliday e Matthiessen (2004) apresentam o sistema lógico-semântico de PROJEÇÃO como opção sistêmica concorrente ao sistema de EXPANSÃO, que constitui uma outra forma de organização lógica de Figuras em seqüências. A diferença entre estes dois sistemas reside no fato de que, enquanto na EXPANSÃO relacionam-se Figuras de uma mesma ordem de realidade, na PROJEÇÃO pelo menos uma das Figuras é realizada no plano de realidade de segunda-ordem, como fenômeno semiótico (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:106).

Como Halliday e Matthiessen (2004) adotam uma orientação paradigmática ao tratarem do sistema lógico-semântico de PROJEÇÃO, não são enfocadas no capítulo 7 da gramática todas as possíveis realizações estruturais deste sistema, ou mesmo as funções que desempenham em diferentes registros. Neste capítulo é enfocada a descrição das opções no eixo paradigmático do sistema lógico-semântico de PROJEÇÃO. Na FIG. 3 apresentada a seguir é descrita a rede de opções deste sistema, elaborada a partir das considerações de Halliday e Matthiessen (2004) pautadas pela descrição da língua inglesa.

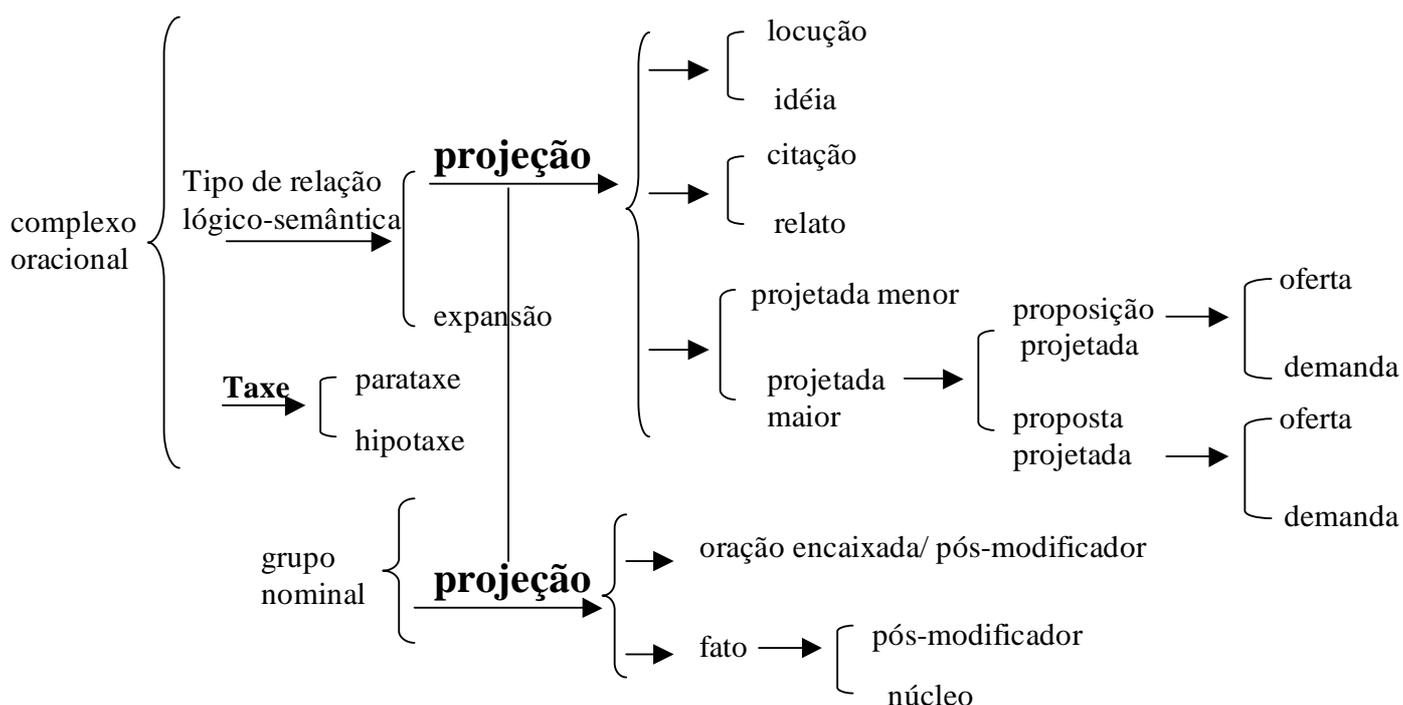


FIG. 3 - Organização paradigmática dos sistemas relacionados à projeção, elaborada a partir das considerações apresentadas por Halliday e Matthiessen (2004: cap.7)

A interpretação dos contrastes sistêmicos presentes na FIG. 3 é feita da seguinte forma. Dada a condição de entrada complexo oracional, à esquerda da chave superior, há dois sistemas considerados, a saber, TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO SEMÂNTICA e TAXE. Saindo do sistema TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO SEMÂNTICA há uma seta que resulta em um colchete em que há outros dois sistemas representados, PROJEÇÃO e EXPANSÃO. Isto indica que estes sistemas são parte de uma relação lógico-semântica que opera entre orações, sendo o colchete indicativo de que estes sistemas encontram-se em relação de contraste. No caso desta pesquisa, interessa somente o sistema de PROJEÇÃO, motivo pelo qual apenas este sistema foi detalhado em níveis mais específicos. Este, por sua vez, figura como condição de entrada para uma série de opções que contrastam (e.g. *locução* ou *idéia*) e que convergem (e.g. *locução* e *relato* e *proposição*).

O primeiro contraste sistêmico apresentado é a diferença entre *locução* e *idéia*. A locução indica projeção de fala, e é comumente sinalizada pelo uso de um processo verbal. Já a *idéia* corresponde à projeção de pensamento, sendo sinalizada comumente pelo uso de um processo mental cognitivo ou desiderativo.

A projeção (*locução* ou *idéia*), por sua vez, pode ser realizada na forma de *relato* (“report”) ou *citação* (“quote”). Também, pode ser realizada como projetada menor (i.e. orações menores, como exclamações e cumprimentos) ou como projetada maior (i.e. orações com modo oracional), e, neste caso, selecionar entre oferta ou demanda de *informações*, nos casos de proposição (“proposition”), e oferta ou demanda de *bens e serviços*, nos casos de proposta (“proposal”).

Já em se considerando o sistema de TAXE, verifica-se que há duas opções de interdependência lógica entre as orações: parataxe ou hipotaxe. A parataxe indica que as orações do complexo apresentam igual *status*, sendo cada oração uma proposição

independente; já a hipotaxe indica que as orações do complexo se relacionam numa relação de dependência.

Em relação às projeções cuja condição de entrada é a ordem dos grupos nominais, o que na FIG. 3 está representado na parte inferior, verifica-se que há duas opções sistêmicas, as quais não são nem opções contrastivas nem convergentes (“conflated”), mas duas possibilidades de realização da projeção em grupos nominais. Uma dessas possibilidades é que a projeção funcione como pós-modificador de um grupo nominal cujo Núcleo (“Head”) é uma nominalização de um processo verbal ou mental. A outra possibilidade é que a projeção seja realizada como um Fato (i.e. tipo de projeção encaixada em que não se pode recuperar nem o Participante Dizente, nem o Experienciador – cf. THOMPSON, 1996), podendo funcionar como pós-modificador ou como núcleo do grupo nominal.

Um ponto a ser observado a partir da FIG. 3 é que todas as opções do sistema lógico-semântico de PROJEÇÃO, cuja condição de entrada é o complexo oracional, localizam-se no estrato semântico da linguagem. Assim, a diferença entre idéia e locução, por exemplo, sendo realizada lexicogramaticalmente por meio de processos, do sistema ideacional de TRANSITIVIDADE, tem implicações semânticas distintas. Tanto a idéia quanto a locução projetam uma Figura cuja existência é simbólica (i.e. semiótica); contudo, a locução projeta uma Figura realizada verbalmente, a qual constitui um evento (externalizado) de mundo que é compartilhado, ao passo que a idéia, por ser interior à consciência do indivíduo, não envolve troca de significados (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:111). Observemos por exemplo que, enquanto evento externalizado de mundo (i.e. fenômeno fraseado), a locução projetada pode ser direcionada a um receptor – “*Ele me disse que (...)*” -, o que caracteriza uma situação de troca. Já a projeção de idéias, por não ser realizada como evento externalizado de mundo (mas sim como fenômeno no

estrato semântico), não admite, em princípio, tal receptor<sup>16</sup> – \* “Ele *me* pensou que (...)”. A FIG. 4 elaborada a partir de Halliday e Matthiessen (1999:110) busca ilustrar esta diferença, a partir de uma situação de troca. Observemos que é possível ter acesso direto ao que uma pessoa diz, mas não ao que pensa.

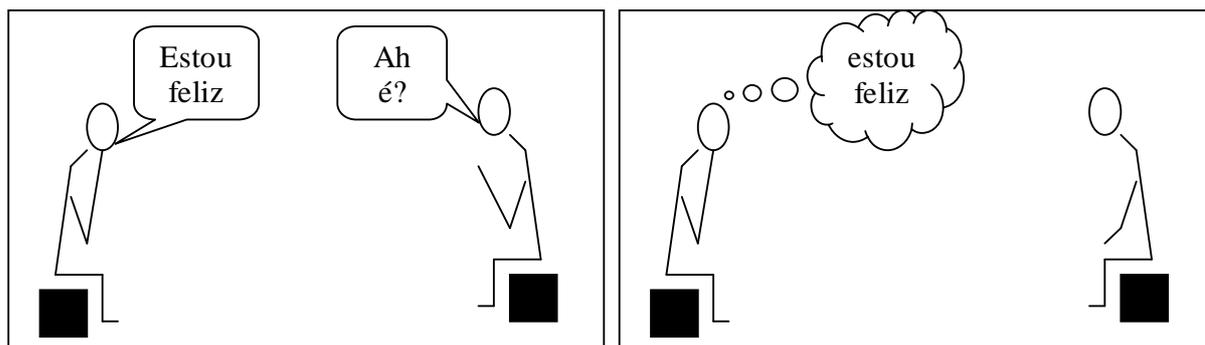


FIG. 4 – Representação gráfica da relação de troca presente na projeção verbal e ausente na projeção mental, elaborada a partir de Halliday e Matthiessen (1999:110)

Outra distinção entre idéia e locução refere-se à natureza dos participantes que podem projetar falas e pensamentos. Halliday e Matthiessen (2004) apontam que no caso de projeção de idéias, os participantes são comumente seres conscientes, ou, em alguns registros, seres não-conscientes personificados. Já, em se tratando de projeção de fala, estes autores apontam que o participante projetante também pode apresentar traços de consciência, embora este fator seja menos restritivo do que nos casos de projeção de idéias. Figueredo e Pagano (2007), em um extensivo trabalho de descrição do grupo nominal em português, também apontam para este fato, ao tratarem da taxonomização do Ente (“Thing”) do grupo nominal<sup>17</sup> e de seus papéis típicos no sistema de Transitividade. Eles descrevem que o Dizente (“Sayer”) é realizado comumente como Ente consciente, ou como

<sup>16</sup> Os verbos reflexivos em português que funcionam como processos mentais cognitivos (e.g. *lembrar-se*, *recordar-se* e outros) são um interessante exemplo da peculiaridade da projeção de idéias. Nestes casos, o que parece ser um receptor da idéia (e.g. *ele me* lembrou que; *eu me* lembrei que) é, de fato, o seu Experienciador (“Senser”).

<sup>17</sup> Ver também Halliday e Matthiessen (1999:189-194).

Ente não-consciente, e, neste caso, referindo-se a Instituição (*e.g.* IBGE) ou Objeto semiótico (*e.g.* livro, relatório, pesquisa); por sua vez, é descrito que o Experienciador (“Senser”) é realizado tipicamente como Ente consciente, e como não-consciente Instituição.

A distinção entre relato e citação também é uma distinção semântica, cujos princípios estão fortemente pautados pelo sistema de interdependência entre as orações (i.e. o sistema de TAXE). As fundamentações gramaticais e estruturais que caracterizam estes sistemas concorrentes serão descritas e discutidas na seção de análise deste trabalho. Contudo, em termos mais gerais, pode-se dizer que uma diferenciação semântica básica é a de que o uso de citação implica em assumir as Figuras ou palavras citadas como sendo as “mesmas” do evento original de comunicação. No caso do relato, esta vinculação não é assumida.

Também, a distinção entre projetada menor e projetada maior, e neste último caso, a diferença entre proposição e proposta, é semântica, e pauta-se em grande medida pelo sistema semântico interpessoal FUNÇÃO DISCURSIVA, o qual, conforme apontado no subitem 2.2, é realizado pelo sistema gramatical de MODO. No caso da projetada menor, devido ao fato de esta estrutura não apresentar um MODO oracional, não há uma função discursiva objetivamente identificável. Contudo, em se tratando de projetada maior, pode ser observado, a partir da análise do MODO oracional, se a função discursiva refere-se à demanda ou oferta de *informações* (“information”) ou *bens e serviços* (“goods and services”).

Outro ponto a ser observado a partir da FIG. 3 acima, que apresenta o sistema lógico-semântico de PROJEÇÃO elaborado a partir da descrição de Halliday e Matthiessen (2004), é que quando a condição de entrada da PROJEÇÃO é o grupo nominal, as

considerações feitas por estes autores sobre o sistema se baseiam sobremaneira em termos composicionais (e não semânticos, como no caso da condição de entrada complexo oracional). Contudo, é certo que este sistema pode ser reelaborado a partir de uma perspectiva semântica. Menciona-se, por exemplo, que não há uma consideração ampla sobre os tipos de processos que são nominalizados e passam, então, a projetar Figuras como pós-modificadores. Esta questão e outras serão tratadas mais detidamente na seção de análise desta pesquisa.

Conforme já deve ter sido notado, inicialmente a PROJEÇÃO foi identificada apenas como ‘sistema semântico’, e sua dispersão gramatical foi considerada em relação à ordem dos grupos, orações e complexos oracionais. Posteriormente, passou-se então a utilizar o termo ‘sistema lógico-semântico’, uma vez que a discussão foi redirecionada ao enfoque dado por Halliday e Matthiessen (2004, cap. 7) ao tratar da PROJEÇÃO. Verifica-se, desta forma, uma necessidade de esclarecer esta questão terminológica, mesmo porque, não se trata de sistemas diferentes.

Halliday e Matthiessen (1999; 2004) tratam a PROJEÇÃO como um sistema semântico que se caracteriza pela instanciação de realidades semióticas (ou de segunda-ordem). Contudo, ao abordarem este sistema, estes autores enfatizam sobretudo a sua função lógica, a qual se configura como uma forma de organizar a experiência em uma seqüência contínua de eventos, razão pela qual enfatizam a ordem dos complexos oracionais. Observemos, entretanto, que esta é uma das funções da projeção, e que a base semântica a partir da qual se sustenta este sistema permanece inalterada. Desta forma, pode-se entender o termo composto ‘lógico-semântico’ da seguinte maneira: ‘lógico’ identifica a função, e ‘semântico’ o estrato.

Como apontado, o sistema semântico de PROJEÇÃO reverbera também no componente experiencial da Metafunção Ideacional e na Metafunção Interpessoal (ver FIG.5 abaixo). Desta forma, é de se esperar que outras funções, que não a lógica, sejam atribuídas a este sistema. Assim, pode se falar de uma função experiencial, por exemplo, visto que a PROJEÇÃO é utilizada para representar a fala e o pensamento de falantes, ouvintes, personagens em narrativas, e opiniões de pessoas e de instituições creditadas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:449). Também é possível identificar uma função interpessoal, a qual vem sendo tratada mais detidamente pelo grupo de pesquisadores que desenvolve a teoria de avaliatividade (*appraisal*) (cf. DROGA e HUMPHREY, 2002; MARTIN, 2000; MARTIN e ROSE, 2003; WHITE, 2005). Neste último caso, a orientação é mais discursiva, e observa-se, por exemplo, a carga semântica do elemento projetante (processo ou adjunto modal), a qual pode marcar a atitude de quem relata ou cita. Ainda, em termos interpessoais, pode ser mencionado o fato de que, dependendo do status e poder da fonte que serve de base à citação ou ao relato, pode se dar maior ou menor credibilidade ao significado projetado.

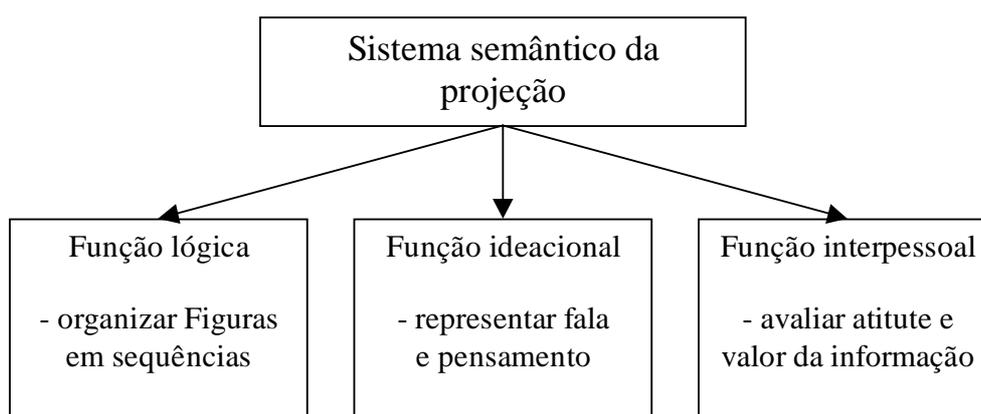


FIG.5 – Dispersão funcional do sistema semântico de PROJEÇÃO

O sistema semântico de PROJEÇÃO é, pois, um sistema multifuncional caracterizado em última instância pelo fato de projetar realidades de segunda-ordem. Nesta pesquisa, contudo, não interessa a descrição exhaustiva das funções da projeção. O enfoque priorizado é o paradigmático, ou seja, interessa a descrição das opções sistêmicas presentes no paradigma da PROJEÇÃO. E neste sentido, parece que há dois níveis de análise. Um no estrato semântico, e, neste nível, este trabalho baseia-se em grande medida no sistema elaborado por Halliday e Matthiessen (2004), descrito na FIG. 6. E outro no estrato lexicogramatical, que neste caso, corresponde ao ambiente gramatical de realização da semântica. Cabe mencionar que, como estes estratos encontram-se em relação de realização, a análise do estrato semântico deve envolver sempre uma descrição do fraseado (i.e. da lexicogramática) que realiza esta semântica (HALLIDAY, 1985), e é esta a orientação adotada ao longo deste trabalho: descrever a gramática que realiza a projeção no estrato semântico da linguagem.

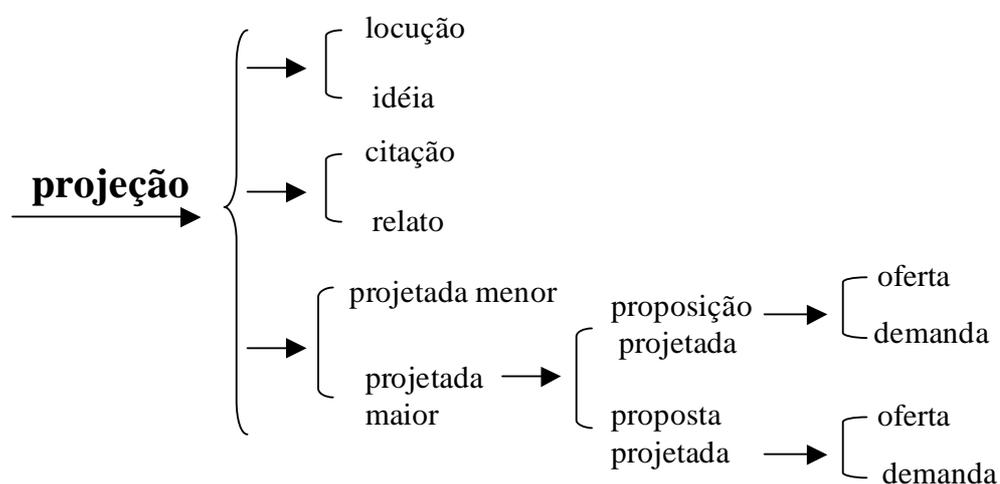


FIG. 6 – Opções do sistema semântico de PROJEÇÃO segundo Halliday e Matthiessen (1999; 2004)

A partir desta orientação, foi estruturada uma metodologia de análise objetivando alcançar o objetivo proposto. Esta será apresentada no capítulo a seguir.

## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA**

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. *Considerações iniciais*

Como já foi assinalado, a teoria sistêmico-funcional é uma teoria empregada em análises textuais e em descrições gramaticais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). No caso da descrição gramatical, que constitui o enfoque deste trabalho, a orientação é descrever padrões de ocorrências que se configurem como opções no paradigma de um dado sistema (HALLIDAY, 1991). Com efeito, segue que a identificação de padrões a partir de instâncias é um requisito para a descrição das opções sistêmicas, e que esta identificação se dá por meio da análise de um corpus representativo dos usos da linguagem.

Uma questão colocada ao se considerar a descrição de sistemas gramaticais é como a análise de instâncias pode resultar em um sistema gramatical (e conseqüentemente semântico<sup>18</sup>) que represente as possíveis ocorrências no potencial de significado da língua, em um dado momento de seu desenvolvimento semogenético. A resposta de Halliday para esta questão parece centrar-se em duas bases complementares. Primeiramente, Halliday et al. (1964) apresentam os sistemas gramaticais como sistemas fechados, isto é, sistemas que envolvem um pequeno número de escolhas a serem feitas. Por exemplo, no caso do sistema de polaridade, são duas as opções disponíveis – positivo, negativo –, o que significa que toda oração seleciona ou polaridade positiva ou negativa. Consoante a este fato, verifica-se que não é necessário descrever todas as instâncias de uma língua para se observar que há um sistema que seleciona polaridade positiva ou negativa, haja vista que a análise de algumas instâncias já permite chegar a esta conclusão. A outra base que complementa a

---

<sup>18</sup> Conforme observado, devido ao princípio de realização que organiza os estratos, um sistema gramatical apresentará um sistema semântico correspondente.

perspectiva de gramática como rede de sistemas fechados é a orientação probabilística, por meio da qual se pode prever as ocorrências no sistema. Assim, conforme aponta Halliday (1991), toda descrição de sistemas se inicia com a análise de instâncias, e a generalização de padrões instanciais se configura enquanto sistema quando é possível a verificação de padrões de ocorrência em um corpus representativo dos usos da língua. Neste sentido, descrever os sistemas fechados a partir da análise de instâncias e apontar os padrões de ocorrência destes sistemas a partir de um corpus representativo dos usos da língua constitui um meio de se chegar a generalizações acerca de sistemas gramaticais, o que, segundo Tognini-Bonelli (2001), rebate as críticas de que sistemas descritos a partir de um corpus só se aplicam ao corpus analisado.

Outra questão a se considerar na descrição de sistemas gramaticais é que a instância, de um lado, e o sistema da língua, de outro, constituem dois extremos de um continuum que apresenta pontos intermediários, os quais se configuram como variação de usos da linguagem, ou registros (MATTHIESSEN, 1993). O conceito de registro, que já foi apresentado no capítulo 2 deste trabalho, é central ao se tratar de padrões de ocorrência. Isto porque, conforme aponta Halliday (1991), um registro é uma tendência a se selecionar certas combinações de significado com certa frequência. Assim, enquanto se verifica que o sistema semântico de PROJEÇÃO é realizado em uma vasta gama de registros, por exemplo, em termos probabilísticos é mais provável que ele seja mais representativo em alguns domínios de registros, como o jornalístico, o científico e o literário. Desta forma, um sistema gramatical terá uma probabilidade de ocorrência se considerado frente ao sistema da língua, e outra probabilidade se considerado em relação a registros específicos, o que, dentre outras implicações, permite contrastar características que definem um registro em relação a outros registros.

Pautando-se por estas observações, este trabalho, que tem por objetivo descrever o sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical, assume a orientação de análise de corpora dentro da abordagem sistêmico-funcional da linguagem (cf. HALLIDAY, 1991; HALIDAY e MATTHIESSEN, 2004; TOGNINI-BONELLI, 2001). A partir desta inserção, foram adotados alguns parâmetros metodológicos, os quais, enumerados a seguir, serão retomados mais detidamente: i) seleção e compilação do corpus; ii) acesso ao Lácio-Ref como corpus complementar de auxílio à análise iii) sistema considerado; iv) anotação do corpus; e v) ferramentas computacionais de auxílio à análise.

### ***3.2. Aspectos metodológicos da pesquisa***

#### ***3.2.1. A seleção e compilação do corpus***

Conforme apresenta Tognini-Bonelli (2001), um corpus é uma coleção de amostras textuais selecionadas segundo critérios específicos, sendo sua função prover informações sobre a linguagem. Neste sentido, a consideração sobre o que incluir ou não na constituição de um corpus envolve a análise de critérios que se relacionam de forma direta aos objetivos e pressupostos teóricos adotados, e de forma subsidiária a estes, a questões como tamanho, conteúdo e representatividade do material incluído (cf. HUNSTON, 2002).

Como já descrito na Introdução desta dissertação, o objetivo deste trabalho é descrever o sistema semântico de PROJEÇÃO do português brasileiro e sua dispersão lexicogramatical, e assim evidenciar, por meio da análise de um corpus, padrões de ocorrência que consubstanciem as realizações deste sistema, e que possam ser contrastados com os padrões encontrados em descrições de outras línguas, como o inglês (cf.

THOMPSON, 1994). A importância deste tipo de análise para os Estudos da Tradução e para a produção multilíngüe de textos encontra amparo em trabalhos como os de Teich (2001) e Steiner (2001a, 2001b), assim como na proposta de trabalho do grupo CORDIALL, no qual esta pesquisa se insere.

Este objetivo de descrição sistêmica implica considerar os padrões de ocorrência a partir de um dos extremos do continuum da instanciação, nomeadamente, o do sistema da língua; e dessa forma, concatenado ao exposto por Halliday (2001), exige a seleção de um corpus que represente diferentes situações de uso da linguagem. Outra consideração a ser traçada a partir deste objetivo é que as projeções de fenômenos semióticos, que constituem o objeto desta pesquisa, fazem-se presentes com maior frequência em determinados registros, conforme apontam Halliday e Matthiessen (2004). Desta forma, buscou-se na seleção das amostras textuais incluídas no corpus um balanceamento entre a necessidade de se incluir diferentes registros e a necessidade de se trabalhar com registros em que a representatividade de casos de projeções fosse significativamente maior.

A busca por representatividade de registros levou inicialmente à consideração do modelo de tipologia textual de Jean Ure, sistematizado por Matthiessen e Teruya em forma de diagrama (ver FIG. 7 a seguir). Este modelo apresenta os diferentes usos da linguagem a partir de tipos textuais, o que, na abordagem sistêmico-funcional, refere-se ao registro visto da perspectiva instancial. Isto porque, conforme aponta Halliday (2005), o registro pode ser entendido tanto como variação no sistema quanto como similaridade entre textos. Em se tratando da FIG.7 apresentada a seguir, observa-se que a organização dos usos da linguagem está disposta enquanto tipos textuais, a partir da convergência de três níveis de significado.



Ideacional, e no diagrama se refere aos processos sócio-semióticos, isto é, às atividades que se relacionam diretamente às necessidades das sociedades (STEINER, 2001a). Estes processos estão representados no círculo azul, e são identificados por Matthiessen e Teruya (citado a partir de HERKE-COUCHMAN, 2006) como: explicar (“expounding”); relatar (“reporting”); recriar (“recreating”); compartilhar (“sharing”); fazer (“doing”); recomendar (“recommending”); habilitar (“enabling”); e explorar (“exploring”). O Modo relaciona-se à Metafunção Textual, e no diagrama indica se o texto é falado ou escrito. O Modo falado é representado pelos dois círculos seguintes aos processos sócio-semióticos, ou seja, os círculos amarelo escuro e vermelho. Já o Modo escrito é representado pelos dois círculos amarelos mais periféricos do diagrama. Por fim, as Relações se remetem à Metafunção Interpessoal, e no diagrama identificam o texto como diálogo (“dialogic”) ou monólogo (“monologic”). O diálogo é representado pelo círculo vermelho e pelo amarelo que o segue em direção à borda externa. O monólogo é representado pelo círculo amarelo escuro e pelo círculo amarelo claro da extremidade.

Qualquer tipo de produção textual pode ser enquadrado na convergência dos três componentes do contexto de situação, que no diagrama da FIG. 7 se prestam a identificar os parâmetros para uma tipologia textual. Assim, um texto é falado ou escrito; monólogo ou diálogo; e orientado sempre por um processo sócio-semiótico dominante.

Com a consideração deste diagrama buscou-se um mapeamento inicial de diferentes usos da linguagem, os quais poderiam ser incluídos no corpus da pesquisa se atendessem à condição de apresentarem instâncias de projeção como elementos fundamentais de sua configuração funcional. Também, buscou-se uma forma de tipificar e agrupar os textos segundo um princípio norteador, o que no caso desta pesquisa foi feito a partir da consideração do processo sócio-semiótico.

Após uma busca inicial por diferentes tipos textuais, verificou-se que é pouco significativo o uso de projeções no grupo de tipos textuais pertencentes aos processos sócio-semióticos *fazer*, *recomendar* e *habilitar*. Também, em alguns tipos textuais de outros processos sócio-semióticos (e.g. tipo textual livro didático e outros) verificou-se ser pouco representativa a realização de projeções, motivo pelo qual não foram considerados. Ainda, cabe mencionar que embora alguns tipos textuais pertencentes ao grupo dos processos sócio-semióticos *explorar* e *compartilhar* apresentassem ocorrências de projeção, os mesmos não foram considerados na compilação final do corpus, pois, após uma triagem inicial de textos, e pautando-se por outro trabalho cujo objetivo era a compilação de um corpus para o estudo da projeção em língua inglesa (SEMINO e SHORT, 2004), optou-se por considerar, preferencialmente, textos pertencentes aos domínios de registro científico, jornalístico e literário, o que, no diagrama da FIG.7, está representado pelos processos sócio-semióticos *explicar*, *relatar* e *recriar* respectivamente. A TAB. 1 a seguir apresenta os tipos textuais<sup>19</sup> incluídos na compilação final do corpus, e também apresenta o número total de amostras e *tokens* segundo o tipo textual e o processo sócio-semiótico.

---

<sup>19</sup> Os nomes que identificam os tipos textuais descritos na TAB.1 foram traduzidos a partir da denominação utilizada por Matthiessen e Teruya na elaboração do diagrama da FIG.7.

TABELA 1

Tipos textuais do corpus segundo a convergência dos processos sócio-semióticos com o modo e o tipo de relação, e descrição do número de *tokens* considerados

<b>Processo sócio-semiótico</b>	<b>Modo e tipo de Relação</b>	<b>Tipo Textual</b>	<b>Número de amostras consideradas</b>	<b>Total de <i>tokens</i> segundo o tipo textual e o processo sócio-semiótico</b>
EXPLICAR	+ Escrito + Monólogo	Divulgação científica	5 amostras	5224 <i>tokens</i>
		Artigo acadêmico	4 amostras	4851 <i>tokens</i>
		<i>total</i>	9 amostras	10075 <i>tokens</i>
RELATAR	+ Escrito + Monólogo	Relato histórico	2 amostras	1025 <i>tokens</i>
		Reportagem jornalística	10 amostras	4555 <i>tokens</i>
		Biografia	5 amostras	1028 <i>tokens</i>
	+ Falado + Diálogo	Entrevista	2 amostras	2037 <i>tokens</i>
		Relato retrospectivo dialogado	1 amostra	1543 <i>tokens</i>
		<i>total</i>	20 amostras	10188 <i>tokens</i>
RECRIAR	+ Escrito + Monólogo	Memórias	1 amostra	923 <i>tokens</i>
		Conto	4 amostras	4299 <i>tokens</i>
		Romance	1 amostra	3078 <i>tokens</i>
		Fábula	4 amostras	959 <i>tokens</i>
	+ Diálogo + Falado	Peça teatral	1 amostra	1076 <i>tokens</i>
		<i>total</i>	11 amostras	10335 <i>tokens</i>

A seleção do número de *tokens* incluídos no corpus foi planejada a fim de contemplar cerca de 10.000 palavras em cada processo sócio-semiótico considerado (totalizando um corpus com pouco mais do que 30.000 *tokens*), distribuídas dentre os diferentes tipos textuais apresentados na TAB.1. Este número de 10.000 *tokens* busca uma aproximação parcial ao estudo de Biber (1990) que, ao traçar considerações acerca de como os padrões tendem a se repetir em amostras textuais, aponta que uma amostra de 1.000 *tokens* de um texto tende a representar padrões equivalentes a outras amostras de 1.000

*tokens* deste mesmo texto, e que dez amostras textuais de um mesmo ‘tipo textual’ (totalizando assim 10.000 *tokens*) tendem a representar padrões muito maiores deste ‘tipo’.

Desta forma, a partir das considerações traçadas por Biber (1990), optou-se por coletar amostras textuais com cerca de 1.000 *tokens* cada. As exceções ficaram por conta de alguns tipos textuais (e.g. reportagem jornalística, fábula e outros) cujo número total de *tokens* dos textos não chegava a 1.000, e do tipo textual romance (1 amostra com 3078 *tokens*), em que se optou por incluir um capítulo inteiro do texto. Com isto, objetivou-se que as amostras coletadas retratassem um recorte representativo do uso da linguagem a que está servindo.

Conforme apontado, Biber (1990) também sugere que a análise de 10.000 *tokens* de um mesmo tipo textual aponta padrões representativos de um corpus muito maior deste mesmo tipo textual. Contudo, o propósito deste trabalho não é descrever padrões de um tipo textual/ou registro, mas descrever ocorrências que sejam representativas do sistema semântico de PROJEÇÃO. Por esta razão, a compilação do corpus foi orientada não de forma a contemplar 10.000 *tokens* em cada tipo textual, mas de forma a abranger os processos sócio-semióticos considerados, que agrupam tipos textuais que compartilham características em comum, com uma representatividade<sup>20</sup> da ordem de aproximadamente 10.000 *tokens*.

Cabe ressaltar que a consideração dos objetivos da pesquisa e da base teórica que a sustenta deve vir antes de questões acerca do tamanho, representatividade e conteúdo do material incluído. Neste sentido, uma possível resposta ao questionamento do porque

---

<sup>20</sup> Utiliza-se a palavra ‘representatividade’, e não ‘tamanho’, pois busca-se enfatizar que a análise de 10.000 *tokens* pode apontar padrões mais gerais característicos dos processos sócio-semióticos considerados.

considerar 30.000 *tokens*, distribuídos dentre 12 diferentes tipos textuais, é encontrada na própria constituição da pesquisa.

Primeiramente, Sinclair (2001) aponta que um corpus maior potencializa as exceções, não os padrões; também, na base da teoria sistêmica (HALLIDAY, 1991) está a visão probabilística, que se baseia na possibilidade de prever as ocorrências no sistema. Ora, se o objetivo da pesquisa é descrever e sistematizar padrões de ocorrência que evidenciem as possíveis realizações do sistema de PROJEÇÃO, parece justificável a compilação de um corpus com cerca de 30.000 *tokens*, principalmente porque seu conteúdo é composto por amostras textuais em que, conforme já apontado em outros trabalhos de pesquisa (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; SEMINO e SHORT, 2004), a representatividade de casos de projeção é mais significativa. Além disso, o corpus abrange diferentes tipos textuais, pautando-se pela orientação de Halliday (1991) de se contemplar diferentes usos da linguagem. Cabe mencionar, ainda, que em alguns casos foram feitas consultas específicas ao corpus do Lácio-Ref, tal como descrito no item 3.2.2 a seguir, para ampliar a confiabilidade de algumas análises.

Em relação ao procedimento de coleta das amostras incluídas no corpus, este trabalho seguiu algumas orientações apresentadas por Semino e Short (2004). Desta forma, buscou-se 1) manter excertos inteiros (i.e. capítulos inteiros, seções dentro de capítulos, ou pelo menos, parágrafos que concluam certo assunto); 2) limitar lingüística e temporalmente as amostras incluídas no corpus, e com efeito, incluir apenas extratos textuais em português brasileiro produzidos nos séculos XX e XXI; 3) não se retirar apenas trechos do início ou fim dos textos, embora introduções e conclusões também estejam representadas no corpus; e, por fim, 4) incluir preferencialmente extratos de textos já disponíveis em formato eletrônico (i.e. já digitalizados ou disponíveis na internet ou em CD-ROM).

Todas as amostras incluídas no corpus foram etiquetadas com o uso de parênteses angulares < >. Desta forma, identificou-se as amostras segundo os processos sócio-semióticos (*explicar, relatar* ou *recriar*), o modo (*falado* ou *escrito*), o tipo de relação (*monólogo* ou *diálogo*), e o tipo textual. Também, foram identificados o título e a referência (i.e. veículo, data, edição, etc) dos textos dos quais foram retirados as amostras textuais incluídas no corpus. O exemplo 2 a seguir apresenta como elas foram etiquetadas:

Exemplo 2:

<Processo sócio-semiótico> <modo> <tipo de relação> <tipo textual>  
 <título>  
 <referência: veículo – data ou ano de publicação– edição – outras informações relevantes>

### **3.2.2. Acesso ao Lácio-Ref como corpus complementar de auxílio à análise**

O corpus que foi montado para o estudo proposto nesta dissertação pode ser definido como um corpus de pequenas dimensões (cf. SINCLAIR, 2001), não necessariamente pelo tamanho absoluto, mas pela abordagem e metodologia empregada na análise, que passa pela intervenção antecipada do pesquisador. Conforme aponta Pagano (2005), esta intervenção, que envolve a anotação do corpus antes da aplicação do programa computacional para a obtenção dos dados, caracteriza a análise semi-automática, a qual se faz necessária quando se trabalha com categorias funcionais e discursivas. Desta forma, esta pesquisa adota, por um lado, esta orientação de análise semi-automática, visto que as amostras textuais foram segmentadas em orações, e os casos de projeção foram analisados gramaticalmente e anotados segundo critérios específicos, antes de os dados serem coletados com a ajuda de programas computacionais.

Por outro lado, a proposta de descrição de sistemas gramaticais exige que as considerações feitas acerca do sistema descrito a partir de um corpus possam explicar outras ocorrências neste sistema que não foram objeto da descrição. Diante disto, um recurso utilizado neste trabalho foi o de se recorrer a um outro corpus para fazer buscas específicas de itens que, embora pouco representativos no corpus compilado, fossem importantes para o entendimento das propriedades gramaticais que realizam o sistema semântico de PROJEÇÃO. Desta forma, adotou-se o corpus Lácio-Ref, disponível no sítio <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm> e mantido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como ferramenta de auxílio à análise.

Conforme descrito no sítio apresentado acima, o Lácio-Ref é um “córpus aberto e de referência do Projeto Lácio-Web, composto de textos em português brasileiro, tendo como característica serem escritos respeitando a norma culta”. Este corpus é organizado segundo gêneros textuais, tipos textuais, domínios do saber e meio de distribuição, e pode ser baixado para um computador segundo critérios específicos de busca, ou ser acessado diretamente no sítio, por meio das ferramentas que estão nele disponíveis.

O Lácio-Ref permite buscas simples, avançadas e personalizadas; contudo, nesta pesquisa utilizou-se apenas o recurso de buscas simples. Nesta opção é necessário identificar o meio de divulgação (i.e. CD-ROM, jornal, internet, livro, periódico, revista, etc.) e/ou o gênero (i.e. científico, informativo, instrucional e jurídico) ao qual os textos pertencem. Além disso, em se tratando de textos literários (entendido pela equipe que organizou o Lácio-Ref como um supergênero), é necessário selecionar entre prosa, poesia ou drama. Após a seleção do meio de distribuição e do gênero cria-se um sub-corpus, que tem por limite um milhão de *tokens*, o qual pode ser baixado para um computador ou ser

acessado diretamente no sítio, por meio de três ferramentas disponíveis: concordanciador, contador de frequência e etiquetador.

O fato de as categorizações de gênero e tipo textual utilizadas no Lácio-Ref não condizerem com os conceitos de registro/tipo textual aqui adotados não foi um problema, visto que as buscas nestes subcorpora não visavam o levantamento de padrões de ocorrência em determinados usos da linguagem, mas apenas levantar listas de concordância de itens específicos, de forma a possibilitar o estudo do ambiente sistêmico de realização destes itens. Por este motivo, foi utilizada a própria ferramenta de concordância disponível no Lácio-Ref, para o levantamento de listas de concordância de alguns processos mentais e verbais, os quais segundo Halliday e Matthiessen (2004) são os processos que prototipicamente projetam metafenônemos, e também de alguns adjuntos modais e frases preposicionadas (“prepositional phrases”). Com este procedimento, buscou-se ampliar a confiabilidade das análises.

### **3.2.3. *O sistema considerado***

A definição de o que considerar na descrição de um dado sistema é uma tarefa que pode seguir uma orientação mais dedutiva, i.e. basear-se em modelos já prontos para analisar e descrever os dados, ou, de outra maneira, mais indutiva, i.e. basear-se na análise dos dados para a formulação de um modelo que pode servir *a posteriori* à descrição e análise de outros dados. Entretanto, como pode ser observado na história do desenvolvimento da ciência moderna, nem sempre estas duas orientações são antagônicas entre si. Menciona-se, por exemplo, o desenvolvimento dos modelos atômicos e da mecânica moderna, que se baseou na reformulação de modelos anteriores, aceitos com

valor de verdade, à luz de novas descobertas que não se explicavam a partir da consideração destes modelos.

No caso desta pesquisa buscou-se um diálogo entre a abordagem dedutiva e a indutiva. A base dedutiva se assenta no fato de que as opções do sistema de PROJEÇÃO descritas por Halliday e Matthiessen (1999; 2004) para o inglês serviram de base norteadora sobre o que considerar ao se analisar as instâncias em português brasileiro. Esta opção de adotar um modelo descritivo elaborado para uma outra língua, a partir de uma base indutiva, foi feita devido ao fato de não haver trabalhos prévios orientados à descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro na abordagem sistêmico-funcional de linguagem. Além disso, esta opção encontra amparo na asserção de Matthiessen et al (2005) de que contrastes sistêmicos gerais, tais como ‘positivo’ vs. ‘negativo’, ‘material’ vs. ‘mental’ vs. ‘verbal vs. ‘relacional’, ‘projeção’ vs. ‘expansão’ etc., estão presentes em todas as línguas, embora suas realizações estruturais possam variar significativamente de uma língua para outra. Cabe mencionar que esta asserção é consubstanciada por trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto *Systemic Meaning Modelling Group* (cf. <http://minerva.ling.mq.edu.au/>) que, tendo por fundamentação a teoria sistêmico-funcional de linguagem, tem por interesse a descrição e comparação de sistemas linguísticos, tais como o chinês, o inglês, o francês e o japonês, para implementações computacionais.

Neste sentido, a consideração dos contrastes sistêmicos gerais descritos por Halliday e Matthiessen (1999; 2004) em referência ao sistema de PROJEÇÃO foi adotada neste trabalho, e constitui sua base dedutiva. Entretanto, o trabalho também apresenta uma orientação indutiva. Isto porque o português brasileiro é um sistema linguístico que apresenta características que lhes são próprias. Assim, na descrição do sistema de

PROJEÇÃO, por exemplo, é de se esperar que haja padrões de ocorrências<sup>21</sup> em português que não sejam característicos do inglês, e que, conseqüentemente, resultem em considerações alheias às descritas por Halliday e Matthiessen (2004). Além disso, esta orientação indutiva pode servir ao desenvolvimento de alguns pontos do próprio modelo de base da pesquisa, o qual, elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (2004), é apresentado na FIG. 8 a seguir:

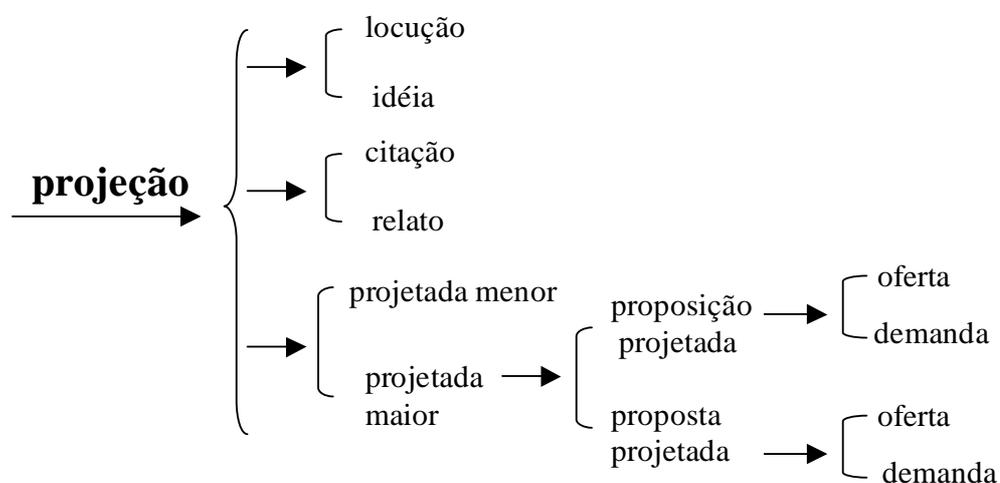


FIG. 8 – Opções do sistema semântico de PROJEÇÃO, segundo Halliday e Matthiessen (1999; 2004)

Conforme já explicitado no subitem 2.4, este modelo apresenta os contrastes sistêmicos do sistema de PROJEÇÃO. Estes contrastes se localizam no estrato semântico da linguagem e são, por sua vez, realizados pela lexicogramática, razão pela qual Halliday (1985) afirma que a análise do estrato semântico deve envolver sempre uma descrição do fraseado (i.e. da lexicogramática) que o realiza.

Pautando-se pela observação de Halliday (1985), esta pesquisa tem por orientação a descrição da gramática que realiza os contrastes sistêmicos do sistema semântico de

<sup>21</sup> Estes padrões de ocorrências se configuram a partir de recursos lexicogramaticais que realizam, no estrato semântico, os contrastes sistêmicos da PROJEÇÃO.

PROJEÇÃO. Desta forma, verifica-se que, de fato, descrever a PROJEÇÃO envolve a análise concomitante dos dois níveis de conteúdo da linguagem: o semântico e o lexicogramatical. Observemos, por exemplo, que para se definir uma projeção como idéia é necessário, antes, identificar o processo projetante como mental (ou forma agnata a este). Além disso, é importante ressaltar que devido ao fato de a PROJEÇÃO ser um sistema disperso na lexicogramática, a relação entre o semântico e a realização gramatical não é de 1 item por 1 item. Observemos, a título de exemplo, que se projetam locuções por meio de processos verbais, mas também por meio de circunstâncias de ângulo, ou mesmo por meio de outros recursos. Consoante a este fato, um dos grandes desafios ao se descrever a PROJEÇÃO é identificar o que é projeção e onde ela se realiza na lexicogramática.

Neste trabalho, entende-se que a PROJEÇÃO é um sistema semântico disperso gramaticalmente, o qual se caracteriza pela capacidade de projetar eventos semióticos, ou, em outras palavras, a capacidade de projetar uma Figura da experiência (ou seqüência de Figuras) de um outro plano de realidade, qual seja, o plano semiótico (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:108). Já em relação às possíveis realizações gramaticais não há um modelo pronto e definitivo a ser seguido, mesmo porque, se houvesse, não seria necessário o estudo aqui proposto. Entretanto, há trabalhos como o de Halliday e Matthiessen (1999; 2004) e, em especial o de Thompson (1994), que apontam diversos recursos lexicogramaticais utilizados na realização de projeções; e embora estes estudos enfoquem a língua inglesa, suas considerações orientaram a descrição aqui proposta.

### 3.2.4 A anotação do corpus

Por anotação entende-se a adição de informações a um corpus com o objetivo de interpretá-lo linguisticamente (SEMINO e SHORT, 2004). No caso desta pesquisa, esta adição de informações envolveu dois procedimentos complementares. Um destes procedimentos foi a segmentação de todas as orações e concomitante classificação das relações de interdependência estabelecidas entre elas<sup>22</sup>. Este procedimento foi necessário devido ao fato de a projeção, prototipicamente, ocorrer na ordem dos complexos oracionais, o que resulta na necessidade de se ter, então, uma definição destes complexos; soma-se a isto o fato de a identificação das relações de interdependência ser um dos parâmetros utilizados na distinção entre relato e citação. Já o outro procedimento adotado foi a identificação e anotação das ocorrências de projeção. Estes procedimentos serão explicitados a seguir.

A segmentação e classificação das relações de interdependência lógica entre as orações foram feitas considerando-se a anotação adotada por Thompson (1996). Assim,

---

<sup>22</sup> É importante ressaltar que devido à ausência de estudos descritivos calcados na abordagem sistêmico funcional da linguagem que definam um conceito de oração em português brasileiro, e que tratem mais detidamente das características que distinguem a relação paratática da relação hipotática nesta língua, o presente estudo pautou-se pelas considerações apresentadas por Halliday e Matthiessen (2004) ao abordarem estes temas. Assim, entende-se por oração toda unidade de significado que apresenta concomitantemente um MODO, um PROCESSO, e uma ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA. Este conceito não contempla as orações elípticas (cf. THOMPSON, 1996:125), as quais, por falta de critérios mais objetivos que permitam sua identificação no texto, não foram segmentadas. Em relação à classificação das relações de interdependência entre as orações, seguiu-se Halliday e Matthiessen (2004:374), que apresentam três possíveis testes para se distinguir a relação paratática da hipotática. São eles: 1) inclusão de tag questions (que não se aplica ao português, já que a realização do MODO (Finito + Predicador) em inglês é distinta da do português); 2) verificação da forma agnata (pois a forma agnata de orações em relação paratática é comumente um conjunto de dois *simplexes*, que formam uma seqüência coesiva; ao passo que a forma agnata de orações em relação hipotática é comumente um complexo de duas orações paratáticas ligadas por uma conjunção); e 3) mudança do modo oracional de uma das orações (pois como as orações em relação de parataxe são proposições independentes, elas podem assumir diferentes modos oracionais). Para além destes dois últimos testes, foi observada a natureza das conjunções que ligavam as orações, quando era o caso.

todas as orações foram segmentadas e anotadas segundo os símbolos apresentados no QUADRO 3 abaixo:

QUADRO 3  
Anotação das relações de interdependência entre as orações

Símbolo	Função
	Separar as sentenças
	Separar as orações em relação paratática
	Separar as orações em relação hipotática
[[ ]]	Separar as orações encaixadas (“embedded clauses”)
<< >>	Separar as orações intercaladas (“interrupting clauses”)

Conforme se pode observar no QUADRO 3, o limite da sentença<sup>23</sup> é identificado pelo uso do símbolo |||. O uso do símbolo ||, por sua vez, refere-se à relação paratática, na qual duas (ou mais) orações de um complexo oracional são de igual *status* (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), podendo apresentar modos oracionais distintos. Já o uso do símbolo | indica que a relação entre duas orações de um complexo oracional é de dependência, ou seja, que duas (ou mais) orações estão relacionadas por hipotaxe. Por fim, o uso de [[ ]] identifica as orações encaixadas, e o uso de << >> as orações intercaladas.

Em alguns exemplos apresentados na seção de análise e discussão de dados deste trabalho também foi adotado um outro tipo de anotação, utilizado por teóricos sistemicistas (e.g. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), em referência às relações de interdependência e aos casos de projeção de idéia e locução. Assim, utiliza-se números (1, 2, 3 ...) para identificar relações paratáticas; letras gregas ( $\alpha$ ,  $\beta$ ,  $\gamma$ ...) para identificar relações hipotáticas; aspas simples ‘ ’ para identificar projeção de pensamento; e aspas duplas “ ” para indicar projeção de fala.

<sup>23</sup> Na abordagem sistêmico-funcional o conceito de sentença é formal, remetendo-se, na escrita, ao que se inicia por uma letra maiúscula e termina com um ponto final, de exclamação ou de interrogação. Já os conceitos de parataxe e hipotaxe são funcionais, pois estes são recursos que surgiram ao longo do desenvolvimento da linguagem, e do indivíduo, como formas distintas de se organizar a experiência.

Em se tratando das ocorrências de projeção, optou-se neste trabalho por não elaborar *a priori* um modelo de anotação que previsse a classificação de todos os casos de projeção. Isto porque o sistema semântico de PROJEÇÃO é disperso na lexicogramática. Com efeito, um modelo de anotação das ocorrências de projeção tem que contemplar dois níveis de análise: um semântico e outro lexicogramatical (servindo este de base à classificação semântica). No caso do nível (ou estrato) semântico, tem-se, conforme já apresentado na FIG. 8 acima, o modelo de Halliday e Matthiessen (2004) que serve de base a este trabalho. Contudo, este nível se realiza na lexicogramática de forma dispersa, e como não há um estudo orientado à descrição destas realizações gramaticais em português que as correlacione com o estrato semântico, na abordagem sistêmico-funcional, torna-se inviável pautar-se por um modelo *a priori* para a anotação deste nível (pois não se pode prever, sem analisar primeiramente o corpus, todos os recursos lexicogramaticais que se prestam a projetar realidades de segunda-ordem); e conseqüentemente, torna-se inviável a própria classificação das opções do estrato semântico.

Consoante a dificuldade de se elaborar um modelo de anotação *a priori*, que contemple os estratos lexicogramatical e semântico, sem basear-se nas ocorrências do corpus, optou-se neste trabalho por uma anotação mais coerente com a proposta da pesquisa. Neste sentido, foram identificadas as ocorrências de projeção a partir da consideração das realizações gramaticais que projetavam realidades de segunda-ordem. Por sua vez, estas ocorrências foram anotadas com a inclusão da palavra “projeção” inserida dentro de parênteses angulares < > que, acrescentados ao corpo dos textos, foram posicionados em frente ao item projetante (e.g. processo, adjunto e outros). Isto veio a possibilitar o levantamento de listas de concordância, com o auxílio de ferramentas computacionais, e subsequente identificação de padrões de ocorrência, a partir da análise do

ambiente lexicogramatical, que permitiram correlacionar as realizações gramaticais com as opções semânticas do sistema de PROJEÇÃO. O Exemplo 3 disposto a seguir ilustra um trecho do corpus anotado e segmentado segundo a abordagem descrita acima:

Exemplo 3:

“Quando é submetida a uma revista especializada, | a pesquisa é analisada por cientistas renomados | que revisam o trabalho | em busca de possíveis falhas”, || conta <projeção> Átila da Rosa, paleontólogo da Universidade Federal de Santa Maria. |||

### 3.2.5. *As ferramentas computacionais de auxílio à análise*

A anotação do corpus foi feita manualmente no aplicativo WORD, do programa OFFICE 2000 © da Microsoft. Após anotado, o arquivo foi então salvo em formato *txt*. e interpretado com o auxílio da ferramenta *Concord*, do programa WordSmith *Tools*<sup>24</sup> ©, versão 4.0, o qual, desenvolvido por Mike Scott, é comercializado pela Oxford University Press.

Com a ferramenta *Concord* é possível obter linhas de concordância a partir da busca por uma ou mais palavras-chave em um banco de dados composto por textos selecionados. As linhas de concordância apresentam a palavra procurada juntamente com seu co-texto, cujo tamanho pode ser configurado nas opções do *Concord*. Uma apresentação mais detalhada dos recursos desta ferramenta pode ser encontrada nos trabalhos de Scott (2001), Berber Sardinha (1999), e no sítio

<http://www.liv.ac.uk/~ms2928/wordsmith/screenshots/index.htm>.

<sup>24</sup> Há aplicativos que integram, em uma mesmo ambiente de trabalho, um sistema semi-automático de anotação, a partir de categorias pré-definidas, com um sistema de levantamento automático de dados. Menciona-se, por exemplo, o *Coder*, desenvolvido por Mick O'Donnel (cf. <http://www.wagsoft.com/Systemics/index.html>) e o *Sysfan*, desenvolvido por Canzhong Wu (cf. <http://minerva.ling.mq.edu.au/>). Contudo, estes não foram utilizados porque para os propósitos da pesquisa pareceu ser mais adequado a análise de padrões a partir de linhas de concordância.

Já nos casos das buscas no Lácio-Ref, utilizou-se a ferramenta *Concordanciador*, disponibilizada no servidor do Lácio-Web. Esta ferramenta possui função semelhante ao *Concord*; contudo se diferencia deste em três pontos principais. Primeiramente, o *Concordanciador* acessa apenas o banco de dados do Lácio-Ref, não podendo ser utilizado como ferramenta de análise para amostras textuais que não constem neste banco de dados. Além disso, o *Concordanciador* analisa até 1 milhão de palavras, que é o limite de palavras permitido no Lácio-Ref para a criação de um subcorpus. Já o terceiro ponto refere-se ao fato de não ser possível fazer buscas no *Concordanciador* por informações anotadas no corpus, uma vez que as amostras do Lácio-Ref não aceitam edições (i.e. não aceita a inclusão de informações nas amostras textuais). A FIG. 9 a seguir apresenta a interface gráfica destas ferramentas.

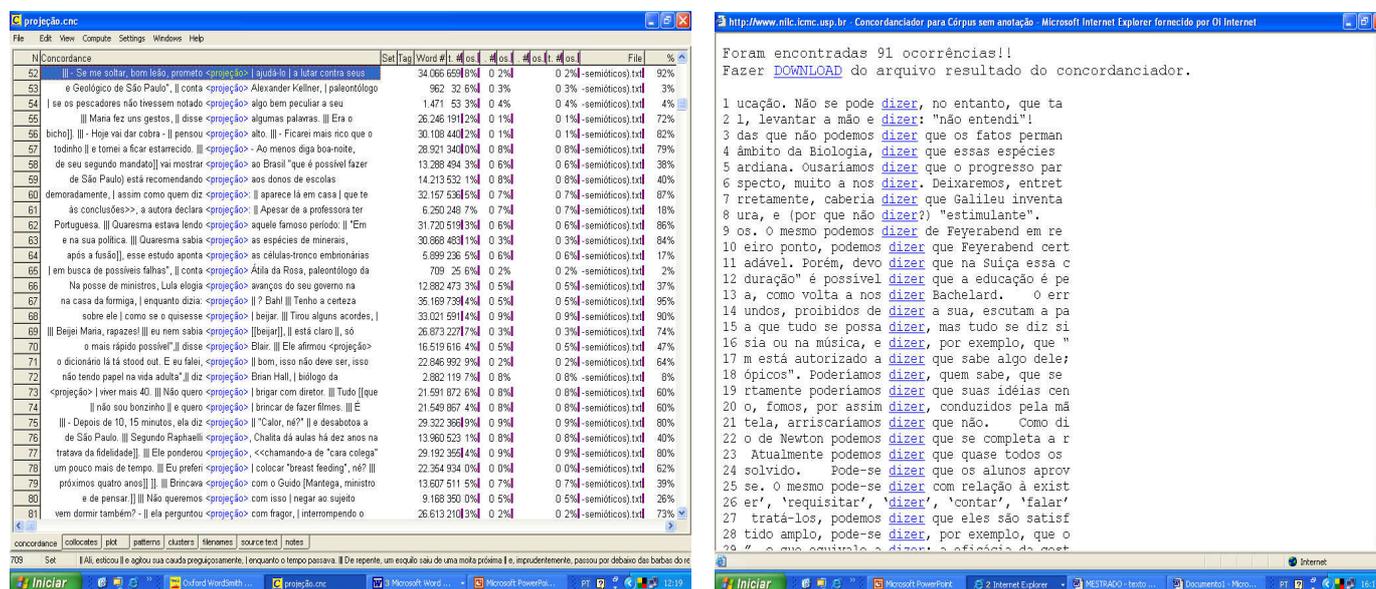


FIG. 9 – Interface gráfica dos aplicativos *Concord*, do programa *WordSmith tools*, e *Concordanciador*, do Lácio-Ref

No caso deste trabalho, cabe ressaltar que o uso da ferramenta *Concord* foi sobremaneira importante, pois foi a partir da observação das linhas de concordância dos casos de projeção anotados é que se traçou grande parte das considerações descritas na seção de análise e discussão de dados.

### **3.3 Procedimentos de análise**

Conforme já explicitado, o primeiro procedimento de análise deste trabalho foi compilar o corpus, o que foi feito por meio da observação de critérios específicos que se propunham a atender aos objetivos da pesquisa. Uma vez compilado o corpus de análise deste estudo, procedeu-se à sua anotação manual, segundo os parâmetros descritos no subitem 3.2.4 apresentado acima. Após anotado, dados quantitativos e linhas de concordância foram geradas com o auxílio das ferramenta *Concord*, do programa *WordSmith Tools*. A partir destes dados, procedeu-se à descrição do sistema de PROJEÇÃO, observando-se como as opções do estrato semântico deste sistema são realizadas pela lexicogramática. Em casos de dúvida, ou em que as ocorrências do corpus eram demasiado reduzidas para traçar considerações mais abrangentes sobre determinados pontos observados, procedeu-se a consultas ao corpus Lácio-Ref, utilizando a ferramenta de concordância de seu servidor. Este procedimento buscou ampliar a confiabilidade das considerações traçadas.

Os padrões levantados serão retomados no próximo capítulo deste trabalho, que enfocando a análise das ocorrências, busca traçar um perfil do sistema semântico de PROJEÇÃO em português brasileiro.

## **CAPÍTULO 4**

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1. *Considerações iniciais*

O presente estudo tem por objetivo descrever o sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro. Conforme descrito no capítulo 3 deste trabalho, para se alcançar este objetivo compilou-se um corpus com cerca de 30 mil *tokens*, e identificou-se os casos de projeção em um nível de *especificidade* geral, isto é, não foram anotadas, em um primeiro momento, sub-categorizações que possibilitassem a caracterização da projeção como idéia ou locução, relato ou citação e proposta ou proposição. Com efeito, uma primeira etapa da análise foi identificar e anotar no corpus os casos de projeção sem correlacionar, na anotação, os recursos lexicogramaticais empregados às opções semânticas realizadas.

Conforme também descrito no capítulo 3, após esta primeira etapa de identificação das ocorrências de projeção, foi empregado a ferramenta *Concord*, para a criação de uma lista de concordância. Nesta etapa, foi levantada uma lista com 691 ocorrências de projeção, a qual serviu de base para a identificação dos recursos gramaticais que realizam as opções semânticas do sistema de PROJEÇÃO. Devido ao fato de este sistema ser disperso na lexicogramática, a análise desta lista foi feita considerando-se os estratos semântico e lexicogramatical da linguagem. Desta forma, buscou-se identificar e categorizar os recursos lexicogramaticais, relacionando-os às opções semânticas do sistema de PROJEÇÃO. Isto permitiu que padrões de ocorrência fossem identificados, os quais serão retomados e discutidos a seguir. Antes, porém, cabe ressaltar que a descrição não se

desvincula da teoria (MATTHIESSEN e NESBITT, 1996), razão pela qual a análise e discussão apresentadas a seguir englobam a descrição pautada por um constante retorno à teoria.

#### 4.2. *O sistema semântico de PROJEÇÃO: nível de projeção, modo de projeção, e função discursiva*

Conforme descrito, o que caracteriza o sistema semântico de PROJEÇÃO é sua função de projetar eventos semióticos, isto é, eventos que se constituem enquanto fenômenos já interpretados lingüisticamente (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:108), ou, em outras palavras, como *metafenômenos*. Estes eventos semióticos, por sua vez, prestam-se a diferentes propósitos, como pode ser observado nos seguintes exemplos<sup>25</sup>:

- 4) Schmall **disse** <projeção> | que uma empresa como a Volkswagen deve ter o mercado nacional como base para suas vendas, não a exportação. |||
- 5) À época, o explorador Roy Chapman Andrews **argumentou** <projeção> | que a baleia deveria ser a regressão de um antepassado [[que vivia na Terra]]. |||
- 6) - Não há dúvida, || **disse** <projeção> a irmã de Quaresma. |||
- 7) Você **pensa** <projeção> em fazer dramaturgia na sua produtora?

Os exemplos acima identificam usos prototípicos da projeção, os quais, conforme descrevem Halliday e Matthiessen (2004:443), condizem com i) a atribuição de fonte em notícias de jornal; ii) a representação do ponto de vista do cientista; iii) a construção de diálogos em narrativas; iv) e a elaboração de perguntas em diálogos. Estes usos, por sua vez, podem ser realizados por meio de diferentes recursos lexicogramaticais, os quais realizam no estrato semântico os contrastes sistêmicos: idéia ou locução; relato ou citação; proposição ou proposta.

---

<sup>25</sup> Todos os exemplos representados neste capítulo foram retirados do corpus analisado, ou do banco de dados consultado.

O contraste entre idéia e locução refere-se ao nível de projeção, tal como entendido na teoria sistêmico-funcional de linguagem. Assim, embora idéias e locuções se constituam como realidades semióticas, a projeção de uma locução se dá a partir de um conteúdo fraseado (i.e. gramaticalizado) e expresso no mundo físico, possuindo assim uma existência material, e por isso, podendo ser direcionada a um receptor. Neste sentido, o nível de realização da locução é o lexicogramatical, pois se trata de um conteúdo fraseado. Já a projeção de idéias parte de um conteúdo interior à consciência do indivíduo, não sendo constituída a partir de um fraseado evidenciado no mundo físico, razão pela qual a projeção de idéias é identificada por Halliday e Matthiessen (1999) como realizada a partir do estrato semântico, enquanto significado. A fim de ilustrar esta diferenciação, pensemos em uma entrevista gravada e transcrita que sirva de base para uma reportagem jornalística. Nesta entrevista, pode-se ter acesso ao que a pessoa falou, mas não ao que pensou, ao menos que o pensamento seja exteriorizado (e assim fraseado) enquanto fala. É por esta razão que no corpus analisado as projeções de idéias em reportagens de jornal se apresentam comumente aninhadas em complexos oracionais que possuem uma locução projetante, como se pode observar no exemplo 8 a seguir:

Exemplo 8:

" <b>Acredito</b> <projeção>	que hoje estamos vivendo momento importante na história desse país, (...)	<b>disse</b> <projeção> Lula.
" <b>Quero</b> <projeção>	resolver essa situação pela via diplomática o mais rápido possível",	<b>disse</b> <projeção> Blair. 
"1 $\alpha$	'1 $\beta$	2

Neste exemplo, também pode ser observado um outro contraste sistêmico a ser explorado neste trabalho: a diferença entre relato e citação, que na teoria sistêmico-funcional remete-se ao modo da projeção. A distinção entre relato e citação é uma

distinção semântica<sup>26</sup>, que comumente se realiza na gramática pela diferenciação entre os dois modos de interdependência lógica entre as orações: parataxe e hipotaxe. Assim, no exemplo 8 acima, tem-se uma relação hipotática, entre a oração  $\alpha$ , dominante, e a  $\beta$ , dependente, as quais formam uma projeção hipotática de idéia (identificando, assim, o relato de uma idéia); esta projeção, por sua vez, forma um complexo oracional que está sendo projetado por uma outra oração, que estabelece com o complexo uma relação paratática, e identifica, no caso, a citação de uma locução. Contudo, estes são casos prototípicos de relato e citação que se realizam na ordem dos complexos oracionais. Mais a seguir, outros padrões encontrados no corpus serão apresentados e interpretados gramaticalmente, a partir desta distinção semântica.

Um terceiro contraste sistêmico considerado neste trabalho é o referente à função discursiva do conteúdo projetado. A função discursiva é um sistema semântico interpessoal, que realizado na lexicogramática pelo sistema de MODO, trata das relações de troca de *informações, bens e serviços* entre os falantes (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Estas relações podem se dar no plano de realidade semiótico (2ª ordem), ou no plano material (1ª ordem). Quando o “bem” da troca é *informação*, a linguagem é a base constituinte, e o bem pode ser entendido como pertencente ao plano semiótico. Quando o “bem” é *bens e serviços*, a linguagem serve como facilitadora da troca de um bem cuja existência é material, parcialmente dependente da linguagem (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:113). A troca pode se configurar como demanda ou oferta de informações, sendo representada como proposição, ou como demanda ou oferta de bens e serviços, sendo representada como proposta; esta se remetendo a alguma ação que alguém

---

<sup>26</sup> Conforme observado na revisão teórica deste trabalho, nos casos de citação assume-se que as Figuras ou palavras citadas são as “mesmas” do evento original de comunicação. No caso do relato, esta vinculação não é assumida.

deve fazer. Se este alguém for o falante, a proposta é oferta; se for o ouvinte, a proposta é demanda. Desta forma, o conteúdo de uma projeção pode ser tanto uma proposição, quanto uma proposta, assim como, em alguns casos, uma oração menor sem modo oracional, conforme se pode observar nos exemplos a seguir:

- 9) **proposição/oferta** → A Cargill **afirma** <projeção>| que a construção do porto foi autorizada pela Justiça do Pará. |||
- 10) **proposição/demanda** → (...) | Seattle **questiona** <projeção>: || "ensinarão vocês às suas crianças [[o que ensinamos às nossas]]? |||
- 11) **proposta/oferta** → - **Prometo** <projeção> | que nunca mais voltarei a rir de você, || (...)
- 12) **proposta/demanda** → - Cante lá, Senhor Ricardo, || **pediu** <projeção> Dona Adelaide. |||
- 13) **oração menor** → - Que nada! - **respondeu** <projeção>, muito de repente, uma voz. |||

Uma vez identificados em termos gerais os contrastes semânticos constituintes do sistema semântico de PROJEÇÃO, cabe adentrar na questão de como estes contrastes são realizados pela lexicogramática do português brasileiro. Também, busca-se apresentar a confluência dos sistemas, isto é, como a projeção de idéias e locuções se correlaciona ao contraste relato vs. citação, e proposição vs. proposta. Estas questões são retomadas nas próximas subseções.

### 4.3 *A projeção de idéias e sua dispersão gramatical*

#### 4.3.1 *Processos mentais*

Conforme descrito mais acima, este trabalho buscou identificar os ambientes de realização gramatical da projeção a partir dos padrões de ocorrência identificados no corpus analisado. No caso da projeção de idéias, verificou-se que o ambiente de realização mais recorrente é o que se identifica a partir do uso de processos mentais projetantes, na ordem dos complexos oracionais.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), há quatro subtipos de processos mentais – *cognitivo, desiderativo, perceptivo e emotivo* –, dos quais apenas os dois primeiros são capazes de projetar metafenômenos. Assim, uma idéia pode ser criada a partir de um processo cognitivo ou de um processo desiderativo, remetendo-se, neste último caso, a uma existência hipotética, mas nunca por um processo perceptivo ou emotivo. Contudo, segundo estes autores (1999:138), processos mentais perceptivos e emotivos podem acomodar projeções pré-existentes, i.e. *Fatos*<sup>27</sup>. Assim, ao se analisar a estrutura de realização de processos mentais projetantes na ordem dos complexos oracionais em português, verificam-se projeções de idéias relacionadas a processos mentais cognitivos e desiderativos, e projeções de Fatos, relacionadas a processos mentais perceptivos e emotivos, conforme se pode observar no QUADRO 4 a seguir.

---

<sup>27</sup> Os *fatos* são retomados mais detidamente por Halliday e Matthiessen (1999:203), e Halliday e Matthiessen (2004:470480).

## QUADRO 4

## Exemplos de projeção de idéias e de Fatos na ordem do complexo oracional

Tipo de projeção	Processo mental	Exemplos
Projeção de idéias	Cognitivo	<p>Agora <b>compreendo</b> &lt;projeção&gt;   que todos os animais merecem o maior respeito.    </p> <p>(...)    eu <b>achei</b> &lt;projeção&gt;   que tava alterando muito, sabe?    </p> <p><b>Pensa</b> &lt;projeção&gt;   que somos meninos de tico-tico...    </p> <p><i>Outros processos cognitivos projetantes recorrentes no corpus: supor; saber; acreditar; imaginar; reconhecer; teorizar; lembrar; crer; ver; entender.</i></p>
	Desiderativo	<p>"<b>Quero</b> &lt;projeção&gt;   resolver essa situação pela via diplomática o mais rápido possível"    (...)</p> <p>   <b>prefiro</b> &lt;projeção&gt;   que não se faça doutor;   </p> <p><b>Espero</b> &lt;projeção&gt; também   que as pessoas [[que trabalharam no meu governo]] possam mandar documentos sobre esse período,   (...)</p> <p><i>Outros processos desiderativos projetantes recorrentes no corpus: pretender; desejar; procurar; precisar.</i></p>
Projeção de Fatos	Perceptivo	<p>Contemplando a gravura cor-de-rosa,   <b>sentí</b> &lt;projeção&gt; de supetão   que tinha mais alguém na saleta,    virei.    </p> <p><b>Percebi</b> &lt;projeção&gt;   que eu fora uma besta, (...)</p> <p><b>Notamos</b> &lt;projeção&gt;   que não era isso [[que o telespectador queria ver]].    </p> <p><i>Outros processos perceptivos projetantes de Fatos recorrentes no corpus: ver; ouvir; pressentir.</i></p>
	Emotivo	<p><b>Desanimei</b> &lt;projeção&gt;   de fazer uma ascensão.    </p> <p>Ele não <b>gostava</b> &lt;projeção&gt;   de fazer essas coisas;    (...)</p> <p>Eu <b>adorava</b> &lt;projeção&gt;   ficar assim sozinho com ela,   (...)</p> <p><i>Outros processos emotivos projetantes de Fatos recorrentes no corpus: lamentar; aceitar.</i></p>

Em termos de realização estrutural, os exemplos do QUADRO 4 se assemelham por serem constituídos na ordem dos complexos oracionais, e por se configurarem em estruturas típicas de relato. Contudo, conforme apontado, somente processos mentais cognitivos e desiderativos permitem a criação de idéias. Estas, por sua vez, uma vez criadas, podem ser retomadas enquanto fenômeno<sup>28</sup> (i.e. Fato) de processos mentais perceptivos e emotivos. Observemos, por exemplo, que é possível se entender as projeções de emoções e percepções como Fatos de idéias já experienciadas (ver exemplos 14 a 19 abaixo, que se constituem como formas agnatas aos casos de projeção de Fatos apresentadas no QUADRO 4); nestes casos, uma projeção pré-existente (na qualidade de *Fato*) é retomada enquanto percepção ou emoção. Já no caso dos processos mentais cognitivos e desiderativos projetantes, o que há não é uma retomada de um fenômeno experienciado, mas a própria criação deste (meta)fenômeno, que é trazido à existência pelo falante como algo pensado ou desejado.

Exemplos:

- 14) Contemplando a gravura cor-de-rosa, | **senti** <projeção> de supetão | (**o fato**) que tinha mais alguém na saleta, || virei. |||
- 15) **Percebi** <projeção> | (**o fato**) que eu fora uma besta, (...)
- 16) **Notamos** <projeção> | (**o fato**) que não era isso [[que o telespectador queria ver]]. |||
- 17) **Desanimei** <projeção> | (**com a idéia**) de fazer uma ascensão. |||
- 18) Ele não **gostava** <projeção> | (**da idéia**) de fazer essas coisas; || (...)
- 19) Eu **adorava** <projeção> | (**a idéia de**) ficar assim sozinho com ela, | (...)

Desta forma, conforme descrito, a projeção de idéias é realizada prototipicamente no ambiente de realização de processos mentais cognitivos e desiderativos. Também, cabe

---

<sup>28</sup> Halliday e Matthiessen (1999:139) identificam este tipo de fenômeno como *fenômeno metafenomenal* (*metaphenomenal phenomenon*), pois ele se constitui a partir de uma realidade semiótica.

ressaltar que as considerações acerca dos processos mentais feitas neste trabalho limitam-se aos objetivos da pesquisa, ou seja, interessa abordar estes processos na medida em que eles servem à projeção. Uma abordagem mais detalhada e abrangente que caracteriza os subtipos de processos mentais é apresentada por Halliday e Matthiessen (1999:137-144).

#### **4.3.2 Adjuntos modais**

Conforme observado, a projeção de idéias se dá comumente na ordem dos complexos oracionais; contudo, este não é o único ambiente gramatical onde idéias são realizadas. As idéias também podem ser realizadas na ordem da oração e na ordem do grupo nominal, por meio de adjuntos modais (de modo e de comentário), de nominalizações de processos mentais, e de circunstâncias de ângulo e assunto.

Ao tratarem da função das projeções de idéias, Halliday e Matthiessen, (2004:449) remetem-se com freqüência a dois níveis de significados, nomeadamente, ao significado ideacional de representar pensamentos, desejos e ponto de vista, e ao significado interpessoal de avaliar o conteúdo da mensagem. Disto prossegue que a projeção de idéias pode servir concomitantemente a duas funções, podendo ser mapeada a partir do ambiente ideacional de processos mentais projetantes, ou do ambiente interpessoal de alguns adjuntos modais que, conforme apontam Halliday e Matthiessen (1999), do ponto de vista semântico, são formas agnatas aos processos mentais que projetam. *Formas agnatas* porque constituem *tokens* que realizam no estrato semântico o sistema de PROJEÇÃO e, por conseguinte, suas funções de representar pensamentos e avaliar a validade do conteúdo da mensagem.

O mapeamento semântico da projeção de idéias no sistema interpessoal dos adjuntos modais se dá a partir do domínio “modalidade” (“modality”) do sistema dos adjuntos modais de modo (ver FIG. 10 adiante), e do domínio “qualificativo” (“qualificative”) do sistema dos adjuntos modais de comentário<sup>29</sup> (FIG. 10), e neste último caso, servindo também à realização de locuções. Ao distinguirem estes dois tipos de adjuntos modais, Halliday e Matthiessen (2004:129) apontam que a diferença entre eles é tênue, sendo a principal diferença o fato de que os adjuntos de modo estão mais diretamente vinculados à estrutura do modo oracional<sup>30</sup>, ao passo que esta vinculação é menos evidente no caso dos adjuntos de comentário. Também, estes autores apontam que os adjuntos de comentário são restritos a orações (proposições) no modo indicativo, o mesmo não acontecendo com os adjuntos de modo.

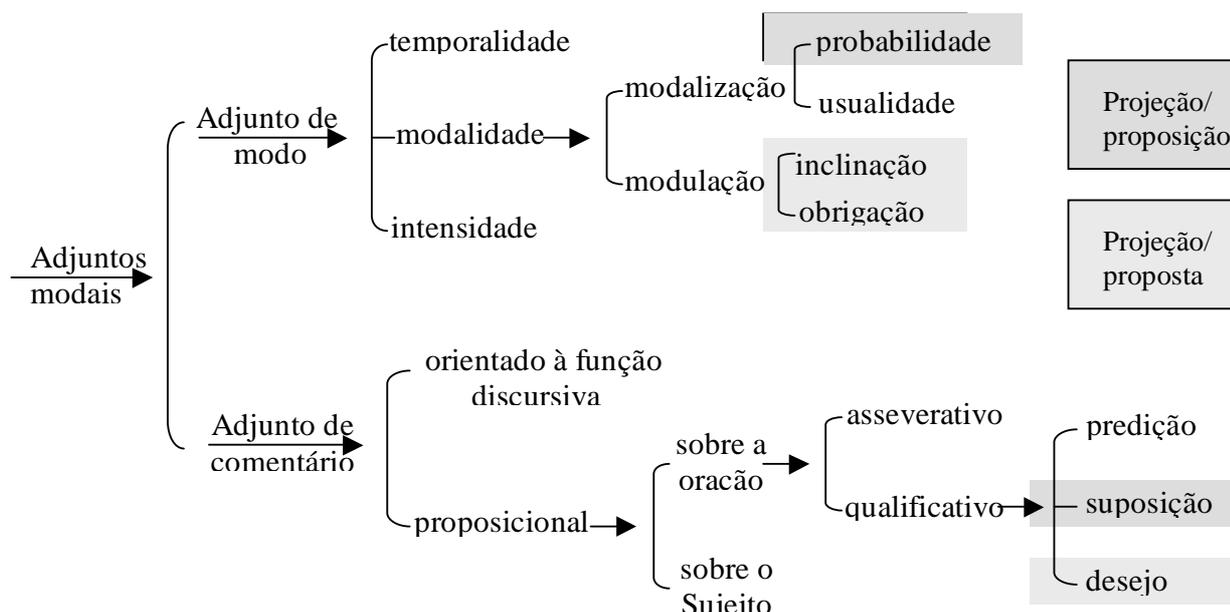


FIG. 10 – A dispersão da projeção no sistema dos adjuntos modais de modo e de comentário

<sup>29</sup> O sistema de adjuntos modais é parcialmente abordado neste trabalho de forma a subsidiar as considerações feitas acerca da projeção.

<sup>30</sup> Halliday e Matthiessen (2004:126) apontam esta distinção em relação à língua inglesa, indicando que a posição “neutra” (“neutral”) dos adjuntos modais de modo nesta língua é entre o Finito e o Sujeito, ou entre o Finito e o Predicador.

Cabe mencionar, entretanto, que foi observado a partir da análise de instâncias do corpus, e de instâncias geradas pelo concordanciador disponível no servidor do Lácio-Ref, que ao servirem à projeção, os adjuntos de modo indicando probabilidade (em português) também se restringem a orações (proposições) no modo indicativo. Ainda, menciona-se que embora Halliday e Matthiessen (1999) estabeleçam uma relação entre os processos mentais cognitivos e os adjuntos de modo-modalização (*e.g. eu acho que / provavelmente*), e entre os processos mentais desiderativos e os adjuntos de modo-modulação (*e.g. eu insisto que / você tem que*), este último caso não foi considerado na anotação do corpus por demandar um nível maior de abstração analítica. Além disso, verifica-se a possibilidade de se estabelecer uma relação entre os adjuntos de comentário “suposição” e os processos mentais cognitivos, e entre os adjuntos de comentário “desejo” e os processos mentais desiderativos; embora, neste último caso, o adjunto de comentário indicando desejo constitua uma possibilidade (i.e. pode ocorrer) no potencial semogenético do português (*e.g. esperançosamente; desejosamente*), não um padrão, razão pela qual nem no corpus anotado nem em buscas no Lácio-Ref foram encontradas ocorrências deste tipo de adjunto<sup>31</sup>. A seguir, apresenta-se no QUADRO 5 uma sistematização do domínio dos adjuntos modais que servem à projeção de idéias (cognitivas), e ilustra-se estes domínios com alguns exemplos retirados do corpus e do Lácio-Ref<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> O corpus desta pesquisa e o Lácio-Ref apresentam textos escritos originalmente em português, e nestes corpora não se verificou ocorrências deste tipo de adjunto. Contudo, em buscas no Google© e no Yahoo!© este tipo de adjunto é encontrado, embora seja difícil definir até que ponto as ocorrências não foram tomadas de empréstimo ao inglês (ou outra língua) a partir de traduções.

<sup>32</sup> Em se tratando de ocorrências de projeção de idéias (e também de locuções) por meio de adjuntos modais, foi necessário fazer buscas no Lácio-Ref, haja vista que no corpus analisado havia poucas ocorrências deste tipo de projeção.

QUADRO 5  
Exemplos de projeção de idéias no domínio dos adjuntos modais

Adjunto modal	<i>Especificidade</i> (1)	<i>Especificidade</i> (2)	Exemplo de advérbios	Exemplo de projeção de idéias a partir de adjuntos
de modo	modalização	probabilidade	certamente; provavelmente; talvez;	(...),   <b>certamente</b> <projeção> vale a pena [[ressuscitar a fonte mais poderosa de destruição [[que já desenvolvemos]]: a energia nuclear]].        e <b>provavelmente</b> <projeção> se alimentava de pequenos anfíbios, (...)  <b>Talvez</b> <projeção> eles tenham um papel [[ainda não conhecido no desenvolvimento]].
de comentário	suposição	rumor	supostamente; evidentemente; sabidamente;	(i) erros de digitação, atribuídos a um deslize motor do autor/datilógrafo,   que <b>supostamente</b> <projeção> conhece a grafia correta da palavra pretendida;    (...)  <b>Sabidamente</b> , o transporte é uma atividade [[que se insere em um contexto social e econômico mais amplo    e também retroage nos mais diversos planos da vida econômica, social e política]];

Um ponto que pode ser observado a partir dos exemplos descritos no QUADRO 5 é que tanto os adjuntos modais de modo quanto os de comentário podem ser classificados numa escala de valor referente à atribuição de maior ou menor validade à informação projetada (ver QUADRO 6 abaixo). Da mesma forma, Halliday e Matthiessen (2004) apontam que processos mentais cognitivos podem creditar diferentes níveis de validade à *informação* que é projetada como idéia. Não por acaso estes autores identificam (2004: cap. 10) a relação entre estes processos e os adjuntos modais como *gramaticalmente metafórica*

(i.e. *formas diferentes de se dizer a “mesma” coisa* – THOMPSON, 1996:164), tendo por domínio a (meta)função interpessoal da linguagem.

#### QUADRO 6

Nível de validade atribuído à informação em exemplos de projeção de idéias nos ambientes de realização de adjuntos modais e de processos cognitivos agnatos

Nível de validade atribuído à informação	Realização: adjuntos modais (exemplos retirados do corpus)	Realização: processo cognitivo (forma agnata, elaborada a partir dos exemplos do corpus)
alta	(...),   <b>certamente</b> <projeção> vale a pena [[ressuscitar a fonte mais poderosa de destruição [[que já desenvolvemos]]: a energia nuclear]]. 	<b>eu sei</b> que vale a pena ressuscitar a fonte mais poderosa de destruição que já desenvolvemos: a energia nuclear.
média	e <b>provavelmente</b> <projeção> se alimentava de pequenos anfíbios, (...)	<b>e eu acredito</b> que se alimentava de pequenos anfíbios.
baixa	<b>Talvez</b> <projeção> eles tenham um papel [[ainda não conhecido no desenvolvimento]].	<b>Eu suponho</b> que eles tenham um papel ainda não conhecido no desenvolvimento.

#### 4.3.3 Processos mentais nominalizados

Conforme já salientado no subitem 2.5 da revisão teórica, a projeção de idéias também pode ser realizada por meio de processos mentais cognitivos e desiderativos nominalizados, e neste caso, a relação de agnação entre o processo e o Ente remete-se, segundo Halliday e Matthiessen (2004), a um outro tipo de metáfora gramatical, a qual tem por domínio a (meta)função ideacional da linguagem.

A nominalização de processos mentais constitui um tipo de metáfora gramatical ideacional<sup>33</sup> que se caracteriza pela mudança de classe e de ordem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). A mudança de classe refere-se à transformação da realidade

<sup>33</sup> Uma descrição teórica abrangente sobre as metáforas gramaticais é apresentada por Halliday e Matthiessen (2004: cap. 10) e Halliday e Matthiessen (1999: cap. 6).

transitória de processos (i.e. classe dos verbos) em participantes (i.e. classe dos nomes), que, por se constituírem enquanto realidades discursivas mais estáveis, podem funcionar como referentes discursivos, sendo assim um importante recurso para a progressão textual. Além disso, a nominalização envolve também uma mudança de ordem, permitindo que conteúdos (no caso, idéias), comumente já apresentados, sejam condensados na ordem da oração ou do grupo nominal. Vejamos os seguintes exemplos:

Exemplos:

20) Tais pesquisas partem do **pressuposto** <projeção> [[de que a transformação deve acontecer | aproximando a prática da teoria, || (...)]

21) (...) | quando a **expectativa** <projeção> da autora **era** realmente [[de que a professora (...) tivesse "renovado" sua prática, na exata medida [[do que lhe fora transmitido]] ]]. |||

Estes exemplos constituem padrões recorrentes no corpus analisado. Assim, verifica-se que uma idéia pode ser realizada na ordem do grupo nominal, como *qualificador* de um *nome*, conforme apresentado no exemplo 20; ou, de outra forma, como um *Participante-Valor* de uma oração “relacional”<sup>34</sup> de *identificação*, que tem por *Participante-Característica* a própria nominalização do processo mental, como no caso do exemplo 21.

---

<sup>34</sup> A título de apresentação mais geral, identifica-se por orações “relacionais” aquelas realizadas por processos relacionais (i.e. processos de “ser” e “ter”), as quais, segundo Halliday e Matthiessen (1999:144), caracterizam-se por estabelecerem uma relação entre os Participantes de uma oração. Esta relação, por sua vez, pode ser atributiva (*y* é atributo de *x*), ou de identificação (*y* identifica *x*, assim como *x* identifica *y*). De forma mais detida, este tipo de oração é apresentada por Assis e Magalhães (2004:31-37) e Halliday e Matthiessen (2004:210-248).

#### 4.3.4. *Circunstâncias de ângulo e assunto*

A fim de terminar esta primeira parte do estudo que busca mapear os ambientes gramaticais onde idéias são trazidas à existência, cabe identificar ainda o ambiente ideacional de Circunstâncias de Ângulo (“Angle”) e Assunto (“Matter”) que servem à projeção.

Halliday e Matthiessen (2004:263) apontam que as circunstâncias de ângulo podem ser utilizadas com enfoque na atribuição de fonte à informação (i.e. circunstância de ângulo indicando fonte – *e.g. de acordo com; nas palavras de; segundo o; conforme o*) ou com enfoque na identificação do ponto de vista do falante (i.e. circunstância de ângulo indicando ponto de vista – *e.g. na opinião de; na visão de; para o; no pensamento de*), sendo estas últimas, formas agnatas a processos mentais cognitivos (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999:220). Enquanto formas agnatas a processos cognitivos, as circunstâncias de ângulo indicando ponto de vista também projetam idéias, como no caso dos exemplos a seguir, configurando um padrão recorrente em português brasileiro.

Exemplos:

- 22) **Para mim** <projeção> , tanto faz se está lá o Bruno & Marrone, o Chitãozinho & Xororó, ou o teste de DNA. |||
- 23) **Na opinião de Lula**, mais importante [[do que o tamanho da queda]] são a continuidade prolongada do processo de redução dos juros e a elaboração de medidas | para proteger setores econômicos [[que geram emprego de forma intensiva]]. |||

Como se pode observar, este tipo de circunstância apresenta concomitantemente um elemento projetante (no caso, “para” e “na opinião”), que se configura como forma agnata a um processo mental cognitivo (*e.g. achar que; acreditar que*), assim como um participante (no caso, “mim” e “Lula”) ao qual atribui-se a idéia projetada. Além disso, as

circunstâncias de ângulo são comumente introduzidas no início da sentença, embora possam ser realizadas em outros domínios da estrutura sintagmática das orações.

Já em se tratando das Circunstâncias de assunto, ao se prestarem à projeção de idéias, elas funcionam de forma semelhante a uma *Verbiagem* de uma oração “verbal” (i.e. realizada por um processo verbal), trazendo à existência o conteúdo de um pensamento ou desejo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:276). Neste caso, a idéia é realizada na ordem da oração enquanto circunstância de assunto, em uma estrutura de transitividade que apresenta um participante e um processo mental cognitivo, no caso de projeção de pensamento; ou, no caso de projeção de desejo, um processo mental desiderativo metaforizado, que funciona, comumente, como *Participante-Atributo* de uma oração “relacional” de *atribuição*, conforme ilustrado nos exemplos abaixo:

Exemplos:

- 24) O fazendeiro **pensou** <projeção> logo **em** [[jogar no bicho]]. |||
- 25) || e só quando cheguei em casa | **lembrei** <projeção> **de** [[ver TV]]. |||
- 26) Tenho **vontade** <projeção> **de** [[entrar no negócio de produção de filme]]. |||
- 27) O leão sentiu **vontade** <projeção> **de** [[brincar com o esquilo]] || e começou a persegui-lo. |||
- 28) Fiquei triste || mas estava **desejosa** <projeção> **de** [[continuar tentando]]. |||
- 29) Ela parecia **desejosa** <projeção> **em** [[concluir a interrompida narração complementar]] | (...)

Observemos que as circunstâncias de assunto podem ser identificadas a partir de certas realizações gramaticais (*e.g. acerca de algo; sobre algo; em algo; de algo; em relação a algo*); contudo, ao servirem à projeção de idéias (pensamentos ou desejos), um padrão recorrente é “de” ou “em” + [[*macro-fenômeno*]] (“macro-phenomenon” ou “Act”),

o qual se caracteriza por se constituir como uma oração não-finita que pode servir como participante de uma outra oração (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:204)<sup>35</sup>.

#### 4.3.5. *Projeção de idéias: sistematização*

A partir do descrito nos subitens anteriores, pode-se verificar que, em português brasileiro, a realização gramatical de idéias envolve sempre um item projetante, um item projetado, e comumente um participante ao qual se atribui a projeção. Além disso, observa-se que a configuração gramatical a partir da qual se realiza a projeção de idéias pode reverberar na ordem dos complexos oracionais, na ordem da oração e na ordem do grupo nominal. Ainda, foi observado que a projeção de idéias serve concomitantemente à função ideacional de representar pensamento e desejo, e à função interpessoal de avaliar a validade do conteúdo da mensagem (Ver Fig. 11).

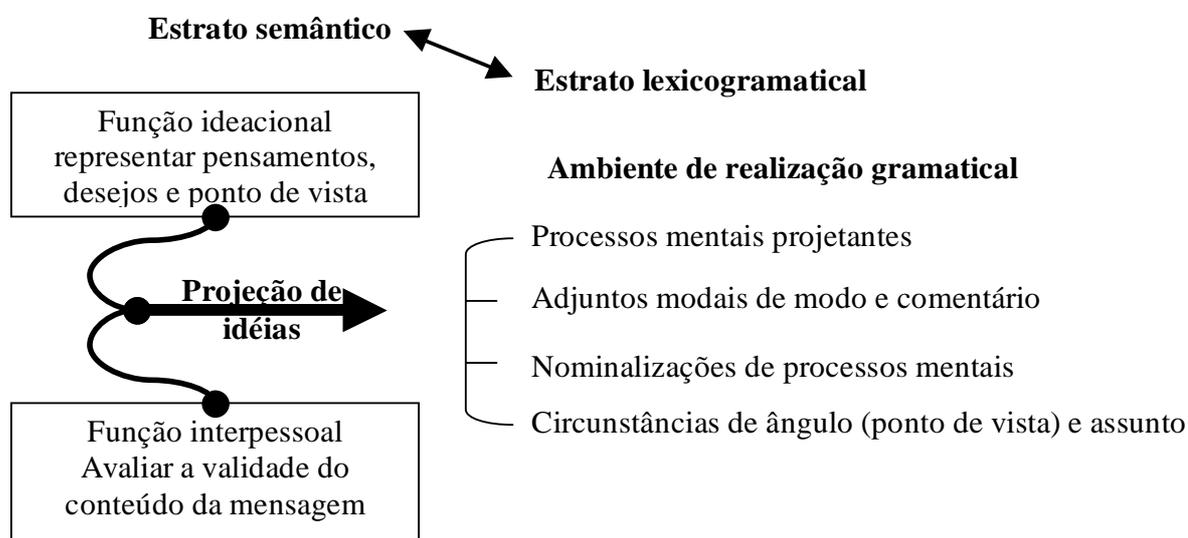


FIG. 11 – Sistematização da dispersão gramatical da projeção de idéias

<sup>35</sup> Uma descrição mais abrangente dos macrofenômenos pode ser encontrada em Halliday e Matthiessen (2004:437-441).

#### **4.4. A projeção de locuções e sua dispersão gramatical**

##### **4.4.1. Processos verbais**

Em se tratando da projeção de locuções, verificou-se a partir da análise do corpus que o ambiente de realização mais recorrente deste tipo de projeção é o identificado a partir do uso de processos verbais, na ordem dos complexos oracionais, padrão que se assemelha ao que predomina nos casos de projeção de idéias, conforme já apresentado. Contudo, ao contrário dos casos de projeção de idéias, verificou-se, também, ser comum na projeção de locuções sinalizadas por processos verbais um outro padrão, o qual é realizado na ordem da oração. Este se caracteriza por apresentar o conteúdo de uma fala projetada como realização gramatical metafórica de uma oração, comumente a partir da *nominalização* de um processo material. Exemplos apresentados no QUADRO 7 a seguir ilustram estes padrões.

## QUADRO 7

Exemplos de projeção de locuções na ordem do complexo oracional e na ordem da oração

Ordem	Exemplos
<b>complexo oracional</b>	<p>- Mas, filho, na vida há tempo para tudo,    <b>argumentou</b> &lt;projeção&gt; ela, surpresa.    </p> <p>O cigano <b>explicitou</b> &lt;projeção&gt; que, se ele não gostasse,   era só devolver.    </p> <p>Em 1890, ele <b>sugriu</b> &lt;projeção&gt;   que a evolução era irreversível.    </p> <p>"Isso simplesmente não é verdade",    &lt;projeção&gt; <b>disse</b> o premiê.    </p>
<b>oração</b>	<p>Lenin declarou &lt;projeção&gt;   que os bolcheviques não apoiariam o Governo Provisório,    e <b>pediu</b> &lt;projeção&gt; <u>a união</u> dos soldados numa frente [[que viesse pôr fim à guerra imperialista (I Guerra Mundial)   , (...)</p> <p>▪ <i>forma agnata não-metafórica</i> → <i>que os soldados se unissem numa frente</i></p> <p>Diplomatas dos países [[que redigiram a resolução --Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia, China e Alemanha--]] <b>propuseram</b> &lt;projeção&gt;   <u>a continuidade</u> das discussões com o Irã.    </p> <p>▪ <i>forma agnata não-metafórica</i> → <i>propuseram que as discussões com o Irã continuassem</i></p> <p>Chomsky <b>propôs</b> &lt;projeção&gt; <u>o estudo</u> de uma gramática comum a todas as línguas,   (...)</p> <p>▪ <i>forma agnata não-metafórica</i> → <i>que se estudasse uma gramática comum a todas as línguas</i></p> <p><b>Contei-lhe</b> &lt;projeção&gt; a minha <u>admiração</u> [[de ver funcionar aquele motor]],    (...)</p> <p>▪ <i>forma agnata não-metafórica</i> → <i>que eu admirava ver funcionar aquele motor</i></p>

Em todos os exemplos do Quadro 6, a projeção de locuções é realizada a partir de processos verbais, seja na ordem da oração, seja na ordem do complexo oracional. Estes processos, em princípio, não apresentam uma restrição sistêmica para projetar falas, ou seja, qualquer processo verbal pode projetar realidades semióticas. Além disso, verifica-se, na análise do corpus, que o potencial de projetar falas é extensivo a processos que, embora prototipicamente se vinculem a ações materiais e comportamentais, funcionam como

processos verbais, pois se prestam a projetar locuções (comumente no modo de citação, o qual será abordado mais a seguir), como se pode observar nos seguintes exemplos:

Exemplos:

30) || a mãe dela **arrancou** <projeção> naquele seu jeito de gorda desabrida: ||  
- Pois é, Maria gostou tanto de você, || você não quis!... |||

31) "Quem manda é o cuco",|| **brinca** <projeção>. |||

32) - É do programa nacional, || **fez** <projeção> a irmã, | sorrindo. |||

Ainda, observando-se as ocorrências no corpus, verifica-se que alguns processos tipicamente verbais (*e.g. indicar; apontar; mostrar; demonstrar; sugerir; permitir* e outros) podem funcionar em orações “relacionais” de identificação (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:235), as quais também podem ser entendidas como *orações verbais simbólicas* (2004:254). Este tipo de ocorrência pode ser realizado na ordem do complexo oracional (ver exemplos 33 e 34) ou na ordem da oração, sendo que, neste caso, o conteúdo projetado dispõe-se na forma metafórica (ver exemplo 35).

Exemplos:

33) A lei atual não **permite** | <projeção> que o aluno seja punido diretamente. |||

34) (...) a pesquisa **mostra** <projeção> | que a idade, a escolaridade e o rendimento eram os principais fatores determinantes para a utilização da internet no Brasil. |||

35) ||| Esse estudo **aponta** <projeção> as células-tronco embrionárias humanas como fonte de material para estudo dos mecanismos de reprogramação. |||

Este domínio topológico de indeterminação entre os processos verbais e relacionais é explorado de forma mais detida por Martin *et al.* (1997:126-127) e Halliday e Matthiessen (2004:254); contudo, são estes últimos autores que melhor contextualizam este domínio, ao relacionarem a diferença à natureza do *Participante-Dizente*. Assim, prototipicamente pode-se dizer que uma oração verbal projetante envolve um participante

do mundo material (dotado ou não de consciência) que a projeta. Entretanto, pelo menos em línguas como o inglês e o português<sup>36</sup>, também é comum que orações em alguns domínios de registros (*e.g.* científico e jornalístico) apresentem processos verbais projetados por participantes concebidos semioticamente, casos em que Halliday e Matthiessen (2004) identificam o processo verbal como *simbólico*.

Ainda, em relação aos processos verbais, observa-se uma extensa literatura que trata do seu potencial interpessoal avaliativo (*e.g.* DROGA e HUMPHREY, 2002; WHITE, 2005; THOMPSON e YIYUN, 1991; OLIVEIRA e PAGANO, 2005), e em alguns trabalhos (*e.g.* THOMPSON e YIYUN, 1991; OLIVEIRA e PAGANO, 2005), do seu potencial ideacional denotativo, este, referindo-se à atividade que o processo denota (*e.g.* comparação; contraste; teorização). Desta forma, por meio de processos verbais (e suas formas agnatas) pode-se avaliar a validade do conteúdo da locução projetada, assim como indicar o tipo de relação que o falante sinaliza por meio do processo (se comparação, contraste, ou teorização, por exemplo). Entretanto, como foge ao escopo do presente trabalho apresentar de forma abrangente categorizações de processos verbais segundo o nível de avaliação a eles associados, ou mesmo, ao valor denotativo que apresentam, o que, em referência ao português, já foi explicitado na robusta tese de Oliveira e Pagano (2005:178-196), cabe aqui ressaltar apenas um ponto por vezes disperso nestes estudos que tratam da avaliação.

Conforme já observado, o conteúdo de uma projeção pode ser uma *informação* ou *bens e serviços*. Dada esta diferença, verifica-se que enquanto é possível avaliar a validade de uma *informação*, o mesmo não se aplica a *bens e serviços*. Neste último caso, a questão

---

<sup>36</sup> Ao tratar deste tipo de realização, Halliday e Matthiessen (2004:254), relatando outros estudos, apontam que as orações verbais de línguas como o japonês e o alemão parecem ser mais restritivas quanto à natureza do participante projetante (comumente seres do mundo material dotados ou não de consciência).

não é validar ou não alguma locução projetada, mas sinalizar para o ouvinte o nível de expectativa do falante em relação à ação demandada. O QUADRO 8 abaixo busca ilustrar esta diferença com exemplos.

QUADRO 8  
Nível de validação e nível de expectativa indicados por processos verbais

Nível	Avaliação da validade do conteúdo da locução projetada ( <i>informação</i> )	Avaliação do nível de expectativa do falante em relação à ação demandada ( <i>bens e serviços</i> )
Alto	"Não existe diferença entre Geraldo Alckmin e nenhum outro professor da Unimes.    Ele é mais um que vem acrescentar",    <b>afirmou</b> <projeção>.	<b>Mandou</b> <projeção> [[jogar no coelho]].
Médio ("neutro")	Mário de Andrade <b>conta</b> <projeção> num dos seus livros   que estudou o alemão por causa dum emboaba tordilha...	O major sentiu-se cansado    e <b>pediu</b> <projeção>   que o mestre cantasse.
Baixo	Ele <b>argumentava</b> <projeção>   que criminosos já nasciam criminosos,    (...)	Lourenço <b>recomendou</b> <projeção> que os mantenedores exijam fiador do aluno inadimplente tanto na negociação do débito pendente, quanto para o contrato do ano seguinte.

Além do já exposto, verifica-se também que, em alguns casos particulares, um processo verbal pode servir como metáfora interpessoal (indicando modalidade/probabilidade), conforme ilustrado no exemplo 36, assim como se configurar como forma agnata a um processo mental projetante, e neste caso, o conteúdo projetado pode ser entendido como *idéia* (ver exemplo 37).

Exemplos:

36) Nunca mais vi Maria, | que ficou pelas Europas, | divorciada afinal, || hoje **dizem** <projeção> | que vivendo com um austríaco interessado em feiras internacionais. || (*≈ provavelmente*)

37) - **Digamos** | <projeção> que eu fique preso num elevador com a Luana Piovani. || (*≈ supor que*)

#### 4.4.2. *Adjuntos modais*

As locuções também podem ser projetadas por adjuntos modais de comentário agnatos a processos verbais. Contudo, este tipo de ocorrência parece não constituir um padrão em português brasileiro, embora possa estar presente em seu potencial semogenético.

Amostras de ocorrências com advérbios agnatos a processos verbais como *alegadamente*, *discutivelmente*, *reiteradamente*, *avisadamente* e *anunciadamente*, por exemplo, não foram encontradas no corpus anotado, nem em buscas nos sub-corpora (*e.g.* periódico; revista; dissertação) do Lácio-Ref, os quais totalizam mais de 1 milhão de palavras. Estes advérbios que sinalizam a projeção de locuções, entretanto, além de assumidamente existentes para falantes proficientes em português<sup>37</sup>, foram encontrados em buscas no *Google* © e no *Yahoo!* ©<sup>38</sup>, constituindo parte do potencial semogenético do português brasileiro referente à projeção de locuções. Os exemplos a seguir ilustram algumas ocorrências encontradas em buscas nestes sítios, os quais podem corresponder a textos traduzidos.

Exemplos:

38) **Alegadamente** o mal surge porque Deus nos dá *liberdade*.

39) (...), a marca das medidas penais, nas quais se centra a dominante política **anunciadamente** destinada a controlar a produção, a distribuição e o consumo daquelas drogas que, normativamente diferenciadas, são qualificadas de ilícitas.

40) **Avisadamente** este autor parte do geral para o particular, (...)

---

<sup>37</sup> Para se fazer esta asserção perguntou-se a três falantes proficientes em português se eles já haviam utilizado ou visto este tipo de ocorrência, ambos respondendo que sim. Cabe ressaltar, ainda, que embora este tipo de procedimento possa parecer equivocado na perspectiva sistêmico funcional, em encontros pessoais com systemicistas que trabalham com descrição de sistemas (nomeadamente K. Teruya e C. Matthiessen), os autores desta pesquisa verificaram que este é um procedimento comum.

#### 4.4.3. *Processos verbais nominalizados*

A projeção de locuções por meio de processos verbais nominalizados constitui um padrão recorrente em português brasileiro, sendo seu ambiente de realização gramatical semelhante ao padrão encontrado nos casos de projeção de idéias. Assim, tem-se que locuções podem ser realizadas como qualificador de um Ente (i.e. um processo verbal nominalizado), conforme ilustrado nos exemplos 41 e 42, ou como *Participante-Valor* de uma oração “relacional” de identificação, conforme apresentado no exemplo 43.

Exemplos:

- 41) (...) sob a **alegação** <projeção> [[de dar nova orientação ao Estado]], | tornando-o eficiente | no que é sua obrigação. |||
- 42) (...) | rechaçando a **sugestão** <projeção> dele [[de que o inciso expiatório se referisse genericamente a "Luana Piovani ou similar"]]. |||
- 43) Uma **explicação** simples para isso é <projeção> [[que a linhagem da axolote, sozinha, perdeu a habilidade da metamorfose, | enquanto outras a retiveram]]. |||

Ainda, em relação à projeção de locuções no ambiente de realização de processos nominalizados, verificou-se ser recorrente os casos em que a nominalização, apresentada como participante de uma oração “material”<sup>39</sup> (i.e. realizada por processos materiais, como *dar, surgir, chegar*, e outros), projeta uma locução que se constitui enquanto uma ou mais orações relacionadas à oração material por meio da função lógico-semântica da PROJEÇÃO.

---

<sup>39</sup> É interessante observar que, embora seja possível, não foram encontradas ocorrências deste padrão em relação à projeção de idéias, nem no corpus anotado nem em buscas no Lácio-Ref, o que endossa a asserção de que enquanto uma *locução* (i.e. fraseado) possui uma existência material e, por isso, pode ser objeto de troca ou ser participante em uma oração material, o mesmo não ocorre com uma *idéia* (i.e. um significado), haja vista que esta possui apenas uma existência semiótica.

Exemplos:

- 44) || Ele mesmo dá **as respostas** <projeção>: || "A terra não pertence ao homem, || o homem é [[que pertence à terra]]. || Todas as coisas estão ligadas, || assim como o sangue nos une a todos. || O homem não teceu a rede da vida, || é apenas um dos fios dela || e [[o que fizer à rede]] fará a si mesmo".||
- 45) Surge, então, uma nova **pergunta** <projeção>: || por que os genes silenciosos [[que iniciaram o desenvolvimento de um membro ou de uma cauda]] precisam ser ajustados? ||
- 46) No começo do século 20, biólogos chegaram a uma **conclusão** <projeção> parecida com o auxílio da probabilidade: || não há razão | para a evolução não andar para trás, || é apenas muito pouco provável. ||

#### 4.4.4. *Circunstâncias de ângulo e assunto*

Conforme já salientado, a projeção de locuções também pode ser identificada a partir do ambiente de realização de Circunstâncias de Ângulo e de Assunto.

Em se tratando das circunstâncias de ângulo, verifica-se que ao realizarem locuções elas se referem à atribuição de fonte à informação<sup>40</sup> (i.e. circunstância de ângulo indicando fonte – *e.g. de acordo com; nas palavras de; segundo o; conforme o*), e constituem formas agnatas a orações “verbais” – por exemplo, *como afirma (aponta, descreve, etc) + participante*.

As circunstâncias de ângulo (indicando fonte) constituem um ambiente de realização de locuções recorrente em português brasileiro, e caracterizam-se por apresentarem um *participante*, e um item (*e.g. segundo, de acordo com, nas palavras de, etc*) que identifica a locução projetada como referente à fala deste participante. Por ser uma circunstância, este tipo de realização é identificado a partir da ordem da oração; contudo, a

---

<sup>40</sup> Conforme já observado, ao se relacionarem à projeção de idéias, as circunstâncias de ângulo enfocam a atribuição de ponto de vista (ver subitem 4.3.4.).

locução projetada pode se estender por uma ou mais orações, comumente, até o limite de uma sentença, conforme ilustrado nos exemplos a seguir.

Exemplos:

- 47) **De acordo com** <projeção> a pró-reitora acadêmica Vera Aparecida Taboada de Carvalho Raphaelli, Alckmin será responsável pelas disciplinas de humanização em medicina (do curso de medicina) e pelo módulo de globalização mundial e perspectivas de inserção do Brasil (do MBA em comércio exterior). |||
- 48) **Nas palavras de** Sposati <projeção> (1999, p. 10), as políticas sociais revelam o empenho de uma sociedade [[em afirmar um patamar de civilidade]]. |||
- 49) (...) | nem ainda que uma teoria só é assimilada de fato | quando encontra eco numa certa prática, específica e deliberada ou intencional, <projeção> **no dizer de Ausubel** (1978:310), ||
- 50) **Segundo** <projeção> a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), o Irã não apenas não atendeu a essa resolução | como ainda expandiu seu enriquecimento de urânio, | levando a ONU | a adotar o novo pacote de sanções. |||
- 51) Em contrapartida, **segundo** Pereira <projeção> (1998, p. 60-61), quando falamos de política social, | estamos nos referindo àquelas funções modernas do Estado capitalista. |||

Já em se tratando das circunstâncias de assunto, verifica-se que elas são realizadas na ordem da oração, pois funcionam como uma *Verbiagem* de uma oração verbal. A verbiagem pode ser entendida como aquilo que corresponde ao que foi dito, podendo ser o conteúdo de uma fala ou o nome de um dizer (“the name of a saying”) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:255). Além disso, cabe ressaltar que, devido ao fato de ser realizada na ordem da oração, enquanto circunstância de uma estrutura de transitividade, a verbiagem (que corresponde a uma locução) é gramaticalmente metafórica, caracterizada pela ocorrência de nominalizações que condensam o conteúdo do que foi dito.

Ainda, cabe mencionar que, embora prototipicamente sejam realizadas no ambiente de orações verbais (participante + processo verbal + verbiagem), as circunstâncias de assunto podem aparecer em orações “relacionais” atributivas. Nestes casos, o processo verbal é nominalizado, passando a *Participante-Atributo* de uma oração relacional, e a

circunstância de assunto, com efeito, passa a funcionar como verbiagem desta nominalização, numa configuração de transitividade composta por um *participante* + *processo relacional* + *participante* (nominalização do processo verbal) + *verbiagem*. Para ilustrar o que foi apontado acima, seguem alguns exemplos de locuções projetadas no ambiente de circunstâncias de assunto.

Exemplos:

- 52) Thomaz Bastos também **falou** <projeção> **sobre** a relação ruim de Lula e do PT com a imprensa. |||
- 53) O ex-ministro ainda **falou** <projeção>, na entrevista à Folha, **sobre** o caso dossiegate e da violação do sigilo do caseiro Francenildo Costa, | que envolviam figuras do governo e do PT. |||
- 54) (...) || mas Wagner **insiste** <projeção> **em** discordar. |||
- 55) Nós aqui tivemos uma **conversa** <projeção> muito forte **sobre** a questão do etanol e do biodiesel. |||

#### 4.4.5. *Projeção de locuções: sistematização*

Conforme descrito, verifica-se a partir da análise do corpus que, em português brasileiro, a realização gramatical de locuções envolve sempre um item projetante, um item projetado, e comumente um participante ao qual se atribui a projeção. Soma-se a isto o fato de a projeção de locuções reverberar na ordem dos complexos oracionais, na ordem da oração e na ordem do grupo nominal, servindo tanto à função ideacional de representar falas, opiniões e ordens, quanto à função interpessoal de avaliar a validade da locução ou sinalizar a expectativa do falante em relação à ação demandada (Ver Fig.12).

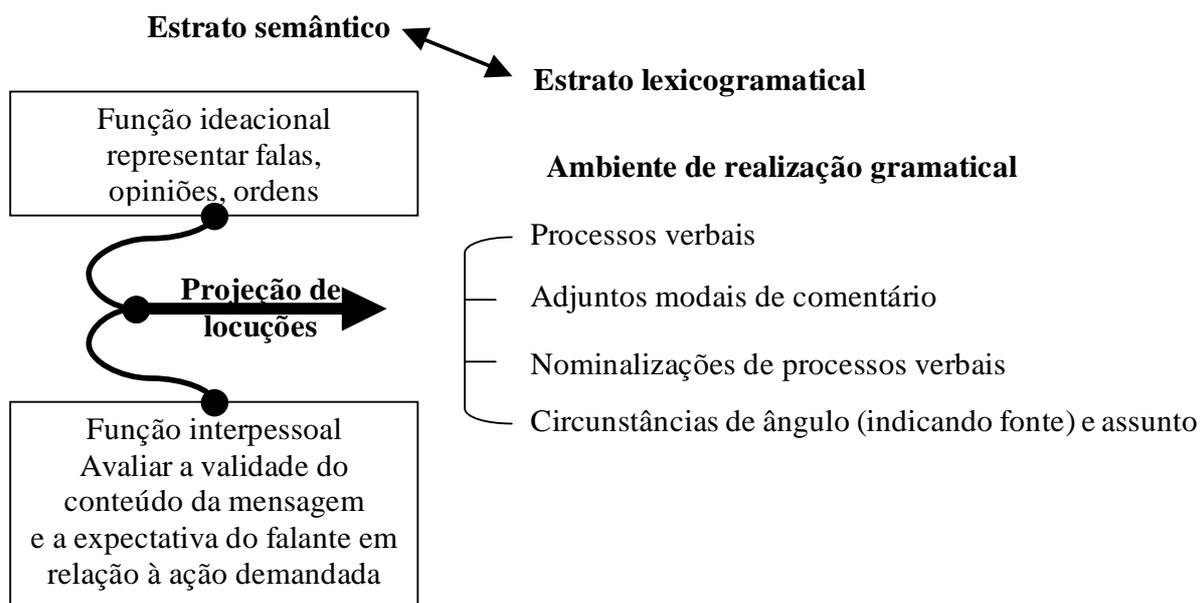


FIG. 12 – Sistematização da dispersão gramatical da projeção de locuções

#### 4.5. *Projeção no modo de citação e no modo de relato*

Conforme já apontado neste trabalho, a distinção entre os modos de relato e citação é uma distinção semântica, a qual tem por pressuposto que a citação reproduz as “mesmas” palavras do evento original de comunicação, ao passo que o relato reproduz uma representação deste evento (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Além disto, conforme já apontado, um dos parâmetros para se distinguir o modo de relato do modo de citação é a relação de interdependência lógica entre as orações, i.e. o sistema de TAXE. Assim, associa-se, comumente, o modo de citação ao tipo de relação paratática (menor dependência), e o modo de relato ao tipo de relação hipotática (maior dependência), como descrito nos seguintes exemplos:

Exemplos:

56) **Pensei** <projeção> então | que deveria ajudá-lo. |||

57) Da porteira mesmo, ele **anunciou** <projeção> à mulher: || - Comprei um burro falante. |||

Estes exemplos ilustram o que Halliday e Matthiessen (2004) identificam como condição padrão (“default condition”) de realização de idéias e locuções. Isto é, idéias realizadas no modo de relato (exemplo 56), e locuções realizadas no modo de citação (exemplo 57). Estes autores justificam-se afirmando que “quando algo é projetado como um significado [i.e. idéia] nós não representamos “as mesmas palavras” porque não há palavras”<sup>41</sup>, razão pela qual a projeção de idéias se associa mais comumente ao tipo de relação hipotática, na qual a projeção (evento de 2ª ordem) é dependente de uma oração mental (evento de 1ª ordem). Além disso, estes autores reconhecem que apesar de associarem a locução ao tipo de relação paratática, na qual uma oração verbal (evento de 1ª ordem) projeta um evento de fala como evento de 1ª ordem, evidências de corpora apontam que é mais freqüente o uso de locuções no modo de relato, especialmente em textos jornalísticos e científicos, nos quais comumente há apenas uma representação<sup>42</sup> do evento original de comunicação.

Em relação aos dados do corpus anotado, verificou-se que é mais recorrente a projeção de idéias no modo de relato, embora tenham sido encontradas, em textos pertencentes ao domínio do processo sócio-semiótico *recriar*, algumas ocorrências de idéias (de cognição) no modo de citação. Já em relação à projeção de locuções, verificou-se um grande número de ocorrências no modo de citação, em especial, nos textos que se

---

<sup>41</sup> Minha tradução para: “when something is projected as a meaning we are not representing “the very words”, because there are no words” (Halliday e Matthiessen, 2004:452)

<sup>42</sup> Enquanto evento representado, este se configura como evento semiótico (evento de 2ª ordem), razão pela qual é apresentado no modo de relato.

relacionam ao processo sócio-semiótico *recriar*. No caso dos textos pertencentes ao domínio dos processos sócio-semióticos *explicar* e *relatar*, foram mais recorrentes as ocorrências de locução no modo de relato. Estes padrões de ocorrência encontrados no corpus são ilustrados nos exemplos a seguir.

Exemplos:

- 58) **idéia/relato** → Eu **sei** <projeção> que ela estava se entregando a mim, | (...)
- 59) **idéia/relato** → **Acredito** <projeção> | que terei de fazer mais de um livro | (...)
- 60) **idéia/citação** → O fazendeiro **pensou**: <projeção> || "Um burro [[que fala]]... É justo [[do que eu preciso]]. |||
- 61) **idéia/citação** → Quando **soube** | que ela devia ir a um banquete, | **pensei** <projeção> comigo: || "ótimo, vou hoje logo depois de jantar, || não encontro ela || e deixo o cartão". |||
- 62) **locução/relato** → Mário de Andrade **conta** <projeção> num dos seus livros | que estudou o alemão por causa dum emboaba tordilha... || (...)
- 63) **locução/relato** → **Avisei** <projeção> | **que** era fria, | (...)
- 64) **locução/citação** → "Isso simplesmente não é verdade", || <projeção> **disse** o premiê. |||
- 65) **locução/citação** → - Não caso com bombeado, || ela **respondeu** <projeção> imediato, (...)

Um ponto que merece ser destacado, nestes exemplos, é que todas as orações projetadas encontram-se no modo oracional indicativo, seja nos casos de citação seja nos casos de relato. Contudo, as orações também podem ser projetadas no modo oracional imperativo, interrogativo e subjuntivo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), tanto em inglês quanto em português.

Na análise do corpus, verificaram-se ocorrências de orações projetadas no modo oracional interrogativo e imperativo apenas nos casos de citação (ver exemplos 66 a 69 abaixo). Possivelmente, isto se deve ao fato de que o modo de citação se correlaciona ao tipo de relação paratática, e neste tipo de interdependência lógica, as orações são proposições independentes, podendo assumir diferentes modos oracionais. Por sua vez,

ocorrências de projeção no modo oracional subjuntivo foram verificadas apenas em estruturas de relato, quando a função discursiva da oração projetada era *proposta*<sup>43</sup> (ver exemplos 70 e 71).

Exemplos:

- 66) – Você não vem dormir também? - || ela **perguntou** <projeção> com fragor, | interrompendo o meu silêncio trágico. |||
- 67) (...) | Seattle **questiona** <projeção>: || "ensinarão vocês às suas crianças [[o que ensinamos às nossas]]? |||
- 68) - Cante lá, Senhor Ricardo, || **pediu** <projeção> Dona Adelaide. |||
- 69) - Senta-te Ismênia, || **disse** <projeção> ela. |||
- 70) **Espero** <projeção> também | que as pessoas [[que trabalharam no meu governo]] possam mandar documentos sobre esse período, | (...)
- 71) O major sentiu-se cansado || e **pediu** <projeção> | que o mestre cantasse. |||

Ainda, embora não tenha sido observada nenhuma ocorrência de orações no modo verbal interrogativo associada ao modo de relato, verificaram-se algumas ocorrências de perguntas indiretas neste modo de projeção (ver exemplos abaixo<sup>44</sup>). Cabe ressaltar, nestes casos, que quando a pergunta indireta era projetada por processos verbais, estes eram restritos aos tipos que prototipicamente identificam *demanda de informação* (e.g. perguntar, indagar e questionar)<sup>45</sup>. Já quando a pergunta indireta era projetada por um processo mental (cognitivo), a oração projetante não se referia à função discursiva de demandar informações, mas, antes, servia à representação de um estado de incerteza, por parte do participante projetante.

<sup>43</sup> A função discursiva das orações projetadas será tratada mais detidamente no subitem 4.7 deste capítulo.

<sup>44</sup> Os exemplos referentes aos processos mentais foram retirados do corpus anotado; contudo, como não houve ocorrências de perguntas indiretas com processos verbais neste corpus, as observações traçadas e os exemplos apresentados referem-se a buscas realizadas no Lácio-Ref (subcorpus Dissertação).

<sup>45</sup> No modo de citação, verifica-se que perguntas podem ser projetadas por processos verbais “neutros”, como *dizer* (e.g. - Meu filho, <<**dizia** <projeção> a mãe>>, por que não vai passear com seus amigos? |||). O mesmo não se verificou em relação às perguntas indiretas no modo de relato.

## Exemplos:

72 ) Um morador ficou preocupadíssimo || e **perguntou** <projeção> se era algum trabalho da Prefeitura | para derrubar o barraco dele. |||

73) O garoto ficou espantado || e **perguntou** <projeção> como era possível [[não perceber a presença da polícia na rua]]. |||

74) - Não **sei** <projeção> | como a senhora pôde escrever aquilo! |||

75) Não **entendo** <projeção> | [[por que tudo [[o que é filme brasileiro]] ]] tem de ter final triste]]. |||

76) Não **sei** | se é verdade, || (...)

77) Ninguém **sabe** <projeção> [[o que vai acontecer por causa do cambio]]. |||

Outro padrão observado no corpus anotado é que a projeção de orações menores (“minor clauses” – e.g. vocativos, exclamações e cumprimentos) parece ser restrita, em português, ao modo de citação<sup>46</sup> (ver exemplos abaixo), haja vista que não se verificou nenhuma ocorrência de projeção deste tipo no modo de relato. Além disso, menciona-se que todas as ocorrências de projeções de orações menores encontradas no corpus eram locuções projetadas por processos verbais, uma vez que não se observou nenhuma ocorrência de idéia projetada como oração menor.

## Exemplos:

78) (...) alguém, <<suspirando>>, **disse**: <projeção> || "Ah! Meu Deus! ||| Quando poderei ir à Europa!" |||

79) Mas, filho, na vida há tempo para tudo, || **argumentou** <projeção> ela, surpresa. |||

80) Que nada! - **respondeu** <projeção>, muito de repente, uma voz. |||

81) (...)|| e **falou** <projeção> fraternal e persuasivo: || "Ingrato!" |||

??) Não, mamãe, estou muito ocupado | pescando minha comida, || **respondia** <projeção> ele. |||

Há, ainda, um outro ponto que merece ser evidenciado ao se tratar dos modos de citação e relato, quando relacionados ao tipo de interdependência lógica. Conforme visto, o

---

<sup>46</sup> E, com efeito, ao tipo de relação paratática, onde orações de um complexo são proposições independentes.

modo de citação, que representa as “mesmas” palavras do evento original de comunicação, relaciona-se comumente ao tipo de relação paratática, e neste tipo de relação, as orações do complexo são proposições independentes, podendo apresentar modos oracionais distintos. Disto resulta que, quando uma oração projetada está relacionada parataticamente à oração projetante, os elementos dêiticos (*e.g.* referência temporal, espacial e pronominal) do evento original de comunicação tendem a ser mantidos, conforme foi observado na análise dos dados. Já em se tratando do modo de relato, como este condiz com uma representação do evento original de comunicação, e vincula-se comumente à relação hipotática, na qual as orações do complexo são proposições dependentes, os elementos dêiticos do evento original de comunicação tendem a ser alterados. Estes padrões são representados nos exemplos a seguir.

Exemplos:

82) - Prometo | que nunca mais voltarei a rir de você, || <projeção> **disse** o leão. |||

83) O presidente Luiz Inácio Lula da Silva **disse** <projeção> hoje | que a economia melhorou durante o seu governo. |||

Os modos de relato e citação são identificados comumente a partir do tipo de relação de interdependência lógica entre as orações, conforme descrito acima. Contudo, a distinção deste contraste semântico não se limita à distinção entre parataxe e hipotaxe. A realização de relatos e citações reverbera também em outros domínios do estrato lexicogramatical, assim como no estrato de expressão (grafológica e fonológica) da linguagem.

Conforme se observa no corpus, há algumas ocorrências de projeções que, embora estejam representadas no modo de relato, possuem marcas gramaticais e/ou grafológicas que as identificam como citação. Vejamos os exemplos a seguir:

## Exemplos:

- 84) Seattle **advert**e <projeção> que || "cada parte desta terra é sagrada para meu povo." |||
- 85) Numa metáfora do futuro, Seattle **anuncia** <projeção> | que "o destino de vocês é um mistério para nós". |||
- 86) (...), ele **afirmou** <projeção> | que "existem casos [[em que a investigação tem um limite]]".|||
- 87) O jornal britânico "The Independent" **diz** <projeção> em sua edição desta segunda-feira | que o fechamento do porto da multinacional de agronegócio Cargill, em Santarém (PA), é um "marco na luta [[para salvar a floresta amazônica]]". |||

Observando-se os exemplos 84 e 85 acima, verifica-se que, apesar de a estrutura realizacional ser típica do modo de relato, as orações projetadas apresentam marcas grafológicas e gramaticais (e.g. manutenção dos elementos dêiticos possivelmente presentes no evento original de comunicação) que as identificam como citação. Ou seja, nestes exemplos, o leitor é levado a crer que as palavras projetadas representam as “mesmas” do evento original de comunicação. Já no exemplo 86, verificam-se marcas grafológicas de citação, em uma oração projetada numa estrutura realizacional típica de relato. Contudo, neste exemplo, retirando-se as marcas grafológicas, não há nada na oração projetada que a identifique como citação. Também, no exemplo 87, pode-se dizer que a representação de uma citação parcial só é identificada pela marca grafológica, o que leva à pergunta de até que ponto o plano de expressão da linguagem se reflete na realização gramatical e, conseqüentemente, na realização semântica dos modos de relato e citação<sup>47</sup>.

Embora o propósito deste trabalho não seja prover uma resposta definitiva para esta pergunta, há razões para acreditar que as marcas grafológicas (e fonológicas, no caso de texto no modo de fala) reverberam em estratos mais amplos, podendo servir à identificação de citações e relatos no estrato semântico da linguagem.

---

<sup>47</sup> Este tipo de ocorrência (i.e. exemplos 85, 86 e 87) também é verificado e discutido por OLIVEIRA e PAGANO (2005).

Um argumento a favor da posição apresentada acima se refere ao fato de que, embora a distinção gramatical entre parataxe e hipotaxe seja um importante parâmetro para se identificar casos de relato e citação, esta distinção do estrato gramatical é realizada na ordem dos complexos oracionais. Com efeito, segue que a distinção entre parataxe e hipotaxe não se aplica às projeções realizadas em ordens inferiores ao complexo oracional. Desta forma, no ambiente de realização de circunstâncias, adjuntos modais, nominalizações ou processos que projetam locuções ou idéias em uma ordem inferior à do complexo, o parâmetro que identifica, comumente, a idéia ou locução como relato ou citação (mesmo que parcial) encontra-se no plano de expressão da linguagem, i.e. nas marcas grafológicas, no caso de textos escritos, e fonológicas, no caso de textos falados.

No corpus anotado, quase todas as ocorrências de projeções em ordens inferiores à do complexo oracional apresentavam-se no modo de relato, aqui entendido não como uma estrutura de realização sintagmática, mas como uma representação de um evento de comunicação. Contudo, também foram verificadas ocorrências no modo de citação (mesmo que parcial), conforme ilustrado nos exemplos a seguir.

Exemplos:

88) **Nas palavras de** Sposati <projeção> (1999, p. 10), “as políticas sociais revelam o empenho de uma sociedade [[em afirmar um patamar de civilidade]]”. |||

89) || e é preso por ordem de um Deputado católico sob a **alegação** <projeção> [[de que ele era "mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver"]]. |||

Ainda, um outro argumento ainda mais efetivo para se considerar o plano de expressão da linguagem como uma dimensão de realização do modo da projeção (se relato ou citação) é a prosódia dos textos falados, a qual é retomada também nas considerações apresentadas por Halliday e Matthiessen (2004). Contudo, neste trabalho não foram utilizados recursos metodológicos que permitissem trabalhar com textos falados, o que,

apesar de ser um fator limitador da pesquisa, não impede que seja afirmado, pelo que já foi descrito, que a distinção entre relato e citação (que é semântica), reverbera nos estratos lexicogramatical e no plano de expressão da linguagem, conforme apresentado na FIG. 13 a seguir.

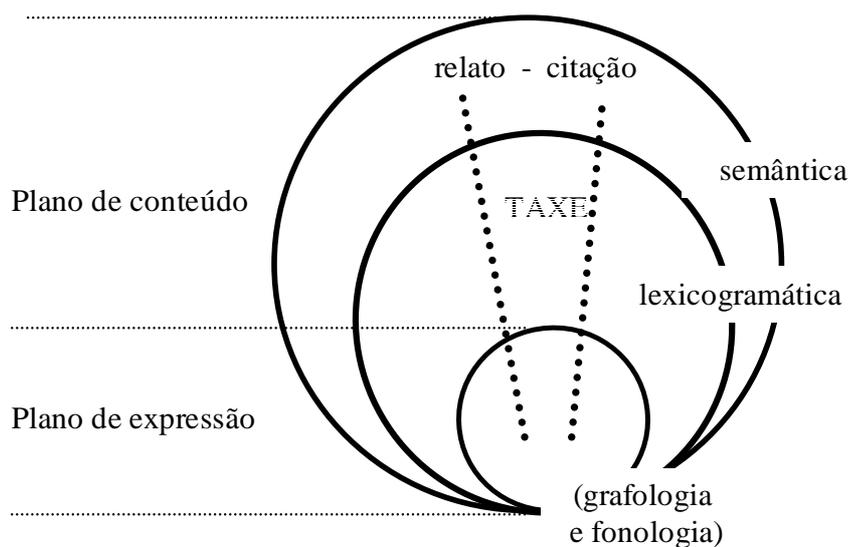


FIG. 13 – Realização de relato e citação nos estratos da linguagem

#### 4.6. *Função discursiva das orações projetadas*

Conforme já observado no subitem 4.2, a função discursiva é um sistema interpessoal que identifica a oração projetada como *proposição*, nos casos de oferta ou demanda de *informações*, ou como *proposta*, nos casos de oferta ou demanda de *bens e serviços*. Este sistema é realizado na ordem da oração, pela configuração do modo oracional, e correlaciona-se a projeção de idéias e locuções, nos modos de relato e citação.

No caso da projeção de idéias em português, a função discursiva é *proposição* quando a idéia é projetada por um processo mental cognitivo (e formas agnatas), e *proposta*, quando ela é projetada por um processo mental desiderativo. Este padrão também

é o que se verifica em inglês, conforme apontam Halliday e Matthiessen (1999), que, ao tratarem detidamente dos processos mentais, elaboraram um diagrama sintético, reproduzido abaixo na FIG. 14. Também, a título de ilustração, são apresentados alguns exemplos de idéias cognitivas e desiderativas a seguir.

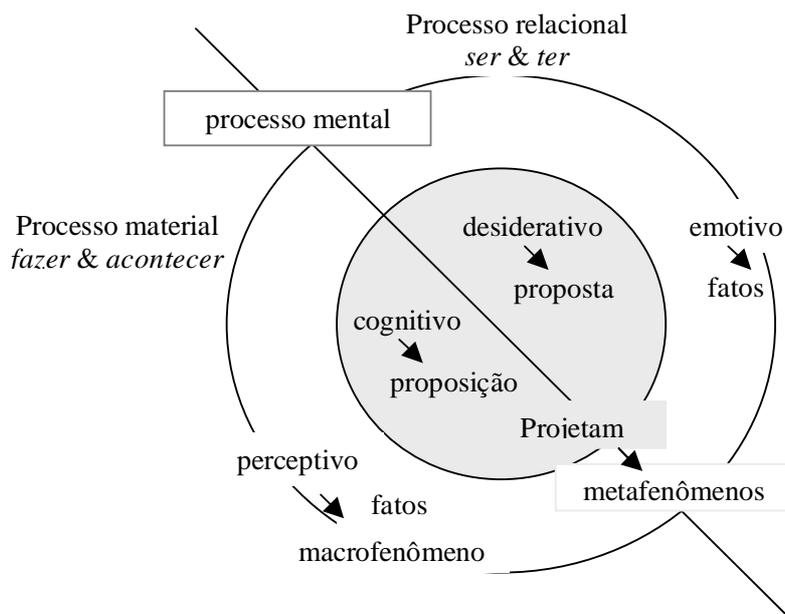


FIG. 14 – Diagrama-resumo de processos mentais, elaborado a partir de Halliday e Matthiessen (1999:144)

Exemplos:

- 90) **cognitivo/informação** → **Acho** <projeção> | que meu programa é uma mistura de tudo. |||
- 91) **cognitivo/informação** → **Sei** <projeção> | que minha popularidade o ajudou muito. |||
- 92) **desiderativo/bens e serviços** → Sindicato **quer** | penhorar bens de pai de aluno inadimplente |||
- 93) **desiderativo/bens e serviços** → **Queria** | saber a resposta a essa pergunta. |||

Já em se tratando da projeção de locuções, a diferenciação entre proposição e proposta é identificada a partir da configuração do modo oracional, e do conteúdo experiencial do processo verbal projetante (e formas agnatas) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). O QUADRO 9, abaixo, ilustra alguns processos verbais que, no corpus anotado, caracterizavam oferta e demanda de *proposições* e *propostas*.

QUADRO 9  
Função discursiva e processos verbais

Função discursiva	Verbos típicos de realização	Exemplos
Proposição	<p><i>Demanda</i> → indagar, perguntar, questionar, dizer</p> <p><i>Oferta</i> → afirmar, alegar, prevenir, assegurar, anunciar, revelar, explicar, negar, declarar, descrever, escrever, contar, dizer</p>	<p>- Está bom, hein?    <b>indagou</b> &lt;projeção&gt; o major.    </p> <p>"Ela possui uma função embrionária vital,   mesmo não tendo papel na vida adulta",    <b>diz</b> &lt;projeção&gt; Brian Hall,   biólogo da Universidade de Dalhousie (Canadá).    </p>
Proposta	<p><i>Demanda</i> → mandar, recomendar, pedir, suplicar, avisar, falar, convidar, propor, dizer</p> <p><i>Oferta</i> → prometer</p>	<p>Neste domingo, o ministro de Relações Exteriores do Iraque, Hoshiyar Zebari, <b>pediu</b> &lt;projeção&gt;   que o Irã liberte os 15 marinheiros.    </p> <p>- Se me soltar, bom leão,   <b>prometo</b> &lt;projeção&gt;   ajudá-lo   a lutar contra seus inimigos,    (...)</p>

Um ponto que merece ser ressaltado, ao se abordar a projeção de proposições e propostas é que, em português, há um modo oracional prototipicamente associado à demanda de informação (i.e. modo oracional interrogativo), e outro, associado à demanda de bens e serviços (i.e. modo oracional imperativo). Contudo, não há no sistema lingüístico do português um modo oracional exclusivo para a oferta de informações ou bens e serviços, e, embora tenha sido verificado no corpus que ofertas de *informações* sejam comumente realizadas no modo oracional indicativo, configurando um padrão, observou-se também que este modo oracional é utilizado em perguntas indiretas, realizando demanda de *informação*. Além disso, não foram verificadas ocorrências de oferta de bens e serviços no modo indicativo (ver QUADRO 10).

Cabe ressaltar, também, que a identificação da função discursiva da oração projetada, se oferta ou demanda de informações ou bens e serviços, é algo que deve envolver uma consideração ampla de como as diferentes opções do sistema semântico de

PROJEÇÃO se articulam entre si. Foi com base nesta consideração que, a partir da análise do corpus, pode-se verificar os padrões de ocorrência apresentados no QUADRO 10 a seguir, o qual relaciona a função discursiva ao tipo de projeção (locução ou idéia) e ao modo de projeção (citação ou relato).

QUADRO 10

Padrões de realização de propostas e proposições de locuções e idéias nos modos de relato e citação

<b>Locução projetada no modo de relato</b>	<b>Exemplo</b>
→ realiza demanda de informações no modo oracional indicativo	Um morador ficou preocupadíssimo    e <b>perguntou</b> <projeção> se era algum trabalho da Prefeitura   para derrubar o barraco dele.
→ realiza demanda de bens e serviços no modo oracional não-finito e subjuntivo	<i>Não-finito:</i> <b>Mandou</b> <projeção> jogar no coelho.    <i>Subjuntivo:</i> Lourenço <b>recomendou</b> <projeção> que os mantenedores exijam fiador do aluno inadimplente.
→ realiza oferta de informações no modo oracional indicativo	Schmall <b>disse</b> <projeção>   que tem três objetivos em sua administração,    (...)
→ realiza oferta de bens e serviços no modo oracional indicativo	<b>Prometo</b> <projeção>   que nunca mais voltarei a rir de você,    (...)
<b>Idéia projetada no modo de relato</b>	
→ Demanda de informação (as ocorrências indicam estado de incerteza, não demanda de informação)	
→ realiza demanda de bens e serviços no modo oracional não-finito e subjuntivo	<i>Não-finito:</i> Eu <b>preferi</b> <projeção>   colocar "breast feeding". <i>Subjuntivo:</i>    <b>prefiro</b> <projeção>   que não se faça doutor;    Eles vão <b>querer</b> <projeção>   que eu mude,
→ realiza oferta de informações no modo oracional indicativo	O TSE <b>entende</b> <projeção>   que o mandato pertence ao partido, e não ao eleito,    (...)
→ Oferta de bens e serviços (não se verificaram ocorrências)	
<b>Locução projetada no modo de citação</b>	
→ realiza demanda de informações no modo interrogativo	- Meu filho, << <b>dizia</b> <projeção> a mãe>>, por que não vai passear com seus amigos?
→ realiza demanda de bens e serviços no modo oracional imperativo	Dona Adelaide <b>obtemperou</b> <projeção> então:    - Cante uma de outro.
→ realiza oferta de informações no modo oracional indicativo	"Visitei a região,    trabalhei com Price    e cheguei a coletar algum material   que hoje possibilitou essa descrição",    <b>comenta</b> <projeção>.
→ Oferta de bens e serviços (não se verificaram ocorrências)	

#### **4.7. *Projeção, agnação e tradução: algumas considerações***

Retornando à discussão apresentada na Introdução e revisão teórica deste trabalho, acerca da relevância da descrição de sistemas para os estudos sistêmicos da tradução, busca-se neste subitem ilustrar alguns dos pontos nos quais a descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO pode ser retomada em outros estudos que tenham por enfoque a projeção em textos em relação tradutória.

Conforme apresentado, dois textos são entendidos como estando em relação tradutória quando são estabelecidas relações de equivalência entre eles (HALLIDAY, 2001). Ainda, conforme descrito, é necessário ter um parâmetro para o estabelecimento de equivalência, o que, nas abordagens sistêmicas pode se dar a partir de diferentes enfoques, por exemplo, a escala de ordem, os estratos, as metafunções, ou o registro (MATTHIESSEN, 2001).

No caso da descrição apresentada, buscou-se descrever quais poderiam ser estes parâmetros em referência ao sistema semântico de PROJEÇÃO, que é um sistema disperso na lexicogramática. Desta forma, buscou-se descrever as formas agnatas de realização deste sistema, a partir de um enfoque trinocular (HALLIDAY, 1996), isto é, olhando para o sistema de baixo (“from below”), identificando os ambientes de realização gramatical de projeções; ao redor (“from around”), identificando a relação entre estes ambientes de realização e as opções do sistema semântico; e de cima (“from above”), caracterizando as opções do sistema semântico de PROJEÇÃO.

A partir desta descrição, pode-se verificar que instâncias como as apresentadas no QUADRO 2 do subitem 2.5, e reproduzidas abaixo, apesar de serem realizadas em diferentes ambientes lexicogramaticais e reverberarem em diferentes ordens, quando

olhadas *ao redor e de cima*, são formas agnatas de realização de idéias (no estrato semântico da linguagem).

Reprodução do QUADRO 2

Exemplos da dispersão da projeção segundo a ordem do complexo oracional, da oração, e do grupo nominal

<b>Ordem</b>	<b>Elemento projetante</b>	<b>Exemplos</b>	
↘ complexo oracional	Processo Mental	Ele acredita que	embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais..
↘ oração	Circunstância de ângulo (ponto de vista)	Para ele,	embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais..
↘ oração	Adjunto Modal	Supostamente,	embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais.
↘ grupo nominal	Participante nominalizado projetante	A crença	de que embriões muito novos, de várias espécies, desenvolvem traços ancestrais (...) 

Ainda, cabe salientar que a consideração das formas agnatas, segundo Matthiessen (2001), é importante para os estudos de tradução não somente por servirem de parâmetro para o que se ter por equivalente, como também, e possivelmente esta seja a contribuição mais importante, para se entender que um texto que se encontre em relação de tradução com outro texto é, de fato, um de muitos outros textos possíveis, que poderiam ser instanciados a partir do potencial do sistema.

A descrição de sistemas também permite a identificação de restrições no sistema que impeçam a realização de determinadas configurações funcionais. No caso da descrição do sistema de PROJEÇÃO apresentada, embora este não tenha sido um ponto focado, ele pode ser ilustrado a partir, por exemplo, da realização do verbo “dizer” em relação à função discursiva e ao modo de projeção da oração projetada. Assim, conforme se pode observar no QUADRO 11 a seguir, o verbo “dizer” não realiza nem oferta de *bens e serviços* no modo de citação, nem oferta e demanda de *bens e serviços* no modo de relato. Disto resulta

que, embora todos os processos verbais possam potencialmente projetar locuções, dependendo do modo de projeção e da função discursiva, eles apresentam algumas restrições sistêmicas, o que constitui uma área interessante a ser explorada em trabalhos futuros, haja vista o potencial que apresenta para explicar o porquê de certos significados serem produzidos.

#### QUADRO 11

Projetando locuções com o verbo dizer: potencial e restrições na confluência dos sistemas de modo de projeção e função discursiva

Modo de projeção	Função discursiva		Exemplo
citação	proposição	oferta	"Isso simplesmente não é verdade",    <b>disse</b> <projeção> o premiê.
		demanda	- Meu filho, << <b>dizia</b> <projeção> a mãe>>, por que não vai passear com seus amigos?
	proposta	oferta	Não houve ocorrências
		demanda	- Senta-te Ismênia,    <b>disse</b> <projeção> ela.
relato	proposição	oferta	Lula <b>disse</b> <projeção>   que seu governo combinou avanços econômicos com desenvolvimento social.
		demanda	Mas, tipo, ele <b>disse</b> <projeção> se eu consigo instalar o Windows 98 e o ME, (...)
	proposta	oferta	Não houve ocorrências
		demanda	Não houve ocorrências

## **CAPÍTULO 5**

## **CONCLUSÃO**

## 5. CONCLUSÃO

Conforme apontado no título deste trabalho, objetivou-se com este estudo apresentar uma descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO e de sua dispersão gramatical em português brasileiro, a qual, calcada no referencial descritivo da teoria sistêmico-funcional de linguagem, possa contribuir para os estudos lingüísticos da tradução.

O trabalho apresentou uma revisão da literatura pertinente aos estudos de tradução, e nesta revisão, enfatizou o que Matthiessen (2007) identifica por estudos sistêmico-funcionais da tradução. Nesta orientação, conforme descrito, o trabalho considerou a lingüística sistêmico-funcional como parte integrante de um modelo de estudo da tradução, e buscou contribuir com este modelo não por meio da análise de textos em relação tradutória, mas por meio da descrição de um sistema semântico do português que pudesse subsidiar futuros trabalhos descritivos e/ou discursivos de tradução, e de outros tipos de produção textual.

Na análise e discussão dos dados, foram enfocados os recursos lexicogramaticais que realizam locuções e idéias no estrato semântico da linguagem, e também o modo de projeção (se relato ou citação) e a função discursiva das orações projetadas (se proposta ou proposição). Também, foi apresentado como as opções do sistema semântico de PROJEÇÃO se inter-relacionam, isto é, como idéias e locuções se relacionam ao modo de citação e relato, e à proposta e proposição. Ainda, apresentaram-se algumas considerações acerca de como a descrição deste sistema pode contribuir para os estudos sistêmicos da tradução.

Ao longo do trabalho, foi utilizada uma gama muito grande de conceitos sistêmicos, os quais, em muitos casos, não puderam ser explicitados devido ao escopo do trabalho, e ao

exercício intelectual que uma explicação mais detida e evidenciada por dados demandaria. Este ponto poderia ser menos problemático se houvesse descrições de outros sistemas do português que pudessem ser integradas a esta pesquisa em forma de *hiperlink*, o que é, inclusive, uma sugestão apresentada por Halliday (1996) ao descrever a melhor forma de se apresentar sua teoria.

Soma-se à questão conceitual, o fato de ter sido necessário tomar uma decisão entre o abordar um ponto exaustivamente, ou abordar vários pontos de forma mais geral. No caso desta pesquisa, a escolha foi pela segunda opção, e mesmo assim, alguns pontos do sistema de PROJEÇÃO não foram explorados, como as projeções impessoais e os *fatós*. Esta orientação de se considerar um enfoque mais geral condiz com os objetivos da pesquisa, e constitui uma etapa útil para, a partir do que foi descrito, abordar alguns pontos do sistema de forma mais exaustiva, o que pode ser um possível desdobramento para outras pesquisas. Menciona-se, por exemplo, a pesquisa em andamento de Jesus e Pagano (2007), desenvolvida no escopo do projeto CORDIAL, a qual, abordando o sistema de projeção, trata de forma exaustiva as relações de equivalência entre o verbo *dizer* e o verbo *say*.

Outra limitação da pesquisa condiz com a metodologia de anotação empregada. Anotar o corpus manualmente no programa WORD foi um passo tecnológico necessário, pois, apesar de haver programas de anotação semi-automática que permitem considerar simultaneamente os diferentes domínios de análise da teoria sistêmico-funcional (*e.g.* Sysfan), o que seria muito útil para esta pesquisa, os mesmos não apresentam um concordanciador que permita visualizar as linhas de concordância de itens anotados. Como observado, a análise destas linhas foi necessária para abordar a projeção.

Cabe ressaltar, por fim, que para além das contribuições imediatas que o presente trabalho traz para os estudos que têm por base a teoria sistêmico-funcional de linguagem, as

limitações do mesmo podem servir de orientação para trabalhos futuros. Seja para evitar os erros cometidos, para dar continuidade ao trabalho, tratando de forma mais exaustiva um ponto específico do sistema de PROJEÇÃO, ou para tratar de um ponto que, embora tenha reverberado em todo o trabalho, não foi descrito por ampliar em demasiado o escopo do estudo, qual seja, a descrição e análise de textos em relação tradutória.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Daniel Antonio de Sousa; PAGANO, Adriana Silvina Pagano. *Aspectos da representação do discurso em textos traduzidos os verbos de elocução neutros*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2006. (Dissertação, Mestrado em Lingüística Aplicada).

ALVES, Fábio (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research* (Benjamin Translation Library 45). Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2003.

ASSIS, ROBERTO CARLOS; MAGALHÃES, Célia M. *A Transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2004. (Dissertação, Mestrado em Lingüística Aplicada).

BAKER, Mona. *In other Words: A coursebook on translation*. London & New York: Routledge, 1992.

BARBARA, Leila. GOUVEIA, Carlos. *Marked or unmarked that is not the question, the question is: Where is the theme?* Direct Papers 45. PUC-SP and University of Liverpool, 2001.

CATFORD, J.C. *A linguistic Theory of Translation*. London: Oxford University Press, 1965.

CATFORD, J.C. *Uma teoria lingüística da tradução*. Campinas: Cultrix, 1980.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da.; PAGANO, Adriana Silvina. *Harry Potter and The Chamber of Secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2003. (Dissertação, Mestrado em Lingüística Aplicada).

DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

DROGA, L; HUMPHREY, S. *Getting Started with Functional Grammar*. Berry NSW: Target Texts, 2002.

FAWCETT, Peter. *Translation and language: Linguistic Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

FIGUEREDO, Giacomo P.; PAGANO, Adriana Silvina Pagano. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Lingüística Aplicada).

FRAWLEY, William. Prolegomenon to a Theory of Translation. In. FRAWLEY, William (Ed.). *Translation: Literary, Linguistic and Philosophical perspectives*. London and Toronto: Associated University Press, 1984.

GUTT, Ernst August. On the significance of the cognitive core of translation. *The Translator*, vol. 11, n. 1, 2005, p. 25-49.

HALLIDAY, M.A.K. Language structure and language function. In. LYONS, John (Ed.). *New Horizons in Linguistics*. Middlesex: Penguin Books, 1970. p. 140-165.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London & Baltimore: Edward Arnold & University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. Modes of meaning and modes of expression: types of grammatical structure, and their determination by different semantic functions. In. ALLERTON, D.J.; CARNEY, Edward; HOLDCROFT, David (Ed.). *Function and context in linguistic analysis*. London & New York: Cambridge University Press, 1979.

HALLIDAY, M.A.K. Corpus studies and probabilistic grammar. In. AIJMER, K.; ALTENBERG, B. (eds.). *English corpus linguistics: Studies in honour of Jan Svartvik*. London: Longman, 1991. p.30-43.

HALLIDAY, M.A.K. On Grammar and Grammaticals. In: HASAN, Ruqaiya; CLORAN, Carmel; BUTT, David (eds). *Functional descriptions: theory in practice*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Press, 1996. p. 1-38.

HALLIDAY, M.A.K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.13-18.

HALLIDAY, M.A.K. Computing meanings: some reflections on past experience and present prospects. In. WEBSTER, Jonathan (ed.) *Collected Works of M.A.K. Halliday: Computational and Quantitative studies*. London and New York: Continuum, v. 6, 2005. p. 239-293.

HALLIDAY, M.A.K.; Christian M.I.M. Matthiessen. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Cassell, 1999.

HALLIDAY, M.A.K.; MATHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HATIM, Basil; MASON, Ian. *Discourse and the translator*. Longman: London and New York, 1990.

HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. *Translation: An advanced resource book*. London and New York: Routledge, 2004.

HERKE-COUCHMAN, Maria. *SFL, Corpus and the Consumer: An exploration of theoretical and technological potential*. Sydney: Department of Linguistics of Macquarie University, 2006. (Tese, PhD. Linguística).

HOLMES, James S. The name and nature of translation studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, [1972] 1988. p.66-80.

HOUSE, Juliane. How do we know when a translation is good? In: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.127-160.

HURTADO-ALBIR, Amparo. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. *Competência em Tradução: Cognition e Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.19-57.

JESUS, Silvana Maria de; PAGANO, Adriana Silvina. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2004. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada).

JESUS, Silvana Maria de; PAGANO, Adriana Silvina. *Relações de equivalência: a tradução sob a perspectiva da gramática sistêmico-funcional*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2007. (Tese em curso, Linguística Aplicada).

KRESS, Gunther (Ed.). *Halliday: system and function in language*. London: Oxford University Press, 1976.

LEUVEN-ZWART, Kitty M. van. *Translation and Original: similarities and dissimilarities I*. Target, v.1, n.1, p. 151-181, 1989.

LEUVEN-ZWART, Kitty M. van. *Translation and Original: similarities and dissimilarities II*. Target, v.2, n.2, p. 69-95, 1990.

MALMKJAER, Kirsten. *Linguistics and the language of translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

MARTIN, J.R.; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London and New York: Continuum, 2003.

MARTIN, J.R. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff (Ed.). *Evaluation in texts: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p.142-175.

MARTIN, J.R.; MATTHIESSEN, M.I.M.; PAINTER, Clare. *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. A unified theory of register analysis. In: GHADESSY, Mohsen (ed.). *Register analysis: theory and practice*. London: Pinter Publishers, 1993. p. 221-292.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. The System of Transitivity: An exploratory study of text-based profiles. In. *Functions of Language*. Amsterdam: John Benjamins, v. 6:1, 1999. p.1-51.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. The environments of translation. In: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.41-124.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M. Multilinguality: translation — a “feverish” phase in SFL?. 34th ISFC conference info-book – plenary session. Disponível em: <<http://www.humaniora.sdu.dk/isfc2007/ISFC2007.pdf>>. Acesso em:10 de julho 2007.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M.; NESBITT, Christopher. On the Idea of Theory-Neutral Descriptions. In: HASAN, Ruqaiya; CLORAN, Carmel; BUTT, David (eds). *Functional descriptions: theory in practice*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Press, 1996. p.39-83.

MUNDAY, Jeremy. Systems in Translation: A Systemic Model for Descriptive Translation Studies. In. HERMANS, Theo (Ed.). *Cross-cultural Transgressions*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. p.76-92.

MUNDAY, Jeremy. Problems of applying thematic analyses to translation between Spanish and English. In. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: UFSC, n.3, p. 183-213, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Janaina Minelli de; PAGANO, Adriana Silvina. As vozes da Ciência a representação do discurso nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2005. (Tese, Doutorado em Linguística Aplicada).

RODRIGUES, Roberta R.; PAGANO, Adriana, Silvina. *A organização temática em A hora da estrela e The hour of the star*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Poslin, 2005. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada).

SCOTT, Mike. *WordSmith Tools*. Oxford University Press. Disponível em <<http://www.liv.ac.uk/~ms2928/wordsmith/screenshots/index.htm>>. Acesso em: 14 janeiro 2007.

SEMINO, Elena.; SHORT, Mick. *Corpus Stylistics. Speech, writing and thought presentation in a corpus of English writing*. London: Routledge, 2004.

SINCLAIR, John. Introduction. In: GHADESSY, M. *et al.* (Ed.). *Small corpus studies and ELT: theory and practice*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.xvii-xxiii.

SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies: An integrated approach*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

STEINER, Erich. Intralingual and interlingual versions of a text: how specific is the notion of translation. In: Steiner, E., YALLOP, C. . (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin, New York: Mouton de Gruyer, 2001a. p.161-190.

STEINER, Erich. Translations English - German: investigating the relative importance of systemic contrasts and of the text-type "translation". In. SPRIK reports (org.). *Proceedings of the Symposium "Information structure in a cross-linguistic perspective", held at the Norwegian Academy of Science and Letters, November 30 - December 2, 2000*. Oslo: Norwegian Academy. 2001b.

STEINER, Erich. *How (translated and otherwise interlingual) texts work is our way into what, why and to what effects*. TARGET. Amsterdam: John Benjamins, v.13 ,n.2 , p. 343 - 348, Jun. 2002.

TEICH, Elke. Towards a model for the description of cross-linguistic divergence and commonality in translation. In: STEINER, E., YALLOP, C. . (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin, New York: Mouton de Gruyer, 2001. p.191-228.

THOMPSON, Geoff. *Collins Cobuild English Guides 5: Reporting*. London: Harper Collins Publishers, 1994.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 1996.

TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus Linguistics at Work*. Amsterdam: John Benjamins [Studies in Corpus Linguistics 6], 2001.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia; PAGANO, Adriana. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Org.). *Competência em Tradução: Cognição e Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.177-207.

VENTURA, C. LIMA LOPES, R. O tema: caracterização e realização em português. Direct Papers 47. PUC-SP e University of Liverpool, 2002.

VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000. p.

VERMEER, Hans J.. Skopos and Comission in translational action. Trad. Andrew Chesterman. In: VENUTI, Lawrence. The Translation Studies Reader. London: Routledge, 2000. p. 221-232.

WHITE, Peter R.R. The appraisal website homepage. Disponível em: <http://www.grammatics.com/appraisal/index.html>. Acesso em 4 de maio de 2007.

**ANEXO I – Lista de termos traduzidos**

<b>Inglês</b>	<b>Português</b>
Act	Ato
APPRAISAL	AVALIATIVIDADE
Attribute	Atributo
asseverative	asseverativo
Carrier	Portador
choice	escolha
choose	escolher
circumstance of angle (point-of-view)	circunstância de ângulo (pont de vista)
circumstance of angle (source)	circunstância de ângulo (fonte)
circumstance of matter	circunstancia de assunto
comment adjunct	adjunto de comentário
conflated	convergente
content plane	plano de conteúdo
context of situation	contexto de situação
delicacy	especificidade
demand	demanda
desire	desejo
dialogic	diálogo
doing	fazer
embedded clause	oração encaixada
enabling	habilitar
exploring	explorar
expounding	explicar
expression plane	plano de expressão
Fact	Fato
Field	Campo
FIGURATION	FIGURAÇÃO
Figure	Figura
flow of information	fluxo de informação
from above	de cima
from around / roundabout	ao redor
from below	de baixo
goods and services	bens e serviços
grammatical demetaphorization	desmetaforização gramatical
Head	Núcleo
hearsay	rumor
hipotaxis	hipotaxe
inclination	inclinação
information unit	unidade de informação
instantiation	instanciação
intensity	intensidade
interrupting clause	oração intercalada

iteration	iteração
level of projection	nível de projeção
logogenesis	logogênese
macrophenomenon	macrofenômeno
metaphenomenon	metafenômeno
metaphenomenon	metafenômeno
modal adjunct	adjunto modal
modality	modalidade
modalization	modalização
Mode	Modo
mode of projection	mode de projeção
modulation	modulação
monologic	monólogo
MOOD	MODO (ORACIONAL)
mood adjunct	adjunto de modo
multivariate	multivariada
multivariate	multivariado
obligation	obrigação
offer	ferta
parataxis	parataxe
prediction	suposição
prepositional phrase	frase preposicionada
presumption	suposição
probability	probabilidade
proposal	proposta
proposition	proposição
qualificative	qualificativo
quote	citação
rank	ordem
rank scale	escala de ordem
realization	realização
recommending	recomendar
report	relato
reporting	relatar
Sayer	Dizente
semogenesis	semogênese
Senser	Experienciador
sharing	compartilhar
speech function	função discursiva
speech function	função discursiva
sequence of events	seqüência de eventos
stratum	estrato
system network	rede de sistemas
TAXIS	TAXE
temporality	temporalidade

Thing	Ente
Token	Característica
TRANSITIVITY	TRANSITIVIDADE
univariate	univariada
univariate	univariado
usuality	usualidade
Value	Valor
verbiage	verbiagem
wording	fraseado

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)